

YANESSA ARLETE GUERRA

**ENTRE UTOPIA E REALIDADE: PROPOSTA PARA A
FRENTE RIBEIRINHA DE ALCOCHETE**

**Orientador (a): Prof^a. Doutora Maria Rita Pais Ramos Abreu de
Almeida**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologia da
Informação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

Lisboa

2020

YANESSA ARLETE GUERRA

**ENTRE UTOPIA E REALIDADE: PROPOSTA PARA A
FRENTE RIBEIRINHA DE ALCOCHETE**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 21/01/2021, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação número 290/2020 de 23 de Dezembro 2020, com a composição:

Presidente: Professor Doutor Pedro Filipe Coutinho Cabral
D'Oliveira Quaresma

Arguente: Professor Doutor Hugo Philipe Herrenschmidt da
Nazareth F.Cerqueira

Orientador: Professora Doutora Maria Rita Ramos Abreu de
Almeida

Vogal: Professor Doutor Mohammed Boubezari

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologia da
Informação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

**Lisboa
2020**

Epígrafe

“(...) You’ll never be forbidden to dream, as long as your dream does not subvert the present oppression. (...)” Franco Berardi, 2017

“(...) Nunca te será proibido de sonhar, desde que os teus sonhos não subvertem a opressão atual (...)” Franco Berardi, 2017

Dedicatória

À minha Mãe, Arlete de Fátima Guerra,

Ao meu Pai, António Guerra,

Aos meus Irmãos,

E a todos que amo.

Agradecimentos

Em cinco anos de estudo, trabalho e muita dedicação não seria possível a presente investigação sem as pessoas que fizeram parte do meu cotidiano e sem os contributos que ajudaram na construção de um ponto de vista diferente, real e sensível, sobre a importância da imaginação e o desenho na Arquitetura.

Quero agradecer, em primeiro lugar, à minha família, começando pelos meus pais que são sem dúvida o meu pilar, a minha laje e o meu telhado, pela minha formação pessoal e profissional, ao transmitirem-me sempre força, coragem e motivação, ajudando-me a manter o foco mesmo em momentos pouco felizes deste processo. Aos meus três irmãos quero agradecer por estarem ao meu lado; a Miriã Guerra, a Josete Guerra e ao Márcio Guerra. O apoio de quem nos ama é fundamental para atingir os nossos objetivos, quer sejam pessoais ou profissionais. Igualmente agradeço ao meu amigo, Paulo Rodrigues, pelo apoio, carinho e dedicação ao longo do curso e também por acreditar em mim no período de elaboração da dissertação.

Agradeço também, a todas as pessoas que entraram na minha vida inesperadamente, que cruzaram o meu caminho ao longo destes anos e cultivaram em mim a capacidade de aprender muito mais. Considero muito as minhas parceiras que nunca me deixam desistir; a Rosa Bequengue, a Patrícia Alberto, a Keuryvandra Neto, a Keuryzandra Neto e Lara Carvalho. E aos meus amigos, Luís Campos e o Luís Anacleto.

Quero em especial agradecer a Professora Maria Rita, por ter recebido de braços abertos o tema da dissertação, por me ajudar a compor cada etapa da investigação, por acreditar e por me fazer sentir que todo este trabalho é meu. Agradeço ao professor Hugo Nazareth Fernandes, por me ter encorajado na concretização desta investigação, por transmitir-me a sua força e o seu conhecimento e por me ter ajudado a libertar os medos e as angústias. E a todos os professores que me acompanharam durante o curso e me ajudaram a acreditar que o empenho é fundamental para crescermos e ultrapassarmos as nossas dúvidas.

Muito Obrigado!

Resumo

A presente dissertação integra um conjunto de conceitos, organizada de modo a permitir atingir uma ideia compreensível entre a realidade e a possibilidade utópica, ou seja, abraça a realidade, ao mesmo tempo que integra a imaginação. A premissa essencial nesta investigação defende, que na ausência da realidade, há imaginação.

Para melhor compreender esta abordagem, procuramos ao longo da investigação entender o território da zona ribeirinha de Alcochete e estudar uma solução que permita um novo olhar e uma nova vida. O estudo de caso real incide sobre o concelho de Alcochete conhecido como património natural em contexto ribeirinho na margem sul do Tejo. Toda a zona pertence à Área Metropolitana de Lisboa, com ligação ao Estuário do Tejo e à capital através da ponte Vasco da Gama. O local apresenta características mistas entre o rural e o urbano, entre o natural e o construído.

Atualmente, apresenta-se um dos maiores desafios dos últimos tempos para a humanidade – as Alterações Climáticas. Estas alterações têm várias explicitações já conhecidas como o aumento ou descida das águas . Propomos perspetivar cenários para o impacte da subida da água face a frente ribeirinha do município de Alcochete e elaborar uma estratégia que estimule uma visão imaginativa do lugar.

Com base em fatores reais, do passado e do presente, esta investigação de mestrado quer dar uma resposta a um futuro. Um futuro utópico, que capte todas as virtudes do lugar analisadas, pois acredita-se que a utopia é algo do imaginário, podendo ser conceptual. Pensamos que pode dar uma resposta analógica ou até material para o futuro. E, como a dissertação é um culminar de todos os conceitos, destacamos a distopia e a utopia como sinónimos de formas a justificar o novo objeto intencional desenhado, encorajando um modelo contemporâneo de apropriação do território, talvez uma *ustopia*

Palavras-chave: Arquitetura; Emergência Climática; Distopia; Frentes Ribeirinhas; Utopia;

Abstract

This dissertation integrates a set of concepts, organized such a way as to achieve a in order to reach an understandable idea between reality and a utopian possibility. That is, it embraces the component of reality and imagination. The main premise of this investigation argues that in the absence of reality, there is no imagination.

To better understand this approach, I seek throughout the research, to understand the territory of the riverside area of Alcochete and to study a solution that allows a new perspective and a new life. The case study focuses on the municipality of Alcochete, a waterfront on the south Tagus, belonging to the Lisbon Metropolitan Area and connected to the Tagus estuary and the capital through the Vasco da Gama. It is known as a natural heritage site.

Unfortunately, it faces one of the biggest challenges the world is encountering today - Climate Change, in the context of rising average water levels, or even decreasing levels. We propose of this global consequence that is taking place at this moment in time is to envisage scenarios for the impact of the water rise on the waterfront of the municipality of Alcochete and to devise a strategy that stimulates an imaginative vision of the place.

Based on real factors, past and present factors this dissertation study provides different solutions for the future. A utopian future in our case, that could capture all the virtues of the analyzed location. It is believed that utopia is something of the imaginary, conceptual, that can respond to the future, ecologically thought of after the climatic consequences by dystopia of the scenario of rising water levels. Furthermore, since the dissertation is a culmination of all concepts, dystopia and utopia stand out as synonyms in order to justify the new intentional object designed, encouraging a contemporary model of territory appropriation.

Keywords: Architecture; Climate Emergency; Dystopia; Riverside fronts; Utopia;

Abreviaturas e símbolos

AML- Área Metropolitana de Lisboa

APA - Agência portuguesa do ambiente

CE – Comissão Europeia

CMA - Camara Municipal de Alcochete

ICNF- Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

IPCC- Painel intergovernamental das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas

GEE - Gases com efeito de estufa

MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

NMM - Nível Médio do Mar

NVM - Nível do Mar

ONU - Organização das Nações Unidas

OT - Ordenamento do Território

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

PDM - Plano Diretor Municipal (Alcochete)

PROT-AML - Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa

RAN - Reserva Agrícola Nacional

REN - Redes Energéticas Nacionais

SIAM - Climate Change in Portugal. Scenarios, Impacts and Adaptation Measures

SS/ FPGA - Salinas do Samouco / Fundação para a Proteção e Gestão Ambiental

UV – Raios Ultra-Violeta

Índice de Imagens

| | |
|--|----|
| Figura 1: Mapa da Área Metropolitana de Lisboa e da Lezíria do Tejo | 16 |
| Figura 2: Planta do território do concelho de Alcochete | 17 |
| Figura 3: Município de Alcochete: três freguesias..... | 17 |
| Figura 4: Imagem ponte Vasco da Gama..... | 19 |
| Figura 5: Igreja da Santa Casa Misericórdia | 23 |
| Figura 6: Capela de Nossa Senhora da Vida | 23 |
| Figura 7: Convento dos Recoletos | 23 |
| Figura 8: Igreja Matriz | 23 |
| Figura 9: Mapa da Reserva Natural do Estuário do Tejo..... | 26 |
| Figura 10: Gráfico das espécies mais frequentes no Estuário do Tejo... Erro! Marcador não definido. | |
| Figura 11: Traçado urbano do município de Alcochete | 35 |
| Figura 12: Traçado e morfologia urbana do município de Alcochete..... | 35 |
| Figura 13: PDM - Carta de Ordenamento do Território | 36 |
| Figura 14: PDM - Carta de Ordenamento do Território - Espaços Naturais..... | 38 |
| Figura 15: PDM - Carta de Ordenamento do Território - Espaços Rurais..... | 39 |
| Figura 16: PDM - Carta de Ordenamento do Território - Espaços urbanos | 41 |
| Figura 17: Praia de Alcochete, 2019, Fonte: Yanessa Guerra | 44 |
| Figura 18, 19 e 20: Fonte: https://www.timeoff.pt/2019/07/salinas-do-samouco-a-natureza-no-seu-estado-puro-e-selvagem.html/ , Fonte: https://www.timeoff.pt/2019/07/salinas-do-samouco-a-natureza-no-seu-estado-puro-e-selvagem.html/ , Fonte: https://olhares.com/samouco-foto8737351.html | 45 |
| Figura 21 e 22: Planta halófito Salicornia nas salinas do Samouco | 46 |
| Figura 23, 24 e 25: Esquema ilustrativo do género Salicornia..... | 48 |
| Figura 26: Emissões globais anuais de GEE de origem antropogénica. | 51 |
| Figura 27: IPCC – Temperature scenarios- IPCC 4th Assessment Report..... | 51 |
| Figura 28: Emissões globais de GEE de origem antropogénica..... | 52 |
| Figura 29 e 30: Micheal Oppenheimer, Ice Sheets, Sea level and the Increasing risk to Deltas | 54 |
| Figura 31: Diagnostico Setorial Riscos e Proteção Civil (2010) – PROT-AML | 57 |
| Figura 32: Subida do nível do mar, o primeiro cenário apoiado na tabela das médias projetadas com uma melhor elevação de 0.50m nas Salinas do Samouco..... | 62 |
| Figura 33: Subida do nível do mar, o segundo cenário apoiado na tabela das medias projetadas com uma elevação recomenda de 0.90m nas Salinas do Samouco. | 62 |

| | |
|--|----|
| Figura 34: Subida do nível do mar: o terceiro cenário apoiado na tabela das médias projetadas com uma pior elevação de 1.38 m..... | 63 |
| Figura 35: Subida do nível do mar: os quatro cenários apoiado na tabela das médias projetadas com uma elevação extrema de 3.77 m..... | 64 |
| Figura 36 e 37: Fonte: https://www.publico.pt/2019/11/13/mundo/noticia/veneza-vai-declarar-estado-emergencia-devido-cheias-ja-mataram-duas-pessoas-1893555 ; Fonte: https://www.publico.pt/2019/12/20/sociedade/fotogaleria/cheias-douro-399234 | 65 |
| Figura 38: Fonte: projeto bird port, Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019..... | 76 |
| Figura 39: Fonte: projeto bird port, Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019..... | 77 |
| Figura 40: Fonte: projeto bird port Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019..... | 79 |
| Figura 41: Fonte: projeto bird port, Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019..... | 80 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Cenário da subida do nível do mar..... | 60 |
|--|----|

Índice

| | |
|---|-----------|
| Epígrafe | 3 |
| Dedicatória | 4 |
| Agradecimentos..... | 5 |
| Resumo | 6 |
| Índice de Imagens | 9 |
| Índice de Tabelas | 10 |
| Introdução | 12 |
| Objetivos..... | 13 |
| Metodologia | 14 |
| Organização | 15 |
| 1. Entre Alcochete e o Samouco..... | 16 |
| 1.1. O lugar como património natural..... | 21 |
| 1.2. O território dual: entre a coroa periurbana e a paisagem naturalista | 30 |
| 1.2.1. Traçado urbano: paisagem e território | 34 |
| 1.2.2. Elementos geradores de paisagem..... | 42 |
| 1.2.3. Salicórnia: o elemento da água e da terra | 45 |
| 2. Cenários de alterações climáticas entre o Alcochete e o Samouco..... | 50 |
| 2.1. Alterações climáticas | 50 |
| 2.2. Cenários do aumento do nível médio da água | 56 |
| 2.3. Realidade e perspetiva de futuro | 64 |
| 3. “A origem e a utopia” | 66 |
| 3.1. Utopia | 67 |
| 3.2. Distopia | 70 |
| 3.3. Utopia e distopia no Samouco | 73 |
| 3.3.1. Projeto <i>Bird Port</i> | 74 |
| 4. Considerações Finais | 81 |
| Bibliografia..... | 84 |
| Apêndices | 91 |

Introdução

O tema desta dissertação de mestrado integrado em arquitetura debruça-se sobre uma nova perspetiva projetual para o território do complexo das Salinas do Samouco, localizadas entre Alcochete e o Montijo. O estudo de caso incide no município de Alcochete, localizado na margem sul Tejo, na península de Setúbal e será motivo de uma reflexão mais alargada.

A escolha deste lugar pesou muito, devido ao facto de estar a fazer o mestrado integrado em arquitetura. Neste momento surgiu, a oportunidade de investigar um local no qual foi vivenciado por mim desde muito cedo e desde então, desperta-me uma particular atenção por ser um lugar tão peculiar. O interesse aumentou ainda mais, após participar no workshop *Internacional Waterfront Winterschool Workshop, Waterfront Climate SOS* (2019), que resultou no projeto *BirdPort*, um projeto internacional de estudantes que renuiu diferentes abordagens culturais para prever diferentes cenários futuros, dentro da imprevisibilidade das mudanças climáticas globais, em busca da resposta para a pergunta "Como pousar em novas camadas de Salinas do Samouco?", logo após ao aumento do nível da água. Este projeto abordou tópicos como o aquecimento global, o aumento do nível da água e a responsabilidade política de explorar o ambiente.

O tema das alterações climáticas é muito recente na medida em que marca a atualidade com algumas problemáticas, que vão surgindo nas principais cidades diretamente ligadas à água. No caso, o município de Alcochete está envolvido pelo rio Tejo e devido à proximidade ao mar, existe uma variação de marés diárias, que abre o discurso sobre novos desafios tecnológicos, novas condições de vida, habitação diferente e essencialmente com as gerações que podem vir adaptar-se à situação global.

As salinas já são hoje um território difícil de manter devido a sua expansão, pois são estruturas que sofrem grande erosão ao precisarem de manutenção regular, que consiste na conservação dos muros e proteção das divisórias entre tanques, para possibilitar um desenvolvimento económico associado a este sistema bio diversificado. Então, deste modo como é que as Salinas do Samouco iram sobreviver as mudanças globais neste território?

Estas eventualidades aumentarem o propósito, pela busca de unir a arquitetura com as causas globais. Deste modo, o presente trabalho faz uma reflexão acerca do futuro e da possibilidade que a arquitetura pode ser a base disciplinar de projeto como

resolução de uma problemática, especificamente uma distopia. Num cenário de alterações climáticas, onde se prevê a subida do nível das águas das mares e da bacia hidrográfica neste território. Neste projeto podemos imaginar um cenário real habitado e, ao mesmo tempo edílico para as Salinas do Samouco em que não pretendemos responder de forma física, mas com um processo de pensamento que inclua reflexões acerca da impossibilidade do futuro de locais como este.

Objetivos

Com base na oportunidade de dedicar a investigação ao município de Alcochete, é questionado o porquê de toda uma inclusão de conhecimentos e possibilidades a dar resposta a uma proposta posterior para o território das Salinas do Samouco.

Os objetivos deste estudo, para além de se relacionarem visam contribuir para o conhecimento e valorização do lugar, mostrando um conjunto de hipóteses para a construção de um pensamento.

O primeiro objetivo visa compreender a essência do território presente, enaltecendo as suas características marítimas, rurais, naturais e urbanas. Seguidamente, apostar numa visão global com a problemática das alterações climáticas em relação a subida das águas ao realizar prevendo cenários futuros, mas também compreender o fenómeno da utopia e da distopia, como possibilidades de visão de futuros possíveis.

Seguindo a ideia de Maurice Merleau-Ponti na sua obra *L'Oeil et le Sprit*¹ que explica a importância da experiência da arte na compreensão do fenómeno, o trabalho que aqui propomos apresenta uma leitura utópica. É uma proposta arquitetónica que reflete a problemática aqui trabalhada explicita questões, no âmbito da “experiência da arte” e irá ter como base o culminar dos conceitos de utopia e distopia, de modo a possibilitar leituras que extravalem as leituras mais contidas. Assim, um dos principais objetivos desta proposta é demonstrar, que a distopia decorre da utopia no sentido imaginário de possibilidades futuras do território das Salinas do Samouco, em busca da captação da envolvimento de um novo cenário natural e humano, sem ultrapassar a irrealidade.

1 Merleau-Ponti, Maurice (1961) *L'œil et l'esprit*, in *Art de France*, volume 1, n 1, janvier 1961 (texto de 1960). (republicado Éditions Gallimard em 1964 e a partir de 1985 na coleção «Folio/Essais»)

Metodologia

A metodologia adotada para a realização da presente dissertação de mestrado em arquitetura apresenta-se, essencialmente numa combinação de quatro metodologias diferenciadas e complementares.

Em primeiro lugar, a investigação começa com um extenso trabalho de recolha de fontes primárias e secundárias existentes. Esta recolha assenta fundamentalmente na pesquisa de informação histórica e morfológica da evolução do território, uma vez que, grande parte da informação foi obtida através da Câmara Municipal de Alcochete que descreve nitidamente a memória deste lugar. Esta primeira fase é igualmente conjugada com uma reflexão que cruza, os registos de mapas com as leituras primárias e secundárias do lugar para uma compreensão real e alargada.

Em segundo lugar, reflete-se acerca das alterações climáticas baseada sobretudo, em fontes secundárias sustentada com dados científicos para uma reflexão mais concreta. Assim como, apoia-se essencialmente no método dedutivo que parte de uma observação global para se partir para a compreensão de possíveis cenários futuros para o local. Os cenários futuros realizados tornaram-se influentes para desencadear a reflexão da última fase do trabalho e compreendermos a complexidade da problemática aqui abordada.

Em terceiro lugar, considera-se sobre a questão da utopia e da distopia com base de pensamento alicerçada em alguns livros existentes desta matéria como, de Thomas Moore e o da *Utopia e Dystopia*², igualmente acompanhada com obras artísticas, que se apresentam como interpretações livres correntes que fazem pensar mais além.

Por último, e como forma de utilização de metodologias mais ligadas ao âmbito disciplinar da arquitetura, propomos um método de *Research by Design*, método que através de uma proposta concreta, mas distópica, aborda possibilidades menos comuns, mas que permitem uma maior discussão na formulação de cenários futuros nas Salinas do Samouco, mas igualmente em outros locais, onde estas possibilidades possam também ser consideradas.

² *Utopia / Dystopia*. Edited by Pedro Gadanho, with João Leia and Susana Ventura. Fundação EDP, printed in Portugal em 2017.

Deste modo esperamos, que neste cruzamento de métodos de trabalho, encontremos um lugar de conhecimento, pouco definitivo, mas muito pertinente para o estudo de fenómenos semelhantes.

Organização

Este trabalho está organizado em quatro partes na prática, estas correspondem aos três capítulos e uma última fase que se caracteriza no manifesto ilustrativo das Salinas do Samouco, entendo a investigação como um processo faseado e sequencial.

O primeiro capítulo – “Entre Alcochete e o Samouco”, resulta na contextualização do território face a sua compreensão e a sua interpretação. Este primeiro capítulo agrega todo um interesse específico, mostrando um conjunto de temáticas que valorizam todo este município.

O segundo capítulo - “Cenários de alterações climáticas entre Alcochete e o Samouco”, decorre dos estudos desenvolvidos mundialmente sobre a temática das alterações climáticas, especificado a subida do nível médio das águas do mar *a posteriori* no território em estudo com cenários representativos que estudam possíveis metamorfoses climáticas que iram estabelecer um confronto entre o urbano e o sensível ecossistema da reserva natural do Tejo.

O terceiro capítulo – “A origem e a utopia “ é considerado o capítulo fulcral da investigação, representa-se pela apreciação da situação climática futura e por uma especulação positiva mediante ao cenário distópico perante a problemática. A visão abrangente deste capítulo conjuga perspetivas em torno da problemática lançada, alcançando o conceito de um futuro projeto.

A quarta parte deste trabalho é o momento prático, onde se estabelecem as ligações de todas as visões abordadas anteriormente. É um segundo plano complementar e explicativo que apresenta uma proposta arquitetónica com carácter prospetivo e, em certa forma ficcional. A aparência final fantasiosa e ligeiramente idílica, prende-se com a vontade de deixar uma leitura de semblante parcialmente utópico e parcialmente distópico. Esta última parte apresenta-se, em apêndice, como se de um livro se tratasse, numa serie de imagens de projeto comentadas em torno de questões centrais da reflexão. Desta forma ilustra-se, quase ficcionalmente um cenário futuro.

1. Entre Alcochete e o Samouco

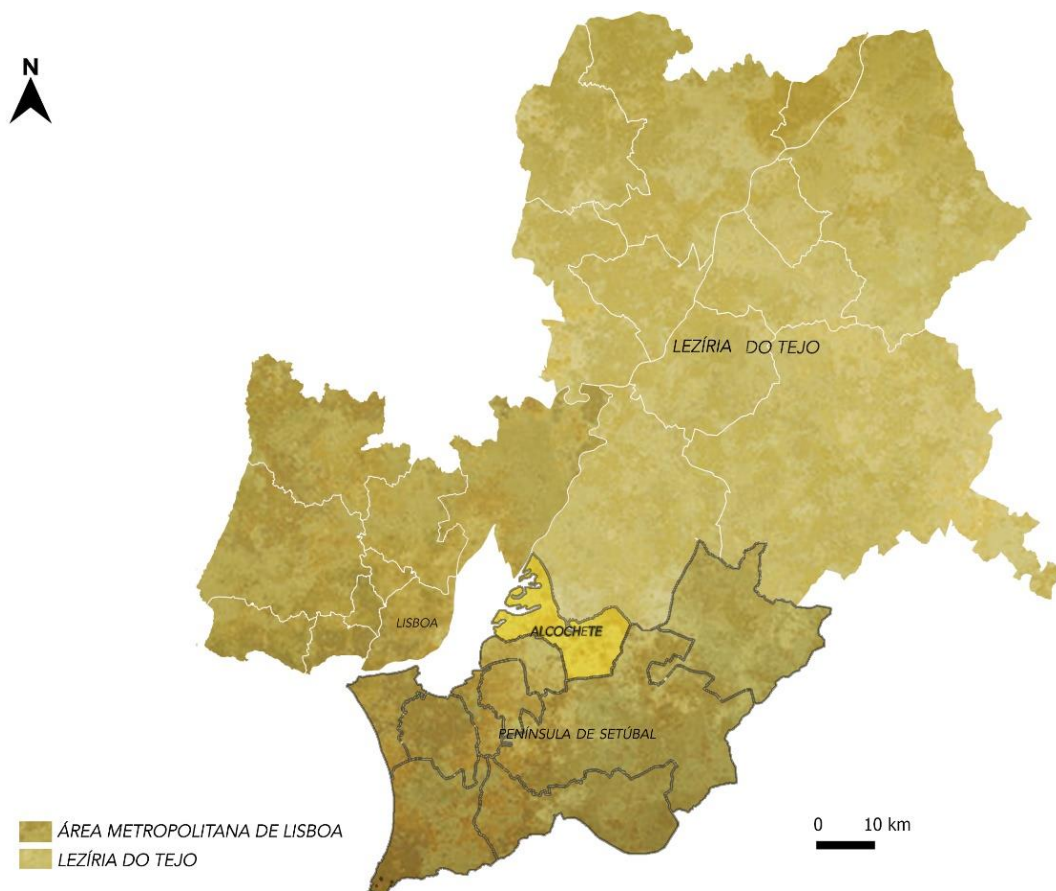


Figura 1: Mapa da Área Metropolitana de Lisboa e da Lezíria do Tejo, em destaque o concelho de Alcochete

O presente capítulo propõe enquadrar e destacar a importância do *lugar* e dos conceitos que defendem reflexões que originam o pensamento crítico em arquitetura. A estrutura do *lugar* expressa-se em totalidades ambientais, que incluem os aspetos do espaço e do seu carácter.” Esses lugares são chamados de “países”, “regiões”, “paisagens”, “assentamentos” e “construções” (Norberg-Shulz, 1996, p.452).

Associado ao conceito real de região, o município de Alcochete insere-se no sistema urbano nacional - Área Metropolitana de Lisboa- onde integra o seu limite territorial na Península de Setúbal, fazendo fronteira com Lezíria do Tejo e inclui traços de identidade social e cultural dessa região.

Considera-se um *lugar* como um espaço físico, mas igualmente um espaço social, transformado ao longo da história perante um desenvolvimento social. Enquanto entidade arquitetónica, comporta três componentes – a configuração; o uso, o significado e o tempo – interligados entre si.

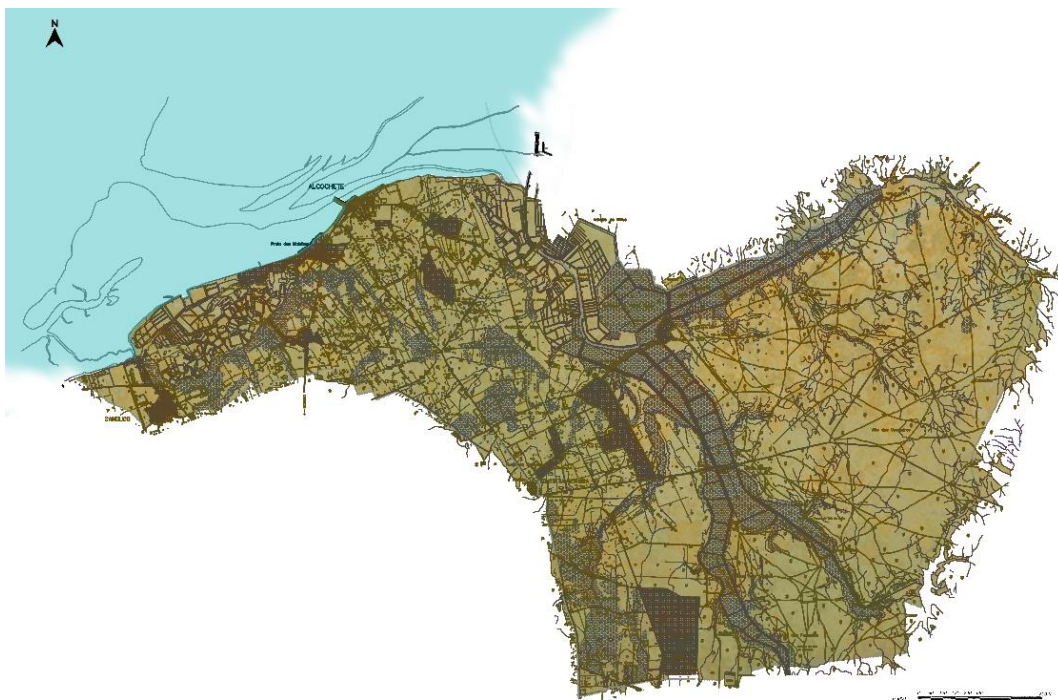


Figura 2: Planta do território do concelho de Alcochete

Perante uma aproximação em evidência da estrutura morfológica do lugar em estudo, durante os últimos anos, o município de Alcochete demonstrou uma expressiva dinâmica demográfica, económica e urbanística em consequência da relação de aproximação a Lisboa. É de destacar que o município está dividido em três freguesias – Alcochete, Samouco e São Francisco – que por sua vez, em termos espaciais formam



Figura 3: Município de Alcochete: três freguesias – Alcochete (à direita), Samouco (à esquerda) e São Francisco (a central); sem escala gráfica

um “arco urbano” que de certa forma, aproxima a relação entre a rede urbana e os valores evidentes no estuário do Tejo.

Os lugares são espaços que sustentam expressão própria. A expressão do lugar designa-se pelo carácter de um conjunto de fatores da natureza física e social de valores culturais que asseguram à construção por meios financeiros que suportam, as influências climatéricas e topográficas.

Os “lugares são designados por substantivos” (Norberg-Shulz, 1996, p. 452), a freguesia de Alcochete, a freguesia de Samouco e a freguesia de S. Francisco “coisas reais que existem”, têm um sentido e reúnem um sistema de relações. Em comum, todas contam uma história que agrega a cultura e as tradições, transbordam identidade própria pela relação que estabelecem com a zona ribeirinha do rio Tejo, que revela a cumplicidade e coexistência das suas raízes rurais³ e marítimas⁴ com atividades, como a salicultura, a plantação e o cultivo de vinhas, que expandem o património natural único, o património histórico e cultural desta grande superfície.

O crescimento deste município, derivou da motivação e construção da Ponte Vasco da Gama, uma estrutura que permitiu interligar um obstáculo natural, as margens do Rio Tejo. É uma ponte sobre o estuário do rio, na área da Grande Lisboa, que liga a margem sul, a cidade do Montijo e o município de Alcochete a Lisboa. Esta construção marcou a cidade de Lisboa em 1998, numa homenagem aos 500 anos da chegada de Vasco da Gama à Índia, ocorrida em 1498, isto é, uma homenagem aos Descobrimentos.

³ Segundo a câmara municipal de Alcochete, nos séculos XII e XIII havia como base a atração pelo trabalho de forma a explorarem as quintas existentes no território, cuja produção agrícola abastecia Lisboa. O território foi sempre bastante fértil e propício ao cultivo, a pesca e a agricultura estão entre as suas principais atividades económicas. A ruralidade da permanece imortalizada com a estátua do cavador, é uma homenagem aos trabalhadores rurais. As raízes rurais e agrícolas da população são, anualmente, celebradas com a realização das tradicionais festas de confraternização camponesa.

⁴ As raízes marítimas são marcadas pelos descobrimentos, devido a economia e a sociedade local, alicerçada durante anos como forma de sustento do povo. A proximidade com o rio que se revelou num fator importante, quer para o transporte dos produtos agrícolas produzidos, quer na formação de núcleos urbanos neste local desde meados do século XIII até princípios do século XIV - de Alcochete partiam grandes quantidades de madeira para Lisboa, aqui chegavam novos produtos e pessoas. Atualmente, existe uma festa que é mantida pelos marítimos, de forma a celebrarem esta tradição (CMA,2019).

A ponte se estende lépida e forte sobre o rio. Ela não junta as margens que já existem as margens é que surgem como margens somente porque a ponte cruza o rio. É a ponte propriamente dita que faz com que as margens fiquem uma defronte da outra. É pela ponte que um lado se opões ao outro. Tampouco as margens correm ao longo do rio com faixas de fronteiras indiferentes da terra firme. (Heidegger, cit Norberg-Shulz, 1996)



Figura 4: Imagem ponte Vasco da Gama com ligação de Lisboa a Alcochete. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_Vasco_da_Gama

A expressão do lugar é apreendida a partir de sinais ou atributos visuais que emitem informação relativa, em relação a localização e a orientação, isto é, permitem aqueles que usufruem saber onde estão e para onde vão.

A ponte liga o Ser a uma certa “localização” que podemos chamar de “lugar”. Só que esse lugar não existia como entidade antes da ponte (embora sempre houvesse muitos “sítios” ao longo da margem do rio em que o lugar poderia surgir), mas se faz presente com e como ponte. (Heidegger, cit Norberg-Shulz, 1996)

O fenómeno do lugar leva-nos a concluir, que a estrutura do lugar deveria ser classificada como “paisagem e “assentamento” e analisada por categorias como “espaço” ou “carácter”. Enquanto "espaço" indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o "carácter" denota a "atmosfera" geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar. Em vez da distinção entre espaço e carácter,

podemos partir de um conceito amplo, como o de "espaço vivido" (Norberg-Shulz, 1996, p. 449).

A arquitetura pertence à poesia, e o seu propósito é ajudar o homem a habitar (Norberg-Shulz, 1996, p.459). Segundo Norberg-Schulz, *genius loci* é um conceito romano, que se identifica com o "espírito do lugar" e dá vida às pessoas e aos lugares, determinando o seu carácter ou essência. O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar significados presentes de modo latente no ambiente dado (Norberg-Shulz, 1996, p. 454).

O *genius* tem como principal característica a sobrevivência de uma boa relação com o lugar tanto no sentido físico como psíquico. Usamos a palavra "habitar" para nós referimos às relações entre o homem e o lugar. Quando o homem habita, está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um determinado carácter ambiental (Norberg-Shulz, 1996, p.455).

O conceito de organização do espaço surge, como organização do território e como necessidade de valorizar o lugar onde o ser habita. Consagra-se, desta forma uma atitude cultural face ao território onde decorre a vida humana de distribuição coerente de funções, usos e aptidões respeitando a sua realidade física e cultural, permitindo a optimização do uso e do desenvolvimento das suas potencialidades endógenas (Fadigas,1996). O tempo e o movimento são, por isso, essenciais para assegurar a dimensão ambiental humana que qualifica os habitats (Fadigas,1996, p.3).

A Assembleia Municipal de Alcochete, aprovou o PDM (Plano Diretor Municipal) a 27 de dezembro de 1995. O PDM é um instrumento que regula e estabelece estratégias de desenvolvimento territorial. Além disso é um modelo de organização espacial do território municipal e tem por base a classificação e a qualidade do solo. Este documento torna-se num manual para os homens que habitam neste território e, também para quem nele quer habitar e construir. É um modelo feito para o lugar, na qual referencia os planos municipais de ações territoriais. Neste documento, desenvolvem-se estratégias de apropriação do território e a importância à frente do rio. As frentes de água apresentam-se como espaços de carácter polarizador, atrativo e dinâmico (Guimarães, 2006). Alcochete preserva o carácter tradicional e o valor ambiental, esta visão surge em defesa de uma escala mais abrangente, que resulta na articulação de Alcochete com núcleos urbanos de maior dimensão, no projeto do Arco Ribeirinho Sul. Neste contexto, a revisão do PDM de Alcochete em 2007, procurou recompor o território face aos problemas evidentes de desajustamento com a realidade e dinâmicas atuais, numa perspectiva estratégica.

Para a frente ribeirinha de Alcochete, definiu-se a prioridade da conservação e da valorização ambiental. As intervenções nas frentes de água devem ter em conta as características endógenas do território, as tendências atuais e futuras e a sua articulação com a envolvente, e devem integrar uma visão estratégica para o território (Batista, Santos & Fernandes, 2016).

1.1. O lugar como património natural

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,
O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.
O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.
O rio da minha aldeia não faz pensar em nada
Quem está ao pé dele está só ao pé dele. (Caeiro, 1925)*

A realidade surge, quando tudo que é património narra uma história e, dentro da mesma descobre-se os segredos que nela se escondem. O concelho de Alcochete é classificado como um dos mais ricos patrimónios naturais do país em ecossistemas e biodiversidade.

Etimologicamente, a palavra “património” deriva do latim “*patrimoniū*”⁵ e abraça o significado da palavra “bens”, isto é, uma coisa que pertence, a *países* e a regiões e transmite um valor, que existe e tem de ser estimado. É um conjunto de *atos* ou *ações* já concebidos historicamente. Na linguagem comum diz-se que os atos e acontecimentos têm um lugar. Na verdade, não faz muito sentido imaginar um acontecimento sem referência a uma localização e, neste sentido, compreende-se que o lugar faz parte da existência humana. (Norberg-Shulz, 1996). Esta pequena alteração culturalmente, estabelece diferenças. Nestas condições quando se fala em *terra* fala-se de uma extensão de paisagem e de património e não em *terra* como equivalente agrônomo do *solo* (Fadigas, 1996, p.4).

Recuar no tempo é conhecer o que se encontra por de trás da essência deste lugar ou território, que brilha intensamente e encanta pelas características únicas que contém o *passado*, o *presente* e o *futuro*. O concelho de Alcochete é rico em memórias culturais de anos e anos. Alcochete é um concelho que se destaca por ser o próprio *centro* do município, potencializado em si, a sede da reserva natural do Estuário do Tejo, que possui diversas salinas e várias espécies de aves aquáticas, conferindo um estatuto especial à freguesia, enquanto porta de entrada para um santuário natural e de conservação de espécies da fauna e flora (CMA, 2019).

No passado longínquo, foi evidenciado por várias estações arqueológicas existentes no território uma ocupação humana no concelho que remonta ao Paleolítico Inferior⁶ e ao Paleolítico Médio⁷, nomeadamente há 28.000 anos, onde atualmente é a estação de serviço da Ponte Vasco da Gama. Porém, é constatado e documentado, que a primeira ocupação humana se refere à presença romana. Confirma-se a presença humana do Neolítico⁸, datada no período entre 5000 e 4500 anos, na freguesia do Samouco, através de comunidades recolectoras e agricultores que exploraram esta terra, deixando instrumentos em pedra e fragmentos de cerâmica.

⁵ *Patrimoniū* - A palavra “património” deriva da etimologia do latim *patrimoniū* (*patri, pai+ moniū recebido*). Segundo diversas pesquisas, o termo está, historicamente, ligado ao conceito de herança.

⁶ Paleolítico Inferior- Segundo os estudos informativos o paleolítico inferior remete a mais antiga subdivisão Paleolítico, um dos períodos mais antigos da Pré-Histórica do homem, que teve início há três milhões de anos e terminou a 250 milhões.

⁷ Paleolítico Médio - As mudanças levaram a uma repartição, surgindo o Paleolítico Médio. Um conceito que alcança um espaço temporal, cultural e geográfico mais específico do período do Paleolítico.

⁸ Neolítico- O neolítico surgiu mais ou menos 10.000 a.C. e prolongou-se até mais ou menos 5.000 a.C. Durante o período Neolítico, os humanos aprenderam a domesticar os animais e a praticar a agricultura, isto é, a cultivar os alimentos. Uma vez, que passaram a dominar a técnica de polir a pedra para a fabricação de instrumentos é também marcado por um período conhecido, como a idade da pedra polida.

São vários os autores que defendem que Alcochete tem origem árabe, pois o topónimo “Alcochete” parece derivar da expressão *Al caxete (forno)*. Após a reconquista passou a integrar uma área dominada pela Ordem de Santiago, de Riba Tejo. Foi nesta vasta região limitada, no século XIII, que os vários povoados ribeirinhos já tinham atividades principais, como a salicultura e a produção de vinho.

Este *lugar*, está igualmente marcado pela época dos descobrimentos. D. Manuel nomeou o concelho de Alcochete como o *foral* – da região partiram grandes quantidades de material (madeira) para a outra margem: Lisboa. A época quinhentista, também marcou este concelho no âmbito arquitetónico, com monumentos como a Igreja Matriz, a Capela de Nossa Senhora da Vida, o Convento dos Recoletos da Ordem de São Francisco - do qual apenas se mantém o pórtico. E, a Igreja da Santa casa da Misericórdia de Alcochete, que atualmente é o museu municipal de Alcochete.



Figura 5: Igreja da Santa Casa Misericórdia, Vila de Alcochete, 1586-1588



Figura 6: Capela de Nossa Senhora da Vida, Vila de Alcochete, 1577



Figura 7: Convento dos Recoletos - pórtico do antigo Convento Vila de São Francisco, 1572

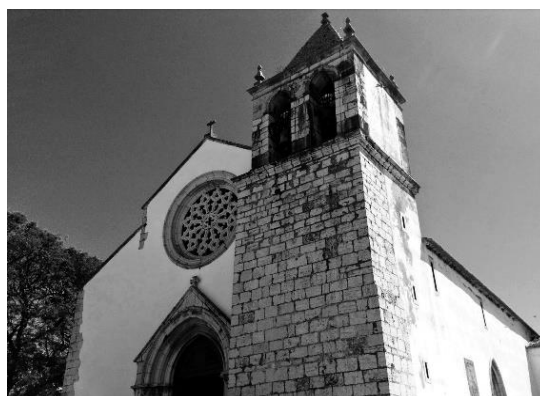


Figura 8: Igreja Matriz (construção provável do templo gótico), Vila de Alcochete, Séc. 14

No início no século XIX a restauração da autonomia do concelho foi marcada pelo desenvolvimento e movimento populacional, devido as atividades agrícolas regionais, como a pesca, a navegação fluvial e a salicultura, que levaram a anulação das principais vias de comunicação substituídas pelo transporte fluvial, permitindo o abastecimento do mercado lisboeta abastecendo-os com seu precioso sal. Porém o *lugar* permaneceu, predominantemente rural até meados do século XX (CMA, 2019). Até que surgiu, a construção da Ponte Vasco da Gama, que ajudou a retomar o crescimento económico e o início da atividade da seca de Bacalhau, proporcionando uma grande expansão territorial, a nível de se tornar num dos maiores centros de secagem de Portugal.

O município é, portanto, atualmente um lugar que possui a sua própria identidade, na afirmação das suas origens históricas, das tradições de cariz tauromáquico, onde o campino e salineiro são figuras de destaque.

Mas além, de conter um património histórico definido pela identidade do lugar, existe um património natural que enaltece as figuras do campino e do salineiro.

O património natural é um sistema que tenta incluir todas as componentes da natureza como, meios ambientes e organismos vivos de ecossistemas que podem ser quantitativamente ou qualitativamente alterados pela ação humana. O olhar a natureza inova o âmbito de proteção e salvaguarda do património, influenciando o processo de conservação, que evidencia o desejo de proteger e o conceito de fazer valer apenas. E, a esta questão enlaça-se a importância dos bens naturais, à sobrevivência dos seres no mundo.

A relação entre o homem e a natureza, manifestou-se desde sempre nos modos de construção e de representação das paisagens, patente ao longo da História da Arte dos Jardins. (Magalhães, 1996, p.110)

O Estuário do Tejo tem um papel fundamental do ponto de vista ecológico e económico, uma vez que nele se concentra todo o material biológico arrastado ao longo do curso do rio, o que transforma o estuário numa zona extremamente rica em seres vivos e de importância fundamental no povoamento da costa marítima (ICNF, 2019), tem um estatuto de excelência devido à diversidade de aves aquáticas e de aves migratórias que escolhem o estuário como habitat durante o inverno (CMA, 2019).

A reserva natural do estuário do Tejo foi criada em 1976, constituindo uma área de 14.192 hectares, que não excede os onze metros acima do nível do mar com uma profundidade de dez metros, abrangendo o concelho de Alcochete, Benavente e Vila

Franca de Xira. É uma área caracterizada por uma extensa superfície de águas estuarinas, campos de vasas recortados por esteiros, mouchões, sapais, salinas e terrenos aluvionares agrícolas. As águas trazidas pela maré formam os sapais, que se desenvolvem nas margens do estuário, e influenciam na região pela produtividade a nível de poliquetas, moluscos e crustáceos, constitui autêntica maternidade para várias espécies de peixes (ICNF, 2019).



Figura 9: Mapa da Reserva Natural do Estuário do Tejo

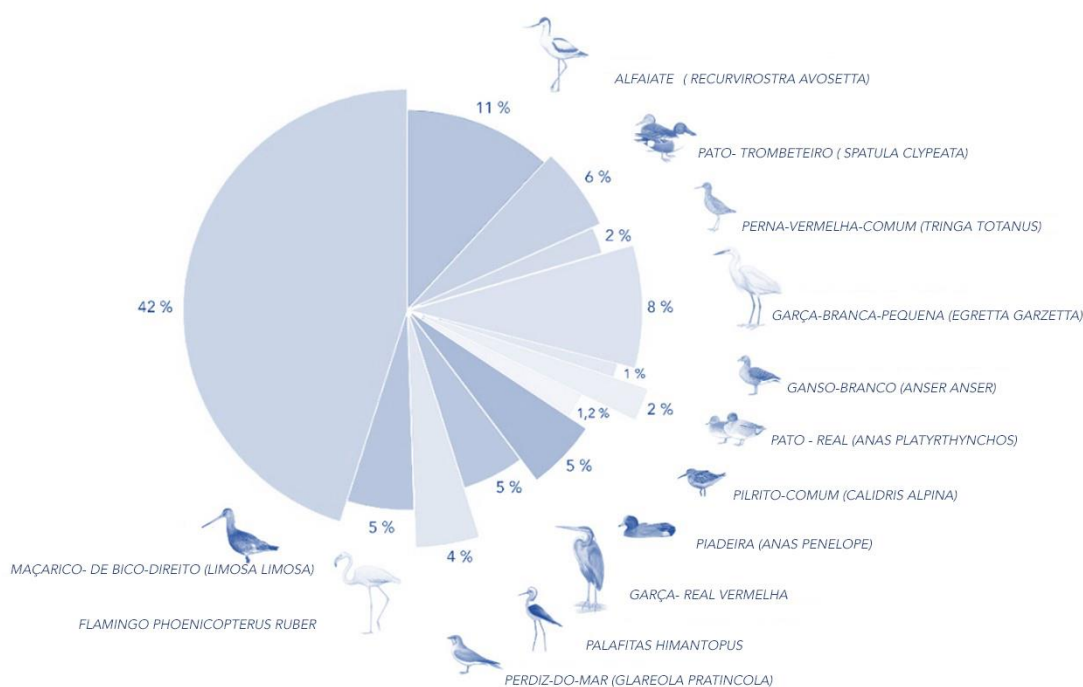


Figura 10: Gráfico das espécies mais frequentes no Estuário do Tejo, nas Salinas do Samouco

No entanto, a avifauna aquática é que atribui ao Estuário do Tejo a importância internacional, pois neste local passam diversas espécies de aves que devem ser resguardadas, como o alfaiate *Recurvirostra avosetta*, e muitas outras espécies atestam igualmente a riqueza biológica e o valor para a conservação da natureza desta região, nomeadamente o flamingo *Phoenicopterus roseus*, o ganso-bravo *Anser anser*, o pilrito-de-peito-preto *Calidris alpina* e o milherango ou maçarico-de-bico-direito *Limosa* (ICNF, 2019). Segue na figura 10, um levantamento das aves mais regulares neste habitat de salinas e de águas estuarinas.

A biodiversidade, significa a diversidade de formas de vida contidas nos processos da natureza, como as diferentes espécies de vegetal, animal e de micro-organismos, e também ecossistemas que fundamentam o valor do património natural.

O papel da natureza é muito importante neste lugar. As salinas ou o complexo de Salinas de Samouco integram-se na reserva natural do Estuário do Tejo, abrangendo uma área de 360 hectares. É considerado um local de alimentação, refugio e nidificação de aves onde se destacam espécies como a *chilreta*, o *pernilongo* e o *borrelho-de-coleira-interrompida* (CMA, 2019).

As Salinas do Samouco estão localizadas na margem sul do estuário do Tejo (29°50.05.39E e 42°87.77.98N, ponto central), prolongando-se ao longo de um cordão dunar, sendo limitado a sudoeste pela vila do Samouco, a nordeste pela vila de Alcochete e a sul pelos campos agrícolas de São Francisco. O complexo é constituído por várias salinas e os seus respetivos tanques, cujo tamanho vai diminuindo à medida que se caminha para o interior, aumentando a complexidade da rede de acessos. Além dos tanques, existe um intrincado sistema de valas, que abastece os tanques com água proveniente do rio Tejo. Também devido ao abandono e degradação de algumas salinas favoreceu a invasão de vegetação halófitas, que se encontra sujeita às marés, dando desta forma origem a algumas manchas de sapal.

As salinas de Samouco apresentam-se como o salgado com a maior riqueza e abundância de aves durante o período de praia-mar de todo o Tejo (CMA, 2019). O fator cultural é, sempre o sal da diferença que não pode ser ignorado (Fadigas, 1996, p.6). Os dois aspetos que tornam as salinas muito mais enriquecedores envolve é a manutenção constante desde 1995 e as áreas de salgado em abandono são exploradas para que o nível da água seja inadequado por parte das aves.

Em contraste com o seu enfraquecimento económico, verifica-se que a riqueza ecológica das salinas tem sido cada vez mais valorizada e reconhecida (CMA, 2019), pois constituem um local de abrigo para muitas aves aquáticas que durante as suas migrações, encontram nos diferentes tanques, um ótimo local para se alimentarem, repousarem e se reproduzirem (CMA, 2019).

As Salinas do Samouco incorporam hoje, para além da produção de sal, um projeto ecológico ambiental de proteção e conservação, desenvolvido durante os anos 2004 a 2006⁹. Oferecem um conjunto extenso de possibilidades de visita, estão organizadas por caminhos pedonais ou cicláveis, num modo de visita que pode ser autónomo ou guiado, estas também proporcionam experiências de observação da avifauna em observatórios estruturados para o efeito, visto que é um local de

⁹ Um projeto financiado pelo programa LIFE-Natureza (Projeto LIFE03 NAT/P/000014) com o objetivo, da otimização de habitats para aves nas Salinas do Samouco – ZPE Tejo de forma a melhorar as condições de habitat para as aves aquáticas que frequentam as Salinas do Samouco. A estratégia passava pela intervenção nos níveis de água das salinas, através da adaptação da sua morfologia (que permite aumentar a precisão no controlo), recuperação de muros e comportas; pela redução do impacto da predação sobre as aves nidificantes, através da criação de locais seguros para nidificação, otimizados e diferenciados: colocação de plataformas flutuantes artificiais e execução de ilhas através de um sistema de estacaria, colocação de cercados, telhas e armações. A execução deste projeto proporcionou o aumento do número de espécies invernantes, de indivíduos, de casais e de ninhos da população reprodutora.

alimentação, e refúgio e nidificação para milhares de aves e outras espécies. A safra do sal e todo o material que lhe está associado, pode ser também conhecida nos renovados tanques da marinha do canto.

No inverno, as salinas assumem-se como um importante local, onde as aves vão procurar abrigo e alimentos alternativos aos espaços que já se encontram cobertos de água. No verão, as salinas são um local privilegiado de nidificação, nomeadamente para a perna-longa *Himantopus himantopus*. Para além, da biodiversidade de seres existentes, existe o famoso *sal* que acompanha a história deste concelho, sendo um bem natural que preenche e envolve a exploração, a conservação e preservação, assegura também a comunidade, a fauna e a flora. Promove o uso sustentável dos recursos naturais, fomenta conjuntamente com outras entidades, atividades de visitaçãõ e programas de educação ambiental visando a divulgação e sensibilizaçãõ sobre zonas húmidas, particularmente sobre salinas e sobre o complexo das Salinas do Samouco. (SS/FPGA, 2019).

*A salina
E das águas salgadas se faz o sal
Em talhos a mulher moura criou
Ventos de verão quente do sapal
Salina à lana terra lhe chamou
Os bangos brancos do sal da terra ´scura
Lamas tempos e homens e salmouraram
Caldeiras da fornhada vida dura
Suores a herança alimentram
Águas bentas e sal os baptizaram
Na Salmoura da vida cal da morte
Tristes rictus as lágrimas secaram
Salina da saudade do valor
Homens de corpo são e alma forte
Que a fé se finda ao temor. (António Rei, 1995)*

O sal produzido pelas salinas, é um sal ideal para consumo, é um produto certificado, que se destina a diferentes usos, nomeadamente, na gastronomia, em piscinas, na vegetação infestante e para a rega de produção de salicórnia. É puro sem qualquer aditivo, um produto controlado onde são realizadas análises constantes, numa

área que se dedica sobretudo à conservação da natureza. “*Sal Marinho produzido de forma artesanal em salinas centenárias, classificado como Tal-Qual Grosso e Tal-Qual Fino.*” (CMA, 2019).

O Estuário do Tejo reveste-se de uma importância histórica e identitária, que se relaciona com as atividades tradicionais do concelho, tomando como exemplo a salicultura (CMA, 2019), uma das maiores atividades do concelho. A salicultura é atividade que ajuda a caracterizar todo este processo de fabrico do sal, um exemplo vivo daquilo que foi durante muito tempo, a principal atividade económica de Alcochete (SS/FPGA, 2019).

As salinas da fundação João Gonçalves Júnior vieram assumir durante anos a prática de salicultura, não deixando cair em esquecimento esta atividade que muito contribuiu para a formação da identidade cultural da população deste concelho. Além de manter viva a tradição de Alcochete, as salinas são cada vez mais reconhecidas pela sua importância ecológica. Atualmente, a Marinha do Canto integrada no complexo de salinas do Samouco é a única salina a produzir sal no Tejo e em Alcochete (CMA, 2019).

Com o auxílio do homem, a valorização da natureza é apreendida explorada ao longo do tempo. A exploração é o uso pleno dos recursos naturais como uma apropriação material, a essência da relação entre o homem e a natureza, por vezes revelada pela história humana, pois o homem atribui e traz à natureza a essência das suas ações e atitudes em relação aos processos naturais que o rodeiam.

Tudo que é valorizado tem um processo, embora os graus de proteção ou de conservação de um sistema natural não possam ser os mesmos em todas as circunstâncias e lugares. Mas os valores, os atributos, os critérios e as estratégias de conservação da natureza são essenciais para a manutenção da componente natural no meio urbano (Fadigas, 1996, p.8).

O sistema natural da água que incorpora as Salinas do Samouco, geralmente é um sistema aberto, completo e autónomo, alimentado do exterior, o rio Tejo. A água é um elemento essencial natural nativo do Estuário do Tejo chega até ao esteiro e segue para o viveiro, isto é, para o reservatório de água, e instala-se durante um determinado período formando partículas insolúveis, num processo que contextualiza a conservação integrada de um sistema natural controlado por um sistema de comportas¹⁰ e portas.

¹⁰ A comporta regula ou controla o escoamento, especialmente da água.

Estas águas expostas ao sol e ao vento vão evaporando e conseqüentemente concentram as águas o processo é acompanhado diariamente pelo salineiro de forma a controlar a circulação, níveis e concentrações da água [...] com o auxílio do rodo o sal é rapado formando pequenos peões de sal (montes de sal) onde fica a secar durante uns tempos, de seguida é levado para a serra de sal onde fica a completar o processo de secagem, assim que completa esta fase o sal é extraído da serra e levado para a casa do sal (local de armazenamento do sal) onde é feito o ensacamento, este processo dura normalmente até meados de Setembro. (SS/ FPGA, 2019)

Esta área da reserva natural, que pertence ao município de Alcochete sustenta um sistema em rede naturalista, em que se insere o arcaico, o versátil e o complexo, porém um objeto íntegro que relaciona o espaço contextualizado definido no seu tempo desenvolvendo a criação da forma no todo.

1.2. O território dual: entre a coroa periurbana e a paisagem naturalista

No âmbito deste território, está presente a ideia de paisagem em todas as suas ações: natural e humana. Constata-se um valor que se considera único, com a essência de harmonia dos espaços existentes, conectando-os naturalmente com a natureza. Articula-se neste conjunto, as vilas, os edifícios, isto é, o contexto urbano, os campos agrícolas, as praias fluviais que permitem, o uso da pesca e o de uso familiar ou comum das Salinas do Samouco, que essencialmente evidenciam a importância do património naturalista, pela extensão e atividade industrial (o sal). Para além disso, pertence a reserva natural do estuário do Tejo que crê a sua biodiversidade natural, pela variedade de espécies aquáticas e aéreas.” *A origem da palavra paisagem é da responsabilidade do poeta Jean Molinet, que em 1493 utilizou este termo com o sentido de “quadro representando uma região”.* (Roger, cit Alves, 2001, p. 67)

A “geografia da paisagem” foi especialmente importante para Portugal, até abril de 1974, uma vez que até esta data predominava no nosso país uma “ideologia rural, tradicionalista, ciosa de uma memória histórica e das particularidades do território, matizado pela orografia, pela interioridade ou pela proximidade ao mar, pela sua diversidade paisagística e pelo folclore associado a uma imagem idílica e romântica das suas gentes” (Domingues, 2001, p.56). Ou seja, a paisagem identificou-se com uma dupla condição da realidade física em relação às construções ideológicas, socialmente incutida e difundida como um dos fatores centrais da identidade nacional (Corbin, cit. Domingues, 2001).

A paisagem é tudo, é um diagnóstico de uma organização humana do território. A paisagem não é natural, mas construída com elementos naturais. É do homem, como uma casa. O homem faz a paisagem com materiais vivos e com solo duro. É uma construção artificial, baseada nas leis da natureza. Os seus elementos estão sujeitos à Lei da Vida (Telles 2004, p.4). Segundo Heidegger, o conceito de paisagem está diretamente associado a uma relação de transformação face a génese do território, assim vinculado a cada momento, isto é a cultura. E a cada geração que se apropria do lugar, de forma a *habitar, a pensar e a construir*.

O significado da paisagem evoluiu de um objeto que se vê e que é caracterizado por aquilo que se vê, para aquilo que se vê, mas se caracteriza por aquilo que não se vê. Nesta acepção, a paisagem é a imagem que resulta da interação entre processos naturais e antrópicos¹¹.

A essência do objeto deixou de ser ele próprio, mas aquilo que se revela a quem o souber interpretar, o exige uma descodificação de sinais para que, aquilo que não é visível, seja identificado (Magalhães, 1996, p.106).

De Alcochete ao Samouco, revela-se na componente geográfica e física territorial uma paisagem dual. A paisagem de dupla leitura é aquela que se relaciona às frentes de água, e descreve espaços de contato relacional de dois meios: a terra e água. A margem do rio é a expressão natural do vínculo de situações urbanas que manifesta formas e morfologias urbanas, como por exemplo: instalações portuárias, conjuntos edificados e espaços de recreio e lazer.

A água é o fator determinante da organização dos espaços naturais e produzidos, da mudança e evolução da paisagem, representado uma construção material arquitetónica, referenciando um elemento simbólico que agrega a componente cénica da paisagem. O concelho de Alcochete, abraça o conceito de frente ribeirinha, pois é especificamente claro que o rio e a terra se completam e para descrever um é necessário descrever o outro. A orla ecológica que se manifesta pelo desenvolvimento

¹¹ O termo Antrópico é usado em Ecologia* e refere-se diretamente relacionado ao ser humano ou à sua ação humana, concretamente em relação às modificações no ambiente e na natureza.

e progresso deste sistema de interesse especial, cria e organiza “*habitats*” humanos entre a “*land and the river*”.

O concelho de Alcochete, é constituído por uma coroa periurbana que possui extensas áreas habitacionais de baixa densidade e diversas áreas naturais classificadas. O processo periurbano representa transformações estruturais no território, com a constituição de áreas de construção descontínua e de baixa densidade em meio rural, principalmente sobre solos agrícolas (Stainberg, 2003; EEA, 2006; Zasada et al., 2011), criando uma “diversidade de configurações espaciais” que constitui uma paisagem “simultaneamente rural e urbana” (Lardon et al., 2010, p.9).

Ao contrário do processo urbano de “concentração e intensificação das atividades humanas” (laquinta, Drescher, 2000, p.13), no território peri-urbano desenvolvem-se mecanismos de edificação extensiva (Bettencourt, 2009), destinada a populações com rendimentos muito diferenciados, coexistentes com a prática da agricultura (Vejre et al., 2007 a). O território rural também apresenta características diversificadas, como baixas densidades populacionais, presença de aglomerados populacionais de pequenas dimensões, relevância económica da agricultura face a outras atividades, afirmação da paisagem enquanto suporte das dinâmicas culturais, e adaptação às condições biofísicas e aproveitamento dos recursos naturais pelas comunidades (Veiga, 2005, Domingues, 2011A).

A periurbanização desenvolve-se, com frequência, através da “conversão física do espaço” (Zasada et al., 2011, p.59), formando uma paisagem constituída por “mosaicos heterogéneos de ecossistemas” naturais, agrícolas e urbanos, “afetados pelos fluxos de material e energia exigidos pelos sistemas urbano e rural” (Allen, Silva, & Corubolo, 1999, cit Allen, 2003, p.136-137).

Deste modo, a constituição dos espaços peri-urbanos permite a comunicação entre os meios urbanos e rurais, criando um sistema interligado e contínuo (laquinta, Drescher, 2000), articulando as relações existentes enquanto entidades funcionais e interdependentes (CE, 1999). É possível assegurar, portanto, que as áreas peri-urbanas constituem a maior superfície das áreas metropolitanas (Palomo, 2003), que apresentam uma paisagem diversificada e fragmentadas, sujeitas a maiores probabilidades de transformações territoriais “sistemáticas” e “aleatórias” (Tavares et al., 2012, p.433).

É possível aferir assim, a complexidade inerente à delimitação de áreas peri-urbanas, dada a heterogeneidade e multiplicidade de situações que as caracterizam

(Ravetz, Loibl, 2011). As distintas perspectivas de investigação (sociodemográficas, culturais, territoriais, paisagísticas) facilitam a compreensão das dinâmicas que aqui têm lugar, exigindo análises transdisciplinares (laquinta, Drescher, 2000).

A “paisagem” é um fenómeno muito abrangente. De maneira geral, pode -se dizer que alguns fenómenos formam um “ambiente” para outros. Um termo concreto para falar em ambiente é *lugar* (Norberg-Sulz, 1996, p.444).

A paisagem naturalista evidência os aspetos naturais numa análise mais objetiva com pouca influência pessoal. É assim, apalpada pelo homem, de forma a ser analisada e explorada, mas que por sua vez, deixa clara um olhar perspético natural. Sendo que, o complexo das salinas do Samouco, que pertence a este território é a prova de uma atividade prática humana, pela produção do *sal* (o remexer no solo), pelas atividades turísticas de observação das aves e atividades locais, permite considerar a paisagem simplesmente a estrutura de um sistema, isto é, de uma organização.

A definição de paisagem, não define nenhum limite ou regra para a sua existência. Mas sim, refere-se necessariamente a uma extensão de território, seja ele rural ou urbano, formando um conjunto heterogéneo de formas naturais e artificias, que especificam dois tipos de paisagem, a paisagem natural que é composta por elementos naturais como o Rio Tejo que banha a zona costeira do concelho de Alcochete e a paisagem humanizada que compõem elementos construídos pela mão-de-obra do homem, como as habitações, as estradas, as indústrias, as pontes e os campos agrícolas, elementos naturais “controlados” pelo homem.

Contudo, atualmente é difícil identificar a essência da paisagem natural no território nacional, mesmo até a nível mundial. Assim, o conceito de ordenamento da paisagem integra uma variedade de competências, como a arquitetura e o planeamento da paisagem, a conservação da natureza, o conhecimento da flora e dos ecossistemas, a pedologia, a hidrologia e as paisagens humanizadas a paisagem pode então ser entendida como um sistema, constituído por vários sub-sistemas, correspondentes às três grandes componentes anteriormente referidas: ecologia, cultura e semiótica¹² (Magalhães, 1996, p.109).

¹² Segundo os dicionários, a semiótica refere-se frequentemente ao âmbito antropológico. Está diretamente ligada a estudos de sinais e processos de signos, indicação, designação, semelhança, analogia, alegoria, metonímia, metáfora, simbolismo, significação e por fim, comunicação. A comunicação é a base do estudo da semiótica.

1.2.1. Traçado urbano: paisagem e território

Não há paisagens para sempre. A paisagem é um registo de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou digerir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços. (Álvaro Domingues, 2011, p.15)

No decorrer do conceito de paisagem, a paisagem integra uma utilização diversificada de solos, que desempenham um papel relevante para o crescimento económico dos aglomerados. O presente capítulo apresenta-se como uma aproximação ao contexto territorial contemporâneo, especificamente na necessidade de reconhecer a passagem do urbano e do rural e pretende ser o ponto de partida para a compreensão do desenvolvimento do território. Deste modo, o território contém formas, densidades, usos e escalas variadas.

Segundo Álvaro Domingues, a rede infraestrutural é o principal elemento de transformação do território, um elemento chave para entender a urbanização (Domingos, 2011A, p.25). Ou seja, configura o território na alteração e no desenvolvimento estrutural, na busca da proximidade física da vizinhança e da aglomeração nos cruzamentos do traçado urbano, permitindo a evolução de espaços de fluxo, baseados no movimento definido pelo ritmo e pela densidade. Assim, surge a rede de mobilidade arterial suportada pelas vias que geram a dependência do território.

O ordenamento do território surge neste momento, como conceito formal e funcional, que envolve uma composição, fundamentada na organização e na distribuição de usos e funções no espaço e no tempo, sustentando as comunidades humanas no seu desenvolvimento.

O ordenamento do território pode ser entendido como, a aplicação ao solo de todas as políticas públicas, designadamente económico-sociais, urbanísticas e ambientais e indissociavelmente, está ligado ao espaço ou território mostrando-se válido apenas na organização do espaço e nas atividades que o integram. A valorização também tem em consideração as necessidades, antinómicas, do desenvolvimento económico e do equilíbrio ou coesão territorial.



Figura 11: Traçado urbano do município de Alcochete



Figura 12: Traçado e morfologia urbana do município de Alcochete.

O conceito periurbano integra-se neste modelo territorial, movendo-se por categorias tipológicas distintas associadas ao seu carácter funcional como: as características demográficas, a intensidade de urbanização, a morfologia urbana, os padrões de distribuição espacial das populações e a interação entre o território urbano, o periurbano e rural numa mesma região. Essa definição deve apoiar-se na análise de “dinâmicas migratórias, alteração do uso do solo, distribuição das atividades económicas, ligações institucionais relacionadas com políticas e planeamento” (Korcelli et al., 2009, p. 40). Extrai-se, do conceito periurbano o sentido e o interesse na abordagem da paisagem no âmbito do processo de ordenamento territorial.

O ordenamento do território forma-se da paisagem, unindo-se e formando um todo mesmo que, a paisagem apresente-se natural ou gerada e organizada, conforme as orientações e declarações estabelecidas em normas aplicáveis.

A Assembleia Municipal de Alcochete, aprovou o PDM (Plano Diretor Municipal), um instrumento que regula e estabelece estratégias de desenvolvimento territorial. É um modelo feito para o *lugar*, na qual referênciamos os planos municipais de ações territoriais, onde se desenvolvem estratégias de apropriação do território. Este documento, compreende a descontinuidade da construção das zonas de maior aglomeração ou de maior espaçamento – espaços que se separam, espaços que se ligam e que têm um sentido múltiplo, do prático ao simbólico. Deste modo, é um modelo de organização espacial do território municipal que classifica a qualidade do solo como um manual para os homens que habitam neste território e também para quem nele quer habitar e construir.

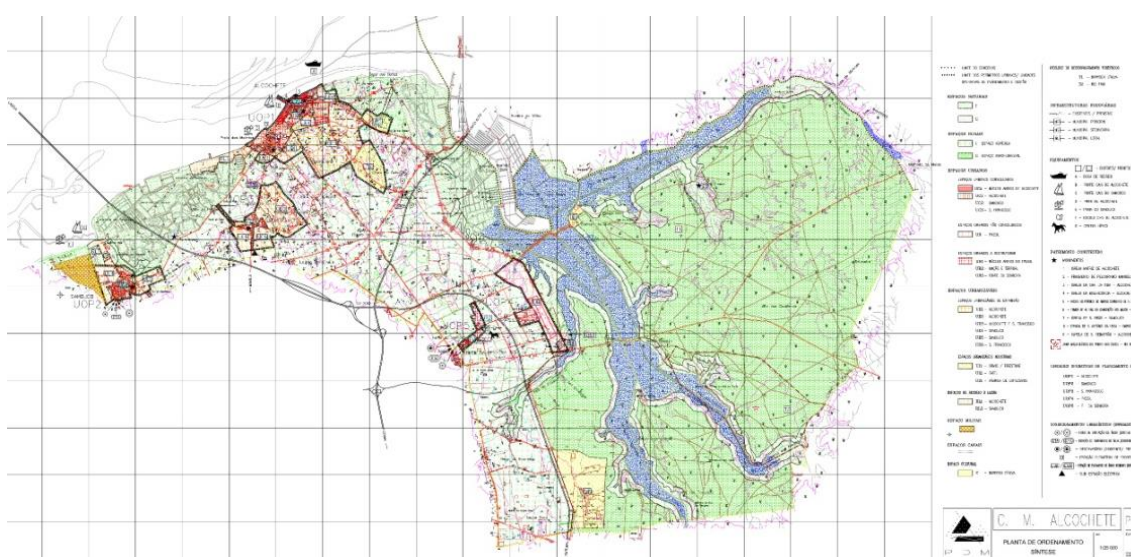


Figura 13: PDM - Carta de Ordenamento do Território, Concelho de Alcochete, 1995 , Fonte: <https://www.cm-alcochete.pt/>: sem escala gráfica

No regulamento do PDM¹³, Resolução do Concelho de Ministros nº 141/97, destaca através das disposições gerais, no Artigo 6º que o Plano Diretor Municipal é o instrumento orientador dos planos municipais de ordenamento do território de nível inferior conforme as suas disposições.

O capítulo II do regulamento descreve e configura as classes de espaços do território. Sendo que, no artigo 19º direciona-se em especificar sequencialmente os valores que nele estão inseridos:

1- Sem prejuízo do disposto no título II do presente Regulamento, o território municipal classifica-se, para efeitos de ocupação, uso e transformação, nas seguintes classes de espaços, delimitadas na planta de ordenamento: a) Espaços naturais; b) Espaços rurais; c) Espaços Urbanos; d) Espaços urbanizáveis; e) Espaços de recreio e lazer; f) Espaço cultural; g) Espaço militar; h) Espaço-canais;

2- Os perímetros urbanos são construídos pelo conjunto dos espaços urbanos e dos espaços urbanizáveis, conforme delimitação que consta da planta de ordenamento

No decorrer, do estudo do regulamento ressalta-se especificamente alguns artigos, na qual pertencem as áreas delicadas e que alcançam o complexo das salinas do Samouco e justificam a fragmentação do território.

No Artigo 21º da sequência do mesmo capítulo, referente a secção I é evidenciase o conjunto dos espaços naturais que compilam o território, apresentando características específicas para o uso e apropriação do solo:

1 — Os espaços naturais, delimitados na planta de ordenamento, têm como objetivo a preservação da qualidade do ambiente, dos sistemas naturais e da paisagem.
2 — Os espaços naturais subdividem-se nas seguintes categorias, delimitadas na planta de ordenamento:

- a) Espaços naturais de categoria I, constituídos pelas áreas mais sensíveis do território municipal, do ponto de vista biofísico, e que correspondem a áreas integradas na REN;

¹³ A Camara Municipal de Alcochete o Plano Diretor Municipal estabelece a estratégia de desenvolvimento territorial, a política municipal de ordenamento do território e de urbanismo e as demais políticas urbanas, integra e articula as orientações estabelecidas pelos instrumentos de gestão territorial de âmbito nacional e regional e estabelece o modelo de organização espacial do território municipal.

Inserido ainda, na mesma secção o Artigo 26º dá lugar aos espaços rurais na planta de ordenamento do concelho de Alcochete são muito comuns ao longo território, deste modo existem categorias que subdividem consoante o uso predominante e o grau de proteção:

a) Espaço rural de categoria I — espaço agrícola, onde coexistem espaços abrangidos ou não pela RAN, quase sempre coincidentes com áreas de recarga de aquíferos;

b) Espaço rural de categoria II — espaço agroflorestal, onde predominam os espaços agroflorestais, por vezes coincidentes com áreas de recarga de aquíferos.

Deste modo, ambas as categorias são valorizadas, pelos solos rurais devido a expectativas de urbanização que promove a competição da atividade agrícola com o mercado da construção (Robinson, 2004, cit Zasada, 2011) e outros usos não-agrícolas (Gant et al., 2011).

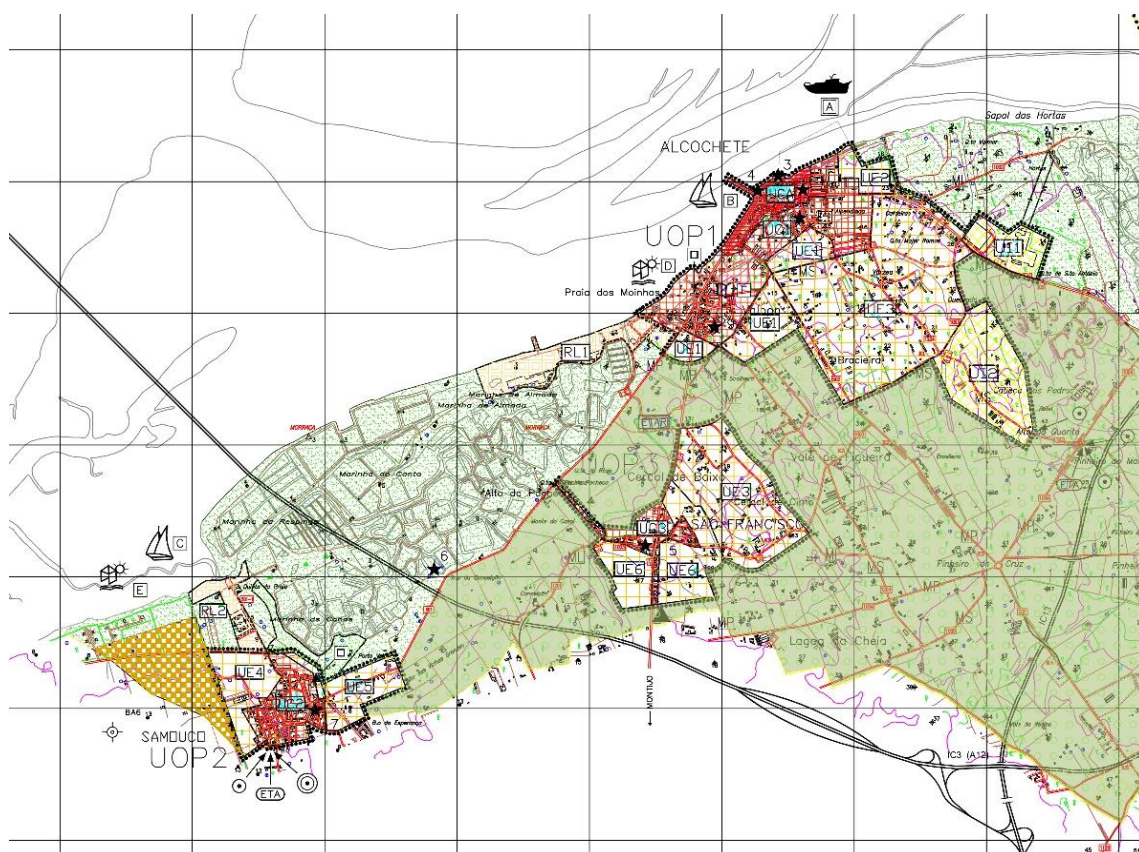


Figura 15: PDM - Carta de Ordenamento do Território, conjunto dos espaços rurais, 1995: sem escala gráfica

Ainda na mesma secção, o Artigo 27º estrutura o tipo de uso do solo do território das categorias anteriores referidas. Devido a lógica do pensamento, para o estudo da

dissertação é apenas descrita a categoria do espaço rural de categoria I – Agrícola, que se especifica num possível desenvolvimento urbano, através de usos arquitetónicos.

1 — Os usos e a edificabilidade no espaço rural da categoria I - espaço agrícola estão sujeitos às condições constantes dos números seguintes do presente artigo.

2 – São interditos os seguintes atos e atividades:

- a) Instalações de parques de sucata, nitreiras, depósitos de materiais e estaleiros de construção;
- b) Instalação de lixeiras, excepto nos locais expressamente destinados pela Câmara Municipal para esse fim;
- c) Expansão ou abertura de novas explorações de inertes,
- d) Prática de campismo ou de caravanismo;
- e) Instalações pecuárias em áreas de recarga de aquíferos;
- f) Instalações de indústrias ou atividades não especificamente ligadas à agricultura, à exploração florestal ou aos recursos naturais, com exceção previstas neste artigo.

3 — São permitidas construções para os seguintes fins:

- a) Instalações e infraestruturas de apoio à atividade agrícola ou pecuária;
- b) Habitação;
- c) Instalações industriais ou de armazenagem relacionadas com as actividades agrícola, florestal ou de exploração de recursos naturais;
- d) Turismo rural, agro-turismo e turismo de habitação;
- e) Hotéis, pensões, estalagens, motéis, pousadas, hospedarias e estabelecimentos similares dos hoteleiros;
- f) Equipamentos colectivos;

A diferença de ritmos e de intensidade de transformação marca, na prática uma prevalência das funções urbanas sobre quaisquer outras mudanças de uso e de estatuto dos territórios sujeitos à pressão da urbanização (Fadigas, 1996 p.11). Ainda assim, a delimitação de estruturas ecológicas ou de pólos de biodiversidade possui um potencial elevado de divulgação dos valores paisagísticos e articulação com os territórios urbanos, criando oportunidades de gestão dos espaços agrícolas através de novas funções recreativas (Jogman et al., 2004).

Os tecidos urbanos antigos, têm muito de geometria fractal. A ordem e desordem que os caracterizam parecem reproduzir os padrões de organização dos tecidos vivos, onde repetitiva multiplicação das mesmas formas se faz com uma adaptação permanente às variações das condições do meio (Fadigas 1996, p.6).

Ainda, no Artigo 29º são destacados os espaços urbanos, especificamente os espaços urbanos consolidados. Estes espaços urbanos consolidados dão lugar as vilas que o território contém, regulamentadas por limites:

1- Os espaços consolidados, delimitados na planta de ordenamento, são constituídos por malhas urbanas existentes, com ocupação edificada consistente, dispendo das infraestruturas urbanísticas e de equipamento e serviços que garantem um papel polarizador no território.

2- Os espaços urbanos consolidados destinam-se a uma ocupação com fins predominantes habitacionais, podendo integrar outras funções, como atividades terciárias, indústria ou turismo, desde que, pelas suas características, sejam compatíveis com a função habitacional.

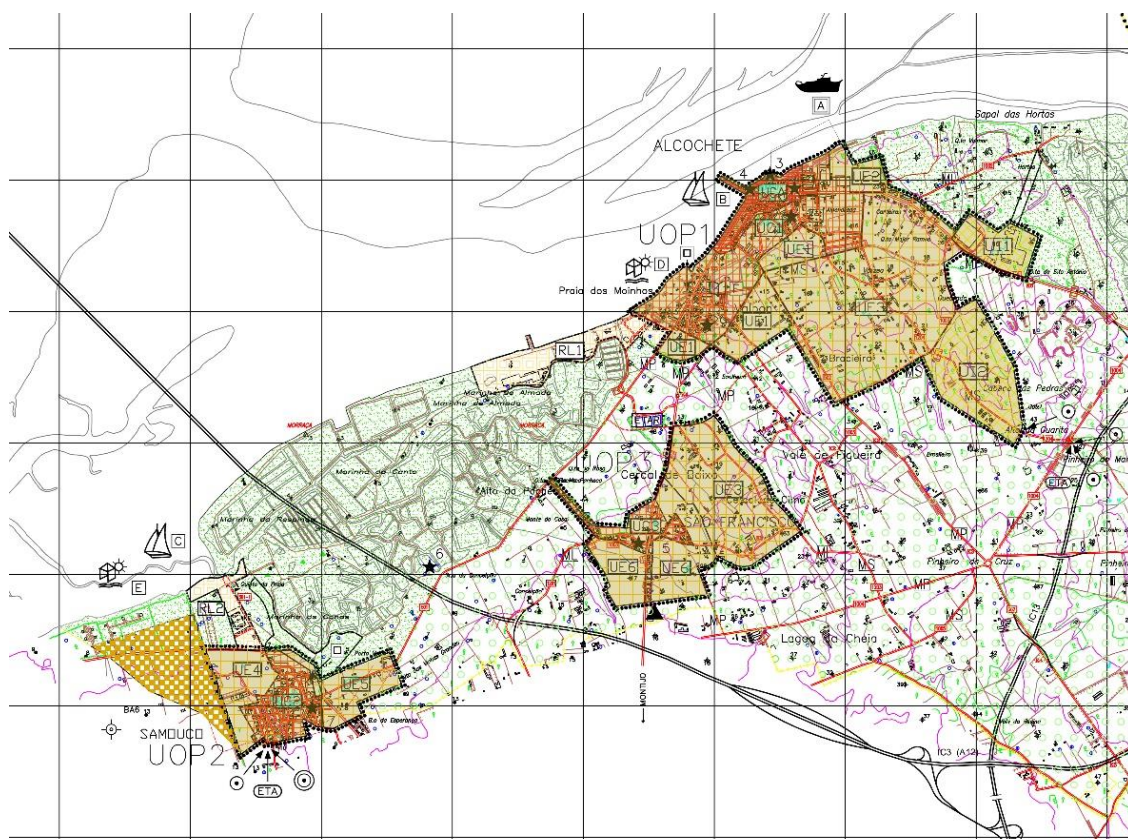


Figura 16: PDM - Carta de Ordenamento do Território, conjunto dos espaços urbanos consolidados, 1995: sem escala gráfica

3- Os espaços urbanos consolidados dividem-se nas seguintes sub-categorias, delimitadas na planta de ordenamento:

- a) Espaço urbano consolidado UCA – núcleo antigo da vila de Alcochete;
- b) Espaço urbano consolidado UC1 – parte restante da vila de Alcochete;
- c) Espaço consolidado UC2 – Samouco;
- d) Espaço urbano consolidado UC3 – São Francisco;

Nesta parte do capítulo, procurou-se entender a dinâmica e a dicotomia do território. Deste modo, compreender a dualidade, urbana, a rural e a identidade no sentido de existir um modelo, que acompanha o desenvolvimento e estabelece regras para a utilização do solo, mantendo o valor do território. E ainda assim, ter o conhecimento de manipular o território conforme o princípio fundamental, designando modelos apropriados associados a sociedade que lá habita. Sequencialmente compreender, o processo periurbano na representação transformações estruturais no território, pela constituição de áreas de construção descontínua e de baixa densidade no meio rural, principalmente sobre solos agrícolas criando uma “diversidade de configurações espaciais” que constitui uma paisagem “simultaneamente rural e urbana” (Lardon et al., 2010, p,10).

1.2.2. Elementos geradores de paisagem

Neste *lugar* a paisagem constitui um fator de identidade pela existência de recursos patrimoniais diversificados e de singularidade local, considerando que todas as paisagens refletem a cultura territorial. O interesse pela paisagem nesta investigação pode ser entendido como produto de interação entre os elementos que compõem este sistema, sejam estes de origem natural ou humana. A paisagem analisada, permite verificar diferentes dinâmicas do funcionamento das sociedades cujo, espaço geográfico é o resultado de uma complexa interação entre a sociedade e a sua paisagem uma vez que estrutura o processo de formação e organização do espaço social.

Um município onde é possível contatar diretamente com a história, com cada movimento, com cada casa senhorial ou edifício, com ruas, onde o quotidiano das gentes deixa transparecer uma vontade própria de ser e de bem receber (CMA, 2019). É um *lugar* que determina a organização tridimensional dos corpos sólidos, dos espaços vazios, e resulta em diferentes cenários o tipo de paisagem: panorâmica, paisagem fechada, paisagem focalizada e dominada.

Segundo o pensamento de Álvaro Domingues, especificamente na sua obra, *A Rua da Estrada*, em síntese consiste na imagem e na linguagem do interior do território,

salientado a importância da infraestrutura como elemento primordial do conceito urbano, pela forma que domina e acolhe ao longo território a variedade de usos, que emergem a relação do movimento ou fluxo da génese da *velha cidade*. Consequentemente, o pensamento de Domingues resvala para o entendimento do *lugar*, resultando da organização social derivada dos vários tipos de usos pela estrada. E desta forma, o lugar desenvolve-se através das formas urbanas descontínuas e fragmentadas.

O terreno segue de forma irregular à composição do território, há linha que estrutura um caminho natural ou imaginário percebido pelo observador pela sequência de estímulos diferentes como: a cor que a constitui, como a propriedade de reflexão e, como a propagação de cores definidas pela pigmentação. A combinação das cores na paisagem determina a qualidade estética da mesma como a textura que combina as formas e as cores, salientando irregularidades na superfície do terreno e como na escala dos edifícios ou dos objetos ao redor do *lugar*. Neste caso, a paisagem é gerada por aspetos perceptíveis do espaço geográfico, de forma a compreendermos o mundo a partir dos nossos sentidos. A visão é geralmente o principal dos sentidos quando se fala em compreender a paisagem, porém não é o único, sendo que, podemos perceber o espaço também pelo seu cheiro, sons, sabores e aspetos externos.

É interessante observar que as paisagens apresentam aspetos e elementos referentes ao presente e ao passado, que muitas vezes convivem no mesmo espaço. A reflexão do primeiro capítulo cruza esta questão dos elementos do passado, elementos arquitetónicos sólidos que se inserem no património nacional e municipal e representam as diferentes pegadas ao longo da história do território. Por outro lado, a paisagem natural, já humanizada do passado é sentida pelo complexo das Salinas do Samouco, ainda conservadas no presente.

Os elementos que constituem a paisagem são variados, mas limitados, pois, repetem-se e podem ter o mesmo tipo de disposição ou associação. Estes conceitos associam-se a componentes não só a natureza objetiva, como componentes biofísicas e humanas, mas também de ordem subjetiva, e por isso social, na medida em que é relevante considerar o modo como a mesma é sentida e entendida. De facto, a paisagem funciona em termos dinâmicos que tendem para o equilíbrio (Magalhães, 1996, p.106). A paisagem é também a informação de um processo de observação que se recebe pelo ambiente.

Dependendo da forma, uso e escala ou continuidade do território, o conhecimento e conceção empírica da paisagem, são progressivamente substituídos por um conhecimento, cada vez mais aprofundado dos seus elementos e, numa fase

posterior, das relações entre elementos (Magalhães, 2007, p.106). Por outro lado, a paisagem é mais do que um espaço observado, trata-se de espaço vivenciado. O indivíduo apropria-se do espaço, como também desfruta das suas características. Mais uma vez, reflete-se na influência do indivíduo pela manipulação do território, numa análise de processos que consistem num ensaio sobre a metamorfose da urbanização de processos que combinam códigos, arquiteturas e funções, que habitualmente se misturam ao longo da rede infraestrutural gerada pelo conceito *urbe* (Domingues, 2011).

O objetivo, não é destacar o conceito urbe, mas sim destacar a proveniência do conceito, na forma e na concretização. Deste modo, referir o que o compõem – os edifícios – que além de existirem e integrarem a cidade, também integram este *lugar* de forma mais específica, como modelo habitacional cujo , deriva a forma do edificado. O edificado varia entre a pequena escala de habitação unifamiliar, para escalas de blocos de apartamentos (isolados ou aglomerados) até à escala da indústria (pequenas ou grandes empresas); altera também com o tipo de urbanização: em aglomerado com a soma de edifícios na conexão direta à infraestrutura, por preenchimento e densificação de interstícios rurais (Portas, Domingues & Cabral, 2011).

Em síntese, é salientar todo um cenário paisagístico que rodeia este território, identificando pontos-chave como: o rio, as salinas, a indústria, a ocupação humana, a habitação rural, permanência rural e sobretudo a ponte, como elemento infraestrutural



Figura 17: Praia de Alcochete, 2019, Fonte: Yanessa Guerra

que gerou na expansão do município, na qual enquadra de forma contínua a superfície territorial e refletem na composição observada.



Figura 18, 19 e 20: Fonte: <https://www.timeoff.pt/2019/07/salinas-do-samouco-a-natureza-no-seu-estado-puro-e-selvagem.html/>. Fonte: <https://www.timeoff.pt/2019/07/salinas-do-samouco-a-natureza-no-seu-estado-puro-e-selvagem.html/>. Fonte: <https://olhares.com/samouco-foto8737351.html>

1.2.3. Salicórnia: o elemento da água e da terra

Neste *lugar*, o importante é destacar o valor dos elementos que a natureza oferece. Falar sobre o rio ou o mar, as salinas, a ocupação humana, a habitação rural, a permanência rural e o elemento chave, a ponte Vasco da Gama que nos faz “chegar até aqui serve como análise e busca de elementos preciosos de valor único, simbólico

e representativo que completam a paisagem deste município. Em pesquisa de campo, surgiu a ideia de introduzir este elemento, a salicórnia, que compõem o cenário paisagístico deste *habitat* das Salinas do Samouco diversificado em espécies que contém benefícios para o indivíduo, de forma enaltecer a sua qualidade, como um possível futuro deste espaço.



Figura 21 e 22: Planta halófito Salicórnia nas salinas do Samouco; Fonte: Portal do jardim <http://www.portaldojardim.com>, 2019

A palavra salicórnia tem origem nas palavras em latim *sal* e *cornu*, que significam literalmente cornos salgados (La Lettre des Marais Atlantiques, 2008). Esta planta é uma planta halófito¹⁴ suculenta, com caules articulados e um ciclo de vida anual (Davy et al., 2001). Sustenta o género de Salicórnia, mas é classificada como espécie, *Salicornia ramosissima* J. Woods da família Chenopodiaceae, preferencialmente desenvolvem-se no litoral, no sapal médio e superior e em margens de salinas, isto é, em zonas estuarinas e o seu crescimento é influenciado pela salinidade do meio.

As plantas halófitas, possuem grandes potencialidades para “revolucionar” a agricultura pois têm a capacidade de completar o seu ciclo de vida em ambientes com elevadas concentrações de sais (Yensen, 2008). A agricultura em água salgada é definida como o crescimento de culturas com tolerância ao sal (plantas halófitas) em terras regadas com água salgada bombeada dos oceanos (Glenn et al., 1998).

Esta espécie da salicórnia diferencia-se das outras plantas halófitas, porque normalmente encontra-se no limite superior da maré e faz com que a planta durante o período do seu desenvolvimento cresça individualmente ou em grupos agarrando-se às

¹⁴ Halófito - Este termo, deriva das palavras gregas *halo* que quer dizer sal e *phyte* que designa planta. São plantas capazes de completar o seu ciclo de vida em ambientes com elevadas concentrações de sais (Yensen, 2008)

rochas, dunas de areia e sedimentos. É resistente ao vaivém das marés e formam frequentemente colónias impressionantes que estabilizam os solos permitindo a fixação dos sedimentos e consolidação dos solos (Marec, 2016), permaneça fora de água e exposta as condições atmosféricas, absorvendo os raios UV. Devido a isto, revelou-se que esta espécie exibe uma resposta foto-protetora aos raios UV, relacionada com o teor de compostos fenólicos¹⁵ e atividade antioxidante (Hupel et al., 2011).

A *salicórnia ramosíssima* desenvolve-se na parte oeste da Europa, no Mediterrâneo e noroeste de África e pode ser encontrada em todo o litoral da Península Ibérica. A nível nacional encontra-se mais acentuada em Setúbal, em Faro e na Ria Aveiro. Durante muito tempo, em Portugal, a *salicórnia ramosíssima* era vista como a planta invasora das salinas e, só recentemente, despertou o interesse como produto devido ao seu forte sabor salgado e pela sua textura. Ainda não existe muita divulgação de estudos sobre a planta, mas já existia a importância do consumo da planta¹⁶.

Esta planta halófita é comestível e apresenta inúmeras vantagens que não se esgotam na possibilidade do seu cultivo em ambientes salinos.

A salicórnia contém minerais benéficos para a saúde tais como o cálcio, o potássio e o magnésio, e possui ainda, compostos com propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e até antidiabéticas. (Marec, 2016)

Para além do seu vasto uso na medicina tradicional, a salicórnia tem vindo a ser cada vez mais procurada e utilizada como substituto do sal na culinária. Os caules

¹⁵ Na rede informativa (https://pt.wikipedia.org/wiki/Compostos_fen%C3%B3licos), os compostos fenólicos fazem parte de uma classe de compostos químicos de uma grupo hidroxilo vinculado com outro grupo do hidrocarboneto aromático. Estes são antioxidantes que combatem o radicais livres, estão presentes em alimentos e em plantas utilizadas na medicação tradicional, no combate de doenças humanas.

¹⁶ Os primeiros povos a consumir uma das suas espécies - *S. rubra* (*S. europaea* subsp. *rubra*) - foram os povos índios, que ferviam em água e deixavam evaporar até obter sal. Em 1920, tentou-se comercializar (mas sem sucesso) a salicórnia como um legume barato e abundante, mas foi durante a 2ª Guerra Mundial, que a sua venda como “espargo do mar” (conservada em gelo), tomou grandes proporções, onde chegou até a substituir o feijão verde. Mais recentemente, esta foi utilizada na produção de biocombustíveis (Brown et al., 2014) e na fitorremediação (Shpigel et al., 2013; Webb et al., 2013).

carnudos deste vegetal são bastante requisitados para cozinhas *gourmet*, não só pelo seu sabor salgado, mas também pelo seu valor nutricional (Ventura et al., 2011).

A salicórnica seca e triturada, transforma-se numa especiaria – Sal Verde – podendo ser utilizada como tempero. O Sal Verde é mais vantajoso em relação ao sal comum, pois é rico em substâncias depurativas e diuréticas. (Raposo et al., 2009).

Uma planta rica em vitaminas e em sais minerais, enriquecida pela qualidade do seu valor nutricional, de forma diurética e medical, cuja capacidade é prevenir o aparecimento de doenças e o envelhecimento precoce do organismo humano pelos seus compostos antioxidantes. Particularmente, é uma planta que cresce no ambiente salineiro e reúne vantagens, que poderão dar resposta a um futuro habitat ecologicamente sustentável.

A morfologia

A aparência desta planta é de forma geral pequena, normalmente com menos de 30 cm de altura, sendo o caule principal e os seus ramos opostos compostos por nós intermédios curtos, cilíndricos e cada um com uma cobertura fotossintética suculenta, conferindo assim uma aparência articulada (Isca et al., 2014). As flores são quase invisíveis, verdes, com anteras amarelas, e geralmente solitárias ou em grupos de três. Como muitas das espécies dentro deste género, a *s. ramosissima* é verde, mas a sua



Figura 23, 24 e 25: Esquema ilustrativo do género Salicórnica; Fonte: <https://educalingo.com/pt/dic-es/salicornia> e <https://flora-on.pt/index.php#/0mosb>.

folhagem torna-se vermelha na altura do outono. Segundo vários estudos e análises, as características morfológicas apresentam, em folhagens opostas, soldadas entre si e com o talo formando um artícolo carnudo.

Esta apresenta uma inflorescência (espiga) terminal de 2 a 3,5 cm; 10 a 14 segmentos férteis, cada um dos segmentos férteis com 1 a 3 mm de altura, de lados convexos, raras vezes paralelos, com margem superior escariosa longa (de 0,2 a 0,3 mm). A flor central do topo longitudinal é maior do que as laterais, com a sua base geralmente coberta pela margem escariosa do segmento inferior, as anteras com 0,4 a 0,5 mm e sementes de 1,1 a 1,4 por 0,5 a 0,7 mm produzidas pelas flores centrais do topo (UTAD, 2018; Almargem, 2018; Marec, 2016; Castroviejo, et al.,1990) e curiosamente, a floração desta espécie ocorre de maio a novembro, demonstrando a sua mutação.

Esta planta tem inúmeras vantagens, adapta-se aos solos afetados pelo sal, permitindo que as terras inadequadas sejam transformadas em áreas agrícolas produtivas convencionais, podendo ser uma solução para economizar água fresca e transformar terras áridas em terras cultiváveis (Lopes, Cavaleiro, & Ramos, 2017).

O fenómeno das alterações climáticas, transporta a necessidade de selecionar e valorizar novas plantas para alimentar uma população em rápido crescimento. Este aumento rápido da população poderá proporcionar o cultivo da salicórnia ramosíssima, em zonas marinhas e regada com água do mar, ela é resistente a doenças agrícolas típicas (Lopes, Cavaleiro, & Ramos, 2017). O cultivo desta planta pode evitar o uso de pesticidas e fertilizantes, podendo satisfazer os requisitos da produção orgânica, com um processo de crescimento “eco-friendly” (ecologicamente correto) e sustentável (Lopes, Cavaleiro, & Ramos, 2017), que se poderá expandir por todo o litoral de Portugal.

2. Cenários de alterações climáticas entre o Alcochete e o Samouco

2.1. Alterações climáticas

A realidade sobre a situação mundial começa desde o momento que se depara, com um dos maiores problemas a nível mundial; as alterações climáticas.

As alterações climáticas têm sido identificadas como um dos grandes problemas da atualidade e do futuro que afeta a sociedade, o ambiente e a economia, ameaçando o tão desejado conceito de desenvolvimento sustentável (Borrego et al, 2009; APA, 2009). Caracterizar as alterações climáticas é detetar as médias ou a variabilidade das oscilações ao longo do tempo. Desde o século XXI, que se tem registado variações climáticas com uma forte aceleração e estas variações do clima advém da atividade e ações causadas pela atividade humana. O homem assumiu um papel preponderante nesta variação do clima do planeta com a emissão de GEE devido fundamentalmente à evolução da população e suas necessidades energéticas (Freitas et al, 2007, Santos, 2005).

As alterações climáticas podem ter causas humanas ou naturais. As primeiras, denominadas de antropogénicas resultam em grande parte da emissão de gases de efeito estufa (GEE) provenientes das atividades humanas.

As segundas derivam em grande parte de variações na radiação solar e nas características que influenciam a trajetória da Terra em torno do Sol. Presume-se que estas lentas variações na órbita do planeta sejam responsáveis pela alternância dos períodos glaciares e interglaciares (Santos et al., 2001).

De acordo com projeto SIAM (2007), os principais GEE¹⁷ são o Dióxido de Carbono (CO₂), o Metano (CH₄) e o Óxido Nitroso (N₂O), sendo que, o gás o que afeta mais atmosfera é o dióxido de carbono, cujas emissões derivam principalmente de combustíveis fósseis - carvão, petróleo e gás natural – e a desflorestação. Com efeito, as emissões de GEE derivadas das atividades humanas têm vindo a crescer desde o início da era industrial, observando-se um aumento de 70% entre 1970 e 2004 (IPCC, 2007).

¹⁷ Os gases com efeito de estufa são substâncias gasosas que absorvem parte da radiação infravermelha, emitida principalmente pela superfície terrestre, e dificultam seu escape para o espaço." (wikipédia-http://pt.wikipedia.org/wiki/Gases_do_efeito_estufa, (setembro 2019)

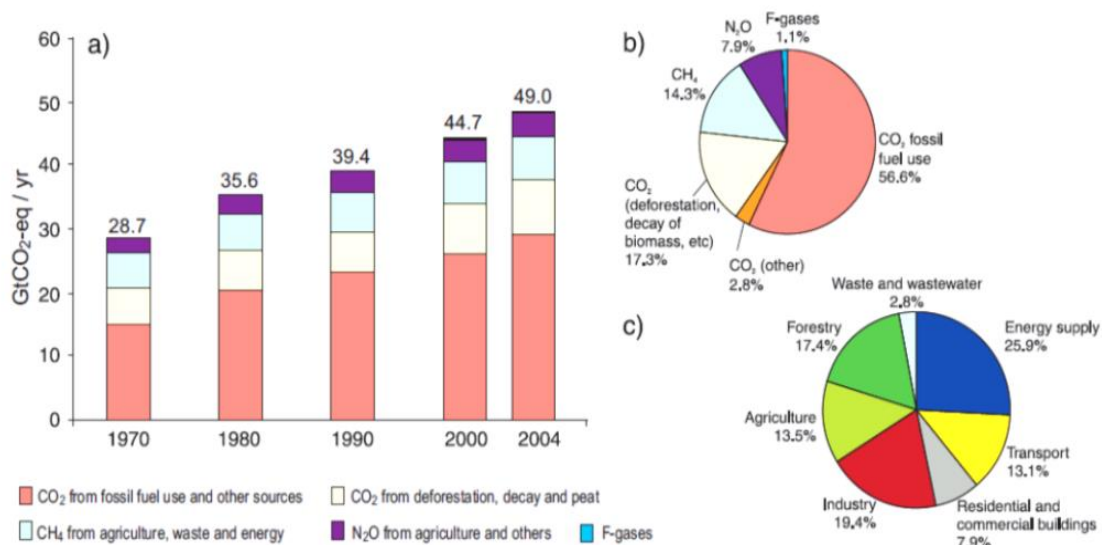


Figura 26: Emissões globais anuais de GEE de origem antropogénica, de 1970 a 2004. (b) Percentagem de diferentes GEE de origem antropogénica no total de emissões em 2004 em termos de CO₂eq. (c) Participação dos diferentes sectores para o total de emissões de GEE de origem antropogénica em 2004 em termos de CO₂eq (inclui a desflorestação). Fonte: Climate Change 2007: Synthesis Report (IPCC, 2007) http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4_syr.pdf.

As alterações climáticas provocadas pelo homem são responsáveis pelo contínuo aumento da temperatura média global terrestre, alterações nos níveis de precipitação, mudanças na frequência e intensidade de fenómenos climatéricos extremos e a elevação do nível médio do mar (SIAM¹⁸II, 2006).

O aquecimento do sistema climático é inequívoco visto ter sido observado um aumento significativo, nas temperaturas médias do ar e dos oceanos bem como a descongelação de superfícies geladas e a subida do nível médio do mar.

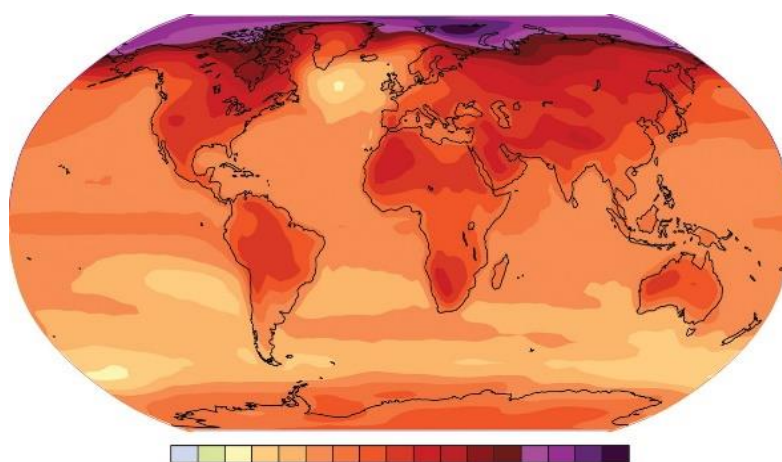


Figura 27: IPCC – Temperature scenarios- IPCC 4th Assessment Report, 2007

¹⁸ Climate Change in Portugal. Scenarios Impacts and Adaptation Measures.

Com efeito, os estudos efetuados desde 1961 indicam que a temperatura média dos oceanos tem aumentado, pelo menos, a profundidades de 3000 m, tendo os oceanos absorvido mais de 80% do calor adicional incorporado no sistema climático. Novas avaliações das temperaturas, observadas na baixa e média troposfera, demonstram taxas de aquecimento semelhantes às observadas na temperatura superficial (IPCC, 2007).

Climate Change refers to the long-term shift in weather statistics, such as the average temperature and precipitation levels, that occur in a given place and time of year.” (Chirala, 2013)

As manifestações das alterações climáticas observam-se principalmente por uma subida de temperatura média da atmosfera à superfície, visto que, o aumento da temperatura não é uniforme, sendo mais acentuado nas regiões polares (SIAM, 2006).

Apesar do grau de incerteza relacionado com as projeções futuras, a fiabilidade dos modelos climáticos é testada através da tentativa de reprodução dos dados referentes ao clima passado e presente. Este método já obteve resultados, quando em 1990 no primeiro relatório do IPCC, se estimou a subida da temperatura média global por década na ordem de 0.15 a 0.3°C, tendo se confirmado no período de 1990 a 2005 um aumento de 0.2°C (IPCC, 2007).

No que diz respeito à subida das temperaturas e de acordo com os cenários estabelecidos pelo IPCC, estima-se que a Terra irá aquecer, ainda no século XXI, entre 1,1 e 6,4°C originando uma subida do nível do mar.

| Case | Temperature change (°C at 2090-2099 relative to 1980-1999) ^{a,d} | | Sea level rise (m at 2090-2099 relative to 1980-1999) |
|--|--|--------------|---|
| | Best estimate | Likely range | Model-based range excluding future rapid dynamical changes in ice flow |
| Constant year 2000 concentrations ^b | 0.6 | 0.3 – 0.9 | Not available |
| B1 scenario | 1.8 | 1.1 – 2.9 | 0.18 – 0.38 |
| A1T scenario | 2.4 | 1.4 – 3.8 | 0.20 – 0.45 |
| B2 scenario | 2.4 | 1.4 – 3.8 | 0.20 – 0.43 |
| A1B scenario | 2.8 | 1.7 – 4.4 | 0.21 – 0.48 |
| A2 scenario | 3.4 | 2.0 – 5.4 | 0.23 – 0.51 |
| A1FI scenario | 4.0 | 2.4 – 6.4 | 0.26 – 0.59 |

Figura 28: Emissões globais de GEE de origem antropogénica, 2007

Estes modelos simulam a evolução de várias variáveis tais como a temperatura, vento, humidade atmosférica e do solo, a nebulosidade, a precipitação entre outras,

tendo como referência para estas projeções diferentes cenários sócios económicos. Os diferentes cenários - A1, A2, B1 e B2- apresentados pelo IPCC no *Special Report on Emission Scenarios* (2000) - SRES, baseiam-se em distintas tendências socioeconómicas (Alcoforado et al., 2009).

Segundo Orlando Ribeiro na sua obra, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1945) afirma que o clima de Portugal é gerado pelo mediterrâneo. O mar mediterrâneo, regula os invernos doces e chuvosos, pelos estios temperados de brisas húmidas, pelas massas de nuvens que os ventos de oeste impelem contra as montanhas (Ribeiro, 1945, p, 71). O clima mediterrâneo liga-se a ideia da temperatura media elevada, considerando um verão quente e sem chuva e um inverno moderado com precipitações atmosféricas relativamente baixas.

A realidade mostra vários tipos climáticos, o calor e secura - estas duas palavras resumem a dominante mediterrânea do clima português. Calor de moderado e fugaz inverno, verão precoce, intenso e prolongado; secura estival, marcada por toda extensão do território (Ribeiro, 1945, p; 68). E, de repente sobre as regiões surpreendentemente, surgem as tempestades violentas que enchem os rios e como consequência alagam os cultivos e poderão destruir as cidades. “*Estas cheias estão ligadas à passagem de depressões sobre a Península, com chuvas muito intensas e concentradas, durante dias, que bruscamente fazem crescer e extravasar os rios*”. (Ribeiro, 1945).

O clima português sofreu, ao longo do século XX, uma evolução caracterizada por três períodos de mudança da temperatura média, com aquecimento em 1910-1945, seguindo de arrefecimento em 1946-1975 e por um aquecimento mais acelerado em 1976-2000. A temperatura média aumentou em todas as regiões de Portugal a uma taxa de aproximadamente 0,45°C por década. O ano de 1997 foi identificado como o mais quente dos últimos 75 anos, e que sete dos dez anos mais quentes se situaram após 1990.

No âmbito do projeto *Scenarios Impacts and Adaptation Measures* (SIAM) os cenários de alterações climáticas para Portugal foram analisados, usando simulações de diferentes modelos climáticos (APA, 2019). O projetos SIAM apresenta cenários das alterações climáticas e medidas de adaptação e mudanças, em Portugal Continental, ao longo do século XXI. Os vários modelos de simulação indicam cenários gerais para Portugal para os próximos 100 anos (SIAM, 2006), com a previsão de um aumento da temperatura entre os 4°C e os 7°C.

Portugal, apresenta características naturais, nomeadamente climáticas e topográficas. Insere-se na lista dos países da Europa como o mais sensível aos impactos das alterações climáticas. O cenário traçado para Portugal consoante alguns modelos prevê uma tendência ainda mais acentuada ao nível da temperatura média a superfície, uma diminuição da precipitação anual, o aumento e intensidade dos fenómenos climáticos e meteorológicos extremos e novamente o aumento do nível da água.

De acordo com APA, todo o território nacional está previsto efeitos decorrentes da alteração do clima térmico, que se relaciona, com o incremento da frequência e intensidade das ondas de calor, com o aumento do risco de incêndio, com a alteração das capacidades de uso e ocupação dos solos, produtividade dos sistemas naturais e agrícolas, com implicações da qualidade da água e danos em infraestruturas.

Ao longo do século XX observou-se o recuo dos glaciares e uma redução da massa de gelo, desde 1993, a expansão térmica dos oceanos tem representado cerca de 57% do total das contribuições estimadas de subida do nível médio do mar, enquanto a redução de gelo contribuiu em cerca de 28% e as reduções de mantos de gelo polares contribuíram a restante percentagem. Entre 1993 e 2003, a soma dessas contribuições tem sido, dentro do intervalo de incerteza, coerente com o aumento global do nível do mar diretamente observado (IPCC, 2007). *“É também muito provável que o aquecimento da troposfera tenha contribuído significativamente para o aumento do nível médio do mar, da ordem de 10 a 20 cm, observado durante o século XX.”* (SIAM, p.7)

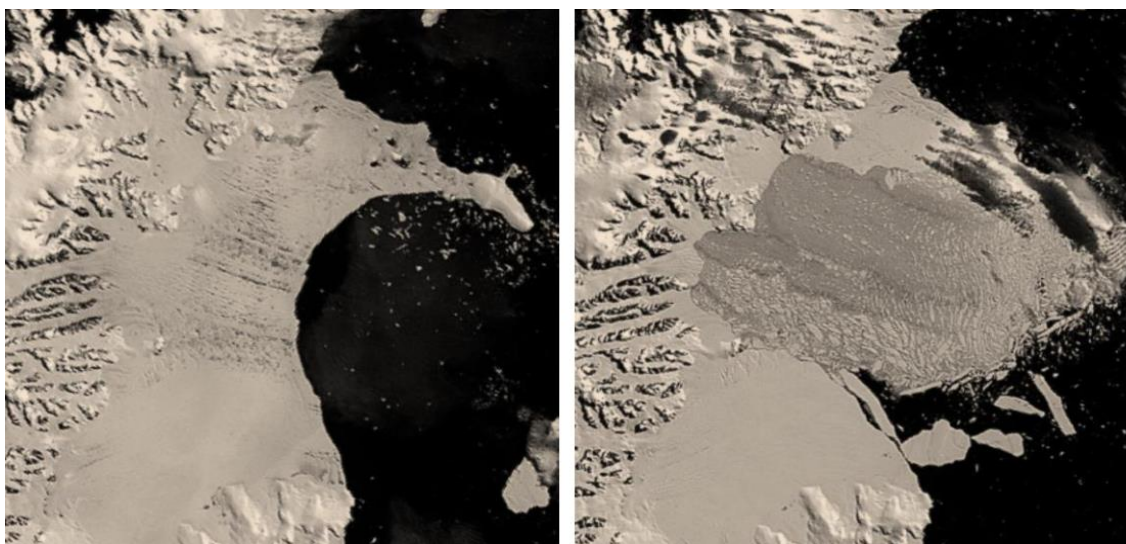


Figura 29 e 30: Antarctic, January 31st; Antarctic, Mars 5th 2002: 5,000 km², Micheal Oppenheimer, Ice Sheets, Sea level and the Increasing risk to Deltas, 2010

Segundo o relatório sobre mudanças climáticas, os oceanos e a criosfera (2019) refere que, se o aquecimento global ficar abaixo de 2° C, cerca de um quarto desta camada irá diminuir entre três a quatro metros de profundidade até 2100. E se as emissões de gás de carbono continuarem a aumentar, existe a probabilidade da perda de 70% do gelo permanente no subsolo (ONU, 2019)¹⁹. *“A elevação do nível das águas do mar deve-se ao aumento das temperaturas que está a derreter as grandes massas de gelo nos polos.”* (ONU, 2019)

O relatório do IPCC (2019) ressalta que a extensão do gelo Ártico diminui a cada mês, o oceano e a criosfera - as partes congeladas do planeta - o aquecimento global já atingiu um grau Celsius acima do nível pré-industrial. (ONU, 2019), visto que as regiões cobertas de gelo da Antártica e da Gronelândia perderam mais de 400 mil milhões de toneladas de massa antes de 2015, os glaciares das montanhas também perderam 280 mil milhões de toneladas.

Even if global warming is limited to well below two degrees Celsius below pre-industrial levels, around a quarter of the permafrost²⁰ down to three to four metres depth, will thaw by 2100. If greenhouse gas emissions continue to increase strongly, there is a potential that around 70 per cent this near-surface permafrost could be lost. (IPCC, 2019)

O aumento da temperatura, atribuída às emissões de gases, resulta em profundas consequências para as pessoas e para o planeta. O vice-presidente do IPCC, Ko Barrett diz que, *“os oceanos e a criosfera do mundo estão a absorver o calor da mudança climática de décadas, e as consequências para a natureza e a humanidade são amplas e severas”*. (IPCC, 2019)

Nas regiões montanhosas e em torno das zonas costeiras baixas ao redor do mundo vivem 670 milhões de pessoas que dependem diretamente dos oceanos e dos recursos congelados do planeta.” Além disso, quatro milhões de pessoas vivem permanentemente na região do Ártico, e os pequenos estados insulares em desenvolvimento abrigam 65 milhões de pessoas.” (ONU, 2019)

¹⁹ ONU – entrevista: <https://www.dw.com/pt-br/aquecimento-e-subida-do-n%C3%ADvel-do-mar-podem-agravar-inunda%C3%A7%C3%B5es-diz-onu/a-50566697>

²⁰ permafrost ou pergelissolo (em português) é o tipo de solo encontrado na região do Ártico, cientificamente é uma camada coberta de gelo e neve.

O Ártico, e a Antártica e as montanhas podem parecer distantes para muitas pessoas. Mas dependemos deles e somos influenciados por eles de diversas maneiras – para tempo e clima, comida e água, energia, comércio, transporte, recreação e turismo, saúde e bem-estar, cultura e identidade”, afirmou Hoesung Lee, presidente do IPCC. (ONU, 2019)

E, as mudanças do nível da água não afetarão apenas as pessoas nessas regiões de alta montanha, mas também as comunidades que se encontram mais perto da costa. (Panmao Zhai, co-presidente do IPCC, 2019)

As indicações do IPCC (2019) indicam que qualquer grau de aquecimento adicional, poderá ocorrer uma vez por século em comparação, que no passado ocorreram todos os anos até meados do século em muitas regiões, aumentando os riscos para muitas cidades costeiras baixas e pequenas ilhas (IPCC, 2019). E é provável que os resultados extremos do nível do mar possam ocorrer durante a maré alta e tempestades intensas. A variação da temperatura média da superfície terrestre é causa primária dos cenários climáticos, causando inúmeras alterações no sistema natural, já antes referenciado, visto que, o nível da precipitação e o nível médio do mar são os fenômenos climáticos extremos e, cada vez mais estas previsões têm estado a expandir-se com cenários intermédios ao longo do século.

2.2. Cenários do aumento do nível médio da água

Há mais de meio século que a variação global do Nível Médio do Mar (NMM) tem vindo a ser objeto de estudo (Alveirinho Dias, Taborda, 1988).

A relevância de tais estudos tem vindo a ser confirmados ao longo da última década, principalmente porque se verificou que este nível apresenta grande sensibilidade potencial às pequenas oscilações climáticas, e porque o aumento da erosão litoral detetável, de forma genérica, em todas as zonas costeiras do globo é, em grande parte, atribuível à elevação recente desse NVM (Alveirinho Dias, Taborda, 1988).

O Painel Intergovernamental das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (IPCC) afirmou no seu quinto relatório de avaliação de 2013 que, sob as trajetórias atuais de emissões o um cenário provavelmente aumentaria um metro até 2100. *“Os oceanos estão a aquecer, e os níveis do mar sobem cada vez mais rápido, gerando consequências desastrosas para os seres humanos e o planeta.”* (IPCC, 2019).

As zonas costeiras sofrerão impactos tais como o aumento do risco de inundação e a deslocação de zonas húmidas, a aceleração da erosão e o aumento das inundações associadas às tempestades. No final no século XXI, a costa registará impactos, que iram influenciar na entrada de água salgada para o interior do estuário, que acabará com alguns ecossistemas que não vivem em águas salgadas e com algumas infra-estruturas.

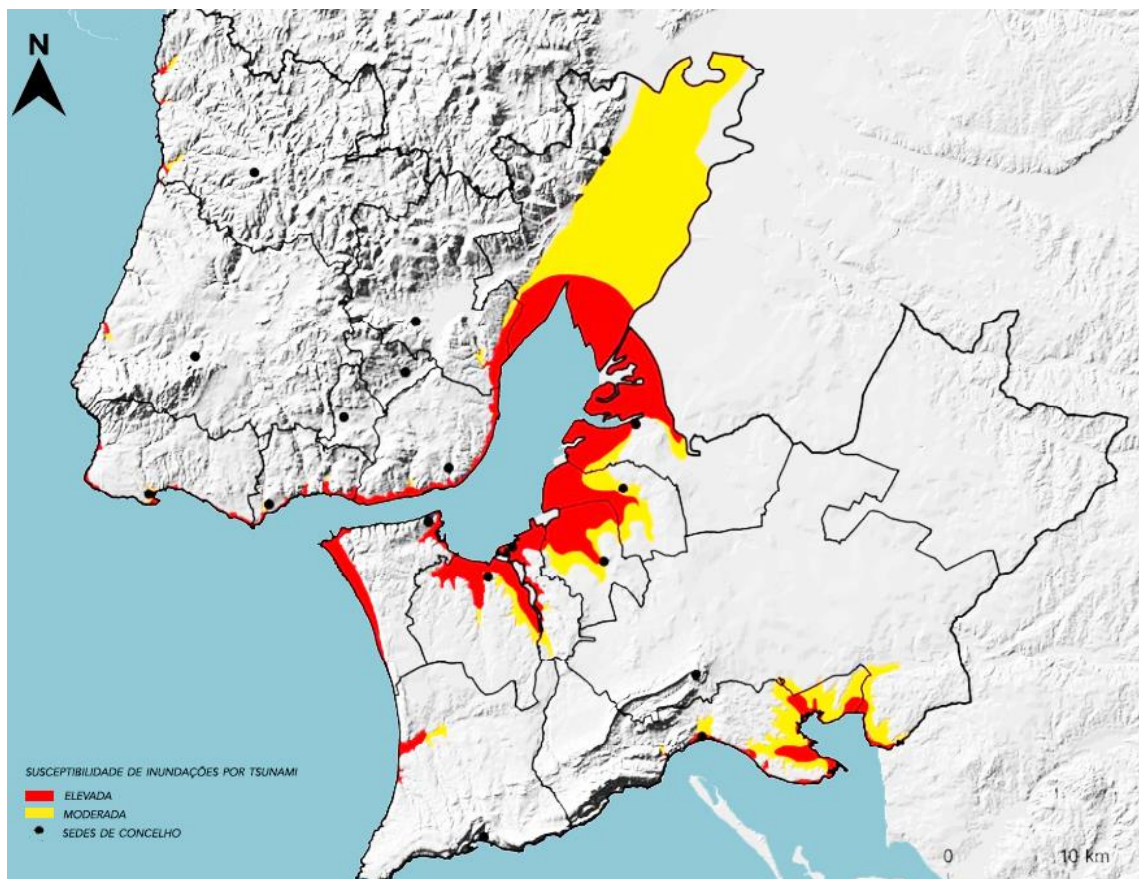


Figura 31: Diagnostico Setorial Riscos e Proteção Civil (2010) – PROT-AML

Em Portugal, as zonas costeiras coincidem com a maior parte dos grandes centros urbanos, visto que, cerca de 75% da população portuguesa habita estas regiões, o que implicaria maiores danos no território e no sistema económico (Santos et. al., 2001). “14% da população vive a dois quilómetros da linha de costa.” (Antunes²¹, 2019)

Nas zonas costeiras encontram-se ambientes mais apelativos, que geram mais interesse de serem explorados, e tendem assim, a aumentarem o fluxo populacional

²¹ Carlos Antunes - entrevista: <https://ionline.sapo.pt/artigo/659720/carlos-antunes-nao-ha-memoria-coletiva-de-uma-subida-do-nivel-do-mar-como-a-que-vamos-ter-?secao=Portugal>

consoante o passar dos anos. Neste segmento a ocupação humana será maior, apropriando-se dos solos inadequadamente e os problemas aumentaram cada vez mais nestas zonas. Conforme o Diagnostico Setorial Riscos e Proteção Civil (2010), o território abrangido pelo PROT-AML encontra-se exposto a um leque variado de perigos que afetam a AML e, nesta visão parte do território regional manifesta perigos naturais, tecnológicos e ambientais.” *A ocorrência de cheias é um problema frequente, afetando a totalidade do território continental desde as pequenas às grandes bacias hidrográficas.*” (SIAM, p.10)

Increases in tropical cyclone winds and rainfall are exacerbating extreme sea level events and coastal hazards. Hazards will be further be intensified by an increase in the average intensity, magnitude of storm surge and precipitation rates of tropical cyclones, especially if greenhouse gas emissions remain high. (IPCC, 2019)

Como a grande maioria dos pólos de desenvolvimento das populações se localizam nas zonas ribeirinhas, o impacto económico e social da alidade aceleração da elevação NVM poderá de ser de extrema gravidade. Com efeito, é de antever, nas próximas décadas, incremento da erosão e recuo das linhas de costa, inundações de zonas ribeirinhas mais frequentes e mais catastróficas, destruição de estruturas costeiras, salinização de aquíferos, ampliação das intrusões salinas nos estuários, danos maiores e mais graves devido a tempestades marinhas etc (Alveirinho Dias, Taborda, 1988). Perante estes e outros impactos previstos existem essencialmente duas formas de ação: a mitigação e a adaptação. A mitigação passa por reduzir os efeitos negativos causados pelas alterações climáticas, optando pela redução da emissão antropogénica de GEE e pela promoção de um modelo económico menos dependente do carbono. Por outro lado, as medidas de adaptação partem do princípio de que as medidas de mitigação não serão suficientes para lidar com a amplitude dos efeitos das alterações climáticas sendo por isso necessário adaptar os sistemas naturais e humanos (MAOTDR, 2009).

A água responde lentamente à absorção do calor e é um processo que leva muito tempo a estabilizar, ou seja, a expansão térmica demora a aquecer e expandir quando exposta a uma fonte de calor. Ao longo do século XXI o nível da água vai continuar a aumentar, mesmo que a causa do aquecimento global for interrompida, porque a quantidade de calor já foi absorvida pelos oceanos e poderão responder em termos de expansão volumétrica – causa/efeito.

Os modelos expostos são ligeiramente divergentes, devido ao comportamento ambiental, os níveis de emissão de gases aumentam de ano em ano e visto assim, o aquecimento continua a mostrar previsões aceleradas de derretimento das camadas de gelo maciças na Antártida e na Gronelândia. E mais 100 cientistas envolvidos no estudo constataram que o rápido aquecimento dos oceanos, das regiões polares e geleiras está exterminando cada vez mais a vida marinha e acelerando as mudanças climáticas (ONU, 2019). A UNESCO e outros pesquisadores apontam elevações do nível da água futuras superiores do IPCC, que pode atingir entre 1,2 e até nove metros acima do nível atual em 2100.

As alterações climáticas já perceptíveis bem como aquelas previstas, tanto a nível global, regional ou local, têm um impacto sobre os vários sistemas biofísicos e socioeconómicos. De entre os sectores mais afetados podemos destacar os recursos hídricos, a biodiversidade e a saúde e as áreas mais vulneráveis serão as zonas costeiras e as áreas urbanas (Alcoforado et al., 2009).” *Warming and changes in ocean chemistry are already disrupting species throughout the ocean food web, with impacts on marine ecosystems and people that depend on them.*” (IPCC, 2019)

Por outro lado, devido à falta de informação científica publicada persistem incertezas, relativamente a alguns fatores que influenciam a subida do nível do mar, tais como as mudanças no fluxo das camadas de gelo. Conclui-se, desta forma que os dados relativos à subida do nível médio do mar até ao final do século XXI podem ser superiores aos previstos. Num cenário extremo, de completo degelo dos glaciares e nível médio do mar poderá aumentar sete metros (IPCC, 2007).

Até que ponto estamos mesmo preocupados com as alterações climáticas e com os cenários anunciados para 2100? Afinal, em 2100 já não estaremos cá para ver. Muitos acreditam que a tecnologia vai resolver os problemas do clima que hoje nos preocupam. E essa é uma perigosa percepção que, na realidade, nos pode tramar. (Cruz Santos, 2019)²²

²² Arquivo- Renato Cruz Santos – entrevista: <https://www.publico.pt/2019/03/05/ciencia/noticia/discutimos-mundo-aquece-1864137>

| Cenários da subida do nível do mar, projeções para 2100 | | | | |
|---|-------------------|----------------------|---------------------|---------------------|
| Entidade/ Documento | Melhor Distopia | Distopia Recomendado | Distopia | Distopia Extrema ++ |
| Defra, 2006 (Londres 2115, baseado no UKCIP02) | 0.55m | 1.13m | 1.60m | |
| Dutch Delta Comission, 2008 | 0.65m | 0.85m | 1.30m | |
| Thames Estuary 2100, Plan, 2009 | 0.20m | | 0.90m | 2.7m |
| U.S Global Change Research Program, 2009 | 0.60m | 0.90m – 1.20m | | |
| New York (NYCPCC), 2009 | 0.30m | | 0.75m | 1.08m |
| New York (NYCPCC), 2009 (para o horizonte) | 1.0m | | 1.4m | |
| California Climate Adpatation Strategy, 2009 (cenários IPCC, 2007) | 0.6m 1.0m (B2) | | 1.0m 1.4m (A1f1) | |
| California Climate Adpatation Strategy, 2009 (Knowles ,2008) | | 1.40m | | |
| Lincolnshire 2115, Atkins, 2010 (baseado UKCIP02) | 0.56m | 1.13m | 1.60m | |
| Climate Rotterdam 2100,2010 | | 0.85m | 1.20m | |
| North Carolina SLR Assesment Report, 2010 | 0.4m | 1.0m | 1.4m | |
| Defra, 2010 (Londres 2005, baseado no UKCIP09) | 0.37m | | 0.53m | 0.93m 1.90m |
| Filipe Duarte Santos, 2010 (Cascais) | 0.6m | | 1.0m | |
| IPCC, 2013 | 0.26m | 0.80m | 1.10m | 7.0m |
| Carlos Atunes, 2019 (Lisboa) | | | 2.62m | |
| UNESCO, 2019 (Paris) | | | 1.2 m | 9.0m |
| MÉDIAS | 0.50 m | 0.90m | 1.38 m | 3.77m |

Tabela 1: Cenário da subida do nível do mar, projeções para 2100: médias efetuadas com suporte nos dados levantados de vários autores

A busca de autores que se debruçam a estudar esta temática das alterações climáticas suscitou o interesse de estabelecer médias, conforme os valores que são lançados para cada cenário. As médias, justificam-se estabelecendo uma hipótese de catástrofe a “curto prazo” sob o território investigado.

O melhor cenário (melhor distopia) registado pela média geral dos vários autores descritos na tabela, corresponde a uma subida do nível do mar de 0,50m. Aqui identifica-se uma ligeira elevação que cobre uma parte das salinas que se encontram junto a zona costeira. Neste melhor cenário as salinas que se encontram ativas correrem o risco de ficarem submersas, visto que, a água atuou ainda mais para o canal interior da mesma.

Posteriormente, o cenário recomendado (distopia recomendada) presente na tabela, corresponde a uma subida do mar de 0.90m, que aposta numa hipótese mais plausível do aumento do nível do mar neste território, pois encara-se conscientemente, uma perda do ecossistema salineiro. Porém, caso se der esta elevação como consequência; a produção do sal irá diminuir, pois umas das partes das salinas atualmente ativas poderão ficar submersas e muitas espécies que habitam neste ciclo iram fluidificar-se nestas águas.

O pior cenário (distopia) da tabela corresponde, a uma elevação de 1,38m. A consequência desta elevação influenciará na escassez da biodiversidade e o indivíduo terá a necessidade de procurar soluções sustentáveis, de forma a preservar a paisagem que irá sobreviver neste território do Estuário do Tejo. A valorização das Salinas do Samouco terá de ser mais acentuada, para conservar da *vida* deste *habitat natural*.

Por fim, o cenário extremo (distopia extrema) da subida do nível da água é considerado o cenário mais caótico de todos anteriormente apresentados

com uma média de 3,77m de elevação. É um cenário gravíssimo para um futuro rico na diversidade paisagística e no progresso ecológico do território, a configuração do nível da água será, a total destruição deste *habitat* sensível de um sistema de salinas e parte da zona costeira da envolvente da vila de Alcochete.



Figura 32: Subida do nível do mar, o primeiro cenário apoiado na tabela das médias projetadas com uma melhor elevação de 0.50m nas Salinas do Samouco



Figura 33: Subida do nível do mar, o segundo cenário apoiado na tabela das médias projetadas com uma elevação recomendada de 0.90m nas Salinas do Samouco.

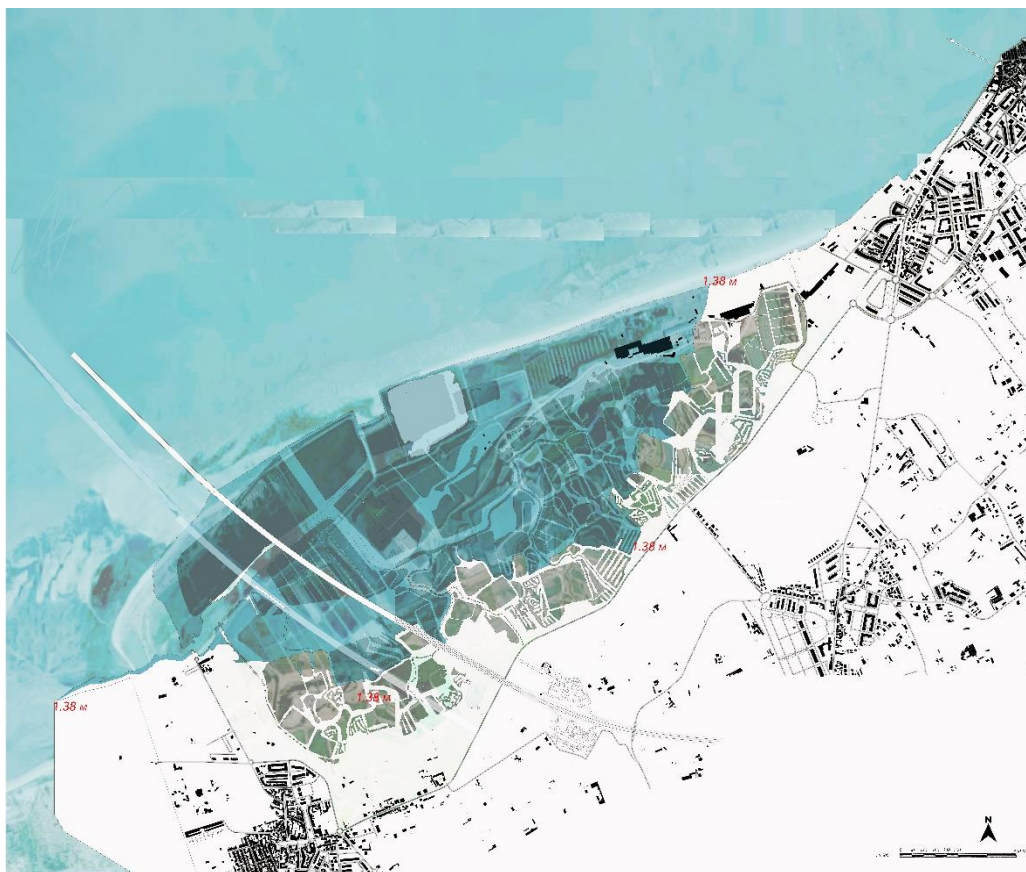


Figura 34: Subida do nível do mar: o terceiro cenário apoiado na tabela das médias projetadas com uma pior elevação de 1.38 m nas Salinas do Samouco

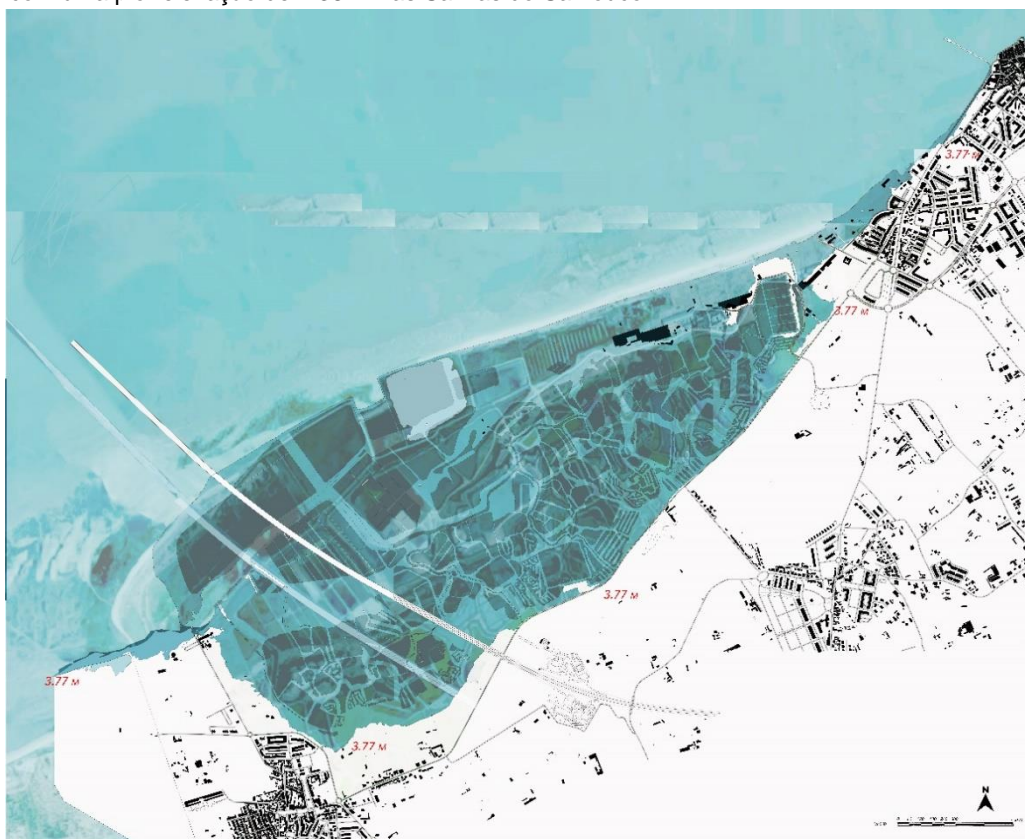


Figura 35: Subida do nível do mar: os quatro cenários apoiado na tabela das médias projetadas com uma elevação extrema de 3.77 m nas Salinas do Samouco

2.3. Realidade e perspectiva de futuro

As alterações climáticas já são uma realidade, com efeitos à escala global e com estragos devastadores provocados por fenómenos climáticos extremos. A interferência antropogénica no sistema climático tem sido perigosa e desestabilizadora, conduzindo a riscos, ameaças e impactos adversos e multidimensionais.

As principais camadas de gelo poderão desaparecer, o calor extremo e as secas brutais poderão destruir árvores e florestas inteiras. As condições climáticas serão cada vez mais inadequadas à sobrevivência dos seres humanos, devido ao aumento da temperatura. Existem três tipos de alterações climáticas as incrementais, as perigosas e as catastróficas, visto que, há uma probabilidade não negligenciável de em 2100 o mundo entrar num cenário catastrófico que provocará a mudança na relação da humanidade com a natureza (Pereira, 2018).²³

Fontes de pesquisa apontam que, existem investigações que alertam para um “futuro sombrio”, descrevem o futuro do planeta particularmente “sombrio”, buscando culpar os governos mundiais que “ignoraram” os avisos e os conselhos dos cientistas. Em resultado da inação global das sociedades, a temperatura global poderá aumentar até 3º Celsius por ano, o IPCC (2018) ressalta, um aumento de até 2º Celsius e para uma ameaça à sobrevivência de milhões de pessoas e o investigador Luís Filipe Dias, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, afirma que o planeta já aqueceu 1º Celsius em relação às temperaturas registadas na era pré-industrial.

Acima destes valores, coloca-se seriamente o perigo em muitos setores socioeconómicos de importância vital, entre os quais se destacam os recursos hídricos e alimentares do planeta. Em contexto, perante esta problemática prevêem-se consequências mais graves e riscos maiores para a humanidade e para todo o planeta, a produção de alimentos diminuirá e o acesso à água potável será limitado; e muitas das cidades mais populosas no mundo serão parcialmente abandonadas e assim, mais de milhões de pessoas vão ser obrigadas a abandonar os territórios onde sempre viveram, devido à seca extrema ou à subida do nível do mar.

²³ A investigadora Joana Castro Pereira – entrevista: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/06-dez-2018/alteracoes-climaticas-nos-temos-uma-ameaca-a-nossa-sobrevivencia-10238103.html>

Esta ação é de tal forma profunda e alargada, que vários cientistas consideram que entrámos já numa nova época geológica – o Antropoceno– que representa o impacto que a Humanidade tem na transformação da Terra. A evolução e desenvolvimento do ser humano encontra-se intimamente relacionada com o clima que o rodeia. Se, em certos períodos da História, as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento de sociedades, noutros períodos menos favoráveis originaram a escalada de conflitos e, inclusive, a queda de civilizações (Fagan, 2007).

Olhando para um horizonte temporal mais longínquo, o que é preciso perceber é isto: nós temos uma ameaça à nossa sobrevivência, que não advém de nenhum inimigo externo. Desta vez, o inimigo somos nós. (Pereira, 2018)

O mundo está a enfrentar uma sentença, que coincide com o consenso científico por se estar a sentir nos dias de hoje os efeitos das alterações climáticas e pelo ser humano, o agente causador. As alterações climáticas são um alerta para as sociedades atuais, uma vez que põem em causa a dimensão dos fenómenos climáticos extremos e o seu período de retorno para além da perda de vidas humanas, surge a questão da sustentabilidade das sociedades economicamente desenvolvidas quando estes fenómenos, altamente destrutivos.



Figura 36 e 37: Fonte: <https://www.publico.pt/2019/11/13/mundo/noticia/veneza-vai-declarar-estado-emergencia-devido-cheias-ja-mataram-duas-pessoas-1893555>; Fonte: <https://www.publico.pt/2019/12/20/sociedade/fotogaleria/cheias-douro-399234>

Sobre o futuro, não se tem uma previsão certa e não é impossível explorar a mente. Especular faz parte do crescimento de ideias e conceitos. Moldar o futuro é a melhor maneira de começar a imaginar possibilidades que se idealizam. Usa-se o futuro para ajudar a lidar com a incerteza e a mudança, uma vez que revela a complexa interação de tendências dinâmicas ao redor e identifica riscos, oportunidades e

inovações. A sustentabilidade e o futuro andam de mãos dadas, usar o futuro para a sustentabilidade, tende a buscar visões e cenários que permitem desafiar as suposições das organizações sobre o mundo, ajudando a mapear rotas para um futuro sustentável. Hoje existe uma preocupação com a política das cidades e o seu futuro.

O futuro é o desabrochar virtual do aspeto afirmativo do presente, no respeito das nossas obrigações para com as gerações futuras. Não é um ato de fé, mas uma transposição ativa, uma transformação ao nível mais profundo. A possibilidade de uma dimensão profética ou visionária assegura-nos o usufruto das coisas que nos são sistemáticas negadas pelo capitalismo avançado – o presente, como plataforma de lançamento para um devir ou transformações sustentáveis. Um salto qualitativo e criativo induzido por uma dimensão visionária e profética é a única forma de emendar e compensar a negatividade do presente (Braidotti, 2017, p.252).

3. “A origem e a utopia”

O conceito de utopia aparece com Thomas More, numa obra datada em 1516, no período dos Descobrimentos, quando surgem os primeiros relatos de viagens para um mundo novo, indicando o começo da globalização. A *Utopia* de Thomas More é um dos êxitos literários do seu século.

A utopia entra no modelo literário através da fantasia e do campo etéreo, com a invenção de uma ilha chamada Utopia, na qual narra um projeto ficcional político de uma sociedade perfeita e reguladora do social, regida por um Estado socialista baseado numa democracia republicana, que se alimenta de valores perfeitos de coexistência humana (Moore, 1535). Rafael Hitlodeu, narrador e personagem da história da ilha de Utopia, refere o nome fundacional da ilha se deve ao seu fundador platónico, o rei-filósofo Utopus (justiça e sapiência). Moore, precursor do movimento humanista criou ao mesmo tempo, um espaço perfeito, em que critica metafórica e ironicamente, na obra, a sociedade e a política de Inglaterra do século XVI.

Utopia descreve uma organização social, ainda baseada na escravatura, boa de mais para ser verdade. Representava uma ordem humana, se bem que repetida em muitos projetos grandiosos, demasiado ideal para poder ter localização concreta. Em paralelo, o livro oferecia o comentário de More sobre atualidade política do seu tempo, chamando a atenção para uma sociedade eivada de crime e pobreza. (Gadano, 2017, p. 197)

A utopia de Thomas More surge, como manifestação humanista, apoiada no urbanismo, uma concepção racional do espaço que o separa o sagrado e do objeto de inteligência humana a vontade associada, a um universo moldado a uma sociedade aperfeiçoada e deliberadamente construída para consolidar e fortalecer ou induzir as virtudes sociais, para alcançar uma sociedade feliz: igualdade, transparência coletivismo, trabalho prudente e disciplina social. E esta necessidade advém sempre do inconformismo, quando o presente se nos revela intolerável. É, então a consciência utópica que impõem. Não se trate de imaginar o futuro, mas de alterar, radicalmente, as condições do presente para que o futuro seja outro (Ventura, 2017, p.214).

3.1. Utopia

*Não é motivo para não querê-las ...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas! (Quintana, 2007)*

O sentido etimológico da palavra utopia deriva do grego *οὐ-τόπος* composto pela aglutinação do substantivo *τόπος* (transliterado como *topos* e que significa lugar) com o prefixo de negação *οὐ* (transliterado como *ou*, latinizado como *u-*). Desta forma, a utopia significa nenhum lugar ou ausência de lugar, conceito que poderá ser alargado para lugar ainda não-existente, como é referido por Paul Ricoeur, “utopia, which combines the not-yet being of the future with the textual existence in the present, (...)” *De acordo com o seu étimo, “utopia” é um lugar que não existe, mas que gostaríamos de criar* (Berardi,2017, p.237). Vinculado a utopia, a palavra *eutopia*, substitui o prefixo *u* da palavra *utopia* pela partícula *eu* e reforça etimologicamente como, o lugar que se deseja. Deste modo, a “utopia” serve geralmente para descrever algo impossível de ser concretizado, ainda que hipoteticamente, desejável (Laia, 2017, p;205).

Este modelo aparece quando o homem adquire um conhecimento racional do meio em que vive e apercebe-se das restrições e limitações que enfrenta e pensa que esses obstáculos poderão ser removidos na procura de um mundo melhor ilumina situação real desagradável, a partir da qual será projetado um cenário de felicidade para o futuro, um sonho. A utopia, no sentido restrito do termo, pretende contribuir fundamentalmente para a definição dos contornos de uma sociedade melhor (Picon, 2017, p.226).

Falar de utopias é falar de sonhos e esperanças que atualmente são desafios. O pensamento utópico surge em períodos de crise, pensar utopicamente tem sido um

mecanismo recorrente na literatura para um outra visão no mundo em que vivemos, como é o caso da *Utopia* de Thomas Moore, que pertence a um gênero literário que promove a reflexão e autognose num indivíduo que se insere num espaço físico num dado contexto histórico.

A utopia na literatura surge, essencialmente, da necessidade de construção de uma sociedade ideal e sonhadora, criticando as condições as estruturas e o funcionamento da sociedade presente e projetando, através da escrita, metamorfoseada, uma realidade (Bloch, 2006) não apenas fantasiosa ou quimérica, mas também alternativa e desejável no futuro, com base no real (Bloch, 2006). A utopia é descrita, assim, como sendo um espaço imaginário, sempre inalcançável, que nasce do questionamento da realidade (Ricoeur, 1991, p.34). A utopia é uma ficção do real, uma fonte de possibilidades, de sonhos e aspirações desta forma, qual é o papel da Utopia e qual é a função na contestação do real?

A utopia é necessária como fonte de esperança, tentativa de correção e abertura de sentidos, que evita o conformismo perante as vicissitudes da realidade presente ou como realidade sem alternativa (Ricoeur, 1991, p;51,421), na medida em que a morte da utopia é, irremediavelmente, a morte de uma sociedade sem projetos ou objetivos que justifiquem a sua existência (Manheim, 1960; p.321). Em defesa da utopia, Bronislaw Baczko entende-a como expressão de uma atitude crítica, na medida que em o Homem “não se resigna a olhar a realidade social e a sua projeção no futuro” (Bouchet, Picon, 2009, p.15).

O homem-sonhador destaca-se como indivíduo que explora em hipóteses quiméricas outros mundos melhores, onde imperem a justiça e a equidade. Tal como afirma Bloch, “um sonhador sempre quer mais” (Bloch, 2006; p.9), e ao querer mais do que realmente tem, por consequência, sonha. Nos “sonhos diurnos” são evidenciados desejos que não fazem parte nem do passado nem do presente, mas sim de um possível futuro almejado, baseados na esperança como função utópica ativa e possibilidade real: “um *ainda-nãococonsciente* rumo ao novo e, a partir dali, alcança as áreas mais extensas da privação negada, ou seja, da esperança” (Bloch, 2005, p.79).

A teoria do “ainda” de Bloch abre caminho às inúmeras possibilidades futuras ao ser humano que se designa, por “um *ainda-não-consciente*”, por se situar no futuro hipotético (“Noch-Nicht-Bewusstes”).

Concebida como um processo de imaginação de um lugar imaginário cristalino que se quer como lugar existente e que contribui, decisivamente, para a (re)construção social do indivíduo e da comunidade.

Sobre as utopias, Pierre Lévy, refere -se a utopia não pode ser classificada como lugar reificado de valor intemporal, cuja perfeição é inalcançável pelo homem, mas sim como representações ficcionais-imaginárias, processos de efabulação do possível e como propostas e alternativas de reestruturação, (re)construção sociais, união e reencontro com o verdadeiro sentido pacífico da humanidade (Lévy, 1997). Apesar de não configurar um *topo* físico real e específico nem privilegiar a existência de um tempo, projeta o indivíduo para um plano paradisíaco terrestre da esperança, do novo, da nostalgia do futuro, como uma atitude profética antecipadora dos desejos e sonhos de comuns.

A utopia é a arqueologia do amanhã; o utopista é um arqueólogo do futuro. A utopia tem, portanto, sentido de insurreição, revolta; destruição da ordem, do lugar. Assim como também: subversão das relações de poder [...] errância. A utopia: lugar não-reificado. (Lima, 2008)

O “*homemsonhador*”, o utopista, projeta os seus desejos e explorar o possível na busca de novas perspectivas, insubordinando-se perante a forma comum e vulgar que o seu mundo e a sua realidade são representados. O homem continuamente explora novas possibilidades, concebe utopias que podem relação mais harmoniosa entre o homem e o homem e o homem e a natureza (Prigogine & Carvalho & Almeida, 2001, p.18)

Segundo Boaventura Sousa Santos, “*a utopia recusa o fechamento do horizonte de expectativas e de possibilidades e cria alternativas; enquanto nova psicologia, a utopia recusa a subjetividade do conformismo e cria a vontade de lutar por alternativas*” (Cortez, 2001, p.324)²⁴. Liam Gillick defende que, no interior do sistema pragmático neoliberal, a palavra “utopia” é utilizada para descrever qualquer movimento artístico, período arquitetónico, sistema político ou proposição comunal que não se opere dentro do modelo do capitalismo contemporâneo (Laia, 2017; p.205). Theodor Adorno também defende que a força do impulso utópico se torna mais forte quanto menos este seja objetificado como utopia, ou seja, centrando-se no ato imaginativo em si mesmo (Laia, 2017, p.209).

A utopia é a necessidade que corresponde a uma forma dissidente de estar aqui e agora. Não pertence, por isso, ao campo das possibilidades (ao que acrescentamos que a possibilidade pertence à realidade e, por conseguinte, nunca poderá constituir-se como radicalmente outra), mas precisamente, à de algo que é impossível. (Ventura,

²⁴ (2001), *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*, São Paulo: Cortez, p.324.

2017, p.214). Com tempo e a vontade de progressão crítica do ser, a utopia não estagna é (des)construída e repensada ao longo da intransigência do tempo, em torno do encantamento, desencantamento e reencantamento perante a ordem ou desordem institucionalizadas.

A criação de um mundo ficcional possível na imaginação, todavia não realizável, permite a criação além-fronteiras de uma liberdade que na realidade própria do indivíduo não existe, atribuindo sentido à existência e às batalhas do Homem (Hinkelammert ,1988).

A função da utopia é, sobretudo, libertadora, de desbravamento de caminhos, no que diz respeito a uma abordagem, que parte de olhares abrangentes, isto é, além-horizontes contra a obscuridade moral da sociedade. Por conseguinte, a utopia é a *resposta* aos anseios imateriais mais profundos do ser humano, que sim são “sonhos diurnos” e não resultados de delírios humanos que promovem o pensamento crítico e criam representações ou projetos, que nascem de necessidades concretas revolucionárias próprias do ser humano, na luta pela evolução e pelas rédeas do seu destino histórico, como forma de compensar as carências e as insatisfações ontológicas.

Igualmente podemos questionar-nos sobre a relação da arquitetura e a utopia, a relação essa normalmente subentendida. Haveria não somente uma veia utópica em plena ação na arquitetura como também uma necessidade de arquitetura largamente sentida pelos utopistas, com que sonhou na Cidade do Sol - essa composição arquitetónica regular que serve de enquadramento à sociedade ideal, imaginada por Tommaso Campanella nos alvares do século XVII – ou ainda no falanstério de Fourier (Picon; 2017, p.226).

Para Bloch, as utopias arquitetónicas são esses “castelos no ar”, formas sublimes que expressam os desejos de perfeição de uma sociedade num determinado momento histórico, para além de qualquer expressão ideológica, cujas ressonâncias, porém, atravessem o tempo e o espaço (o ideal de perfeição nunca atingido e sempre reinventado) (Ventura, 2017, p.217-218).

3.2. Distopia

Sobre a distopia,

(...) se tornará verdadeiramente independente assumindo o seu papel de «sombra da utopia». Mais aguçada a discernir os erros de uma modernização

triunfante, a distopia toma para si a função analítica da utopia - para acabar por alinhar com os futuros críticos desta última. (Gadanh,2017, p.198)

As narrativas distópicas surgem como forma literária no início do século XX, da repressão, da violência estatal, da guerra, do genocídio, da depressão econômica (Moylan, 2000, p. IX).

Dystopia was born as utopias's negation. Yet, as literary scholars discern, dystopias were not the same as the anti-utopias that, since the eighteenth century, were keen to scorn utopian thinking. Likewise, and contrary to popular belief, dystopia did not originate as a blooming subgenre of post- World War II science fiction, anticipated or escorted by the literary oeuvres of likes of H.G. Wells, Aldous Huxley, or George Orwell. Interestingly, the first recorded use the word rather comes from a public address to the British Parliament by the liberal philosopher and economist John Stuart Mill. Refusing to distinguish the members of the cabinet as "dys-topians" – as, indeed, what they apesred "to favour [was] too bad to be practicable. (Gadanh, 2017, p.27)

A distopia, etimologicamente advém do prefixo grego $\delta\upsilon\sigma$ (dys - / dis-), que remete para qualidades como a "maldade", a "anormalidade" ou "dificuldade", aglutinado à palavra grega $\tau\acute{o}\pi\omicron\varsigma$ ("topos" – lugar). Num sentido literal, refere-se a um lugar "deformado". Falar de distopia é falar de um pensamento "anti utópico" que se desenvolve, exatamente na segunda metade do século XX. Kumar realça que a distopia é uma ("anti-utopian"): "*Anti-utopian temperament has always preferred the concrete to the abstract, the immediate task to the long-term plan, the present to the past or the future.*" (Kumar,1987, p.103).

Este conceito apresenta, uma componente de materialidade trata-se, de lugares situados no tempo (geralmente no futuro) e no espaço. O termo utopia não pressupõe o mesmo prisma. Sendo que, a visão narrativa distópica não se configura, apenas com a perspectiva futurista ou ficção, mas também com uma previsão na qual é preciso combater no presente, em busca de alertar as forças opressoras ou mesmo negativas que compõem o presente ameaçando o futuro, se continuarem a avançar. Consequentemente, as mudanças climáticas ou as desigualdades sociais como catástrofes num futuro próximo, pressupõe que possa ser encontrada uma solução ainda a tempo de evitar o pior. De facto, a distopia nasceu como uma ferramenta crítica (Gadanh, 2017, p.200). Concebe-se a distopia como um aviso, um alerta da realidade que poderá decorrer seja, no presente ou no futuro.

Toda sua obra pode ser compreendida como uma espécie de “aviso de incêndio” dirigido a seus contemporâneos, um sino que repica e busca chamar a atenção sobre os perigos iminentes que os ameaçam, sobre as novas catástrofes que se perfilam no horizonte. (Lowy, 2005, p. 32)

A distopia, como género literário, torna-se então, entre outras características, “a denúncia dos efeitos de poder ligados às formas discursivas” (Hilario, 2013, p. 206). Ela transfere para a narrativa os medos e ansiedades da sociedade em relação ao futuro que surgem no início do século XX, principalmente no que tange a presença da tecnologia, que começa cada vez mais a determinar estilos de vida, produção e dominação, e da materialização das utopias, que saem do “papel” e começam a ganhar formas de organização da sociedade (Kopp, 2011).

O conceito de distopia poderia ser simplesmente definido pela contraposição ao conceito de utopia, tratando-se de uma oposição entre o “bom lugar” e o “mau lugar”. Dito desta forma, a distopia caracteriza-se pela extrapolação negativa. Os vários autores distópicos, são *utopistas negativos*, ao contrário dos *utopistas projetistas*, como Morus ou Skinner, não buscam descrever detalhadamente os aspetos da sociedade futura emancipada, mas sim apontam no futuro as evoluções opressivas das tendências do presente sublinhando exageradamente mecanismos, dinâmicas e situações, a efetivação distópica do futuro, na qual as criações supostamente emancipatórias paradoxalmente convertem-se em instrumentos de dominação.

As distopias, refletem o que a sociedade espera do futuro, mas também aquilo que se vivencia no dia-a-dia. E são justamente esses fatores que tem aumentando a expressão numérica das obras de ficção científica e distópica dos últimos anos (Zizek, 2012), elevando uma imagem de um futuro ameaçador, onde o estado totalitário domina a sociedade. Visto desta forma, as distopias têm como suporte o “controle” e o “poder” de um grande aparato tecnológico, programas que simulam o aumento da temperatura ao longo dos anos e programas ou vídeos que analisam a subida do nível médio do mar perante a consequência anterior.

Briefly, dystopian literature is specifically that literature which situates itself in direct opposition to utopian thought, warning against the potential negative consequences of arrant utopianism. At the same time, dystopian literature generally also constitutes a critique of existing social conditions or political systems, either through the critical examination of the utopian premises upon which those conditions and systems are based or through the imaginative extension of those conditions and systems into different contexts that more clearly reveal their flaws and contradictions. (Booker, M. K, 1994, p.3)

Esta descrição distópica é *antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica*. As *distopias* continuam as ser utopias, no sentido de Jacoby (2001, p. 141), que têm uma capacidade analítica ou mesmo uma disposição reflexiva para usar conceitos com a finalidade de visualizar criticamente a realidade e suas possibilidades de uma sociedade futura. As distopias ou as utopias negativas “expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pósmedieval” (Fromm, 2009, p. 269). Por conseguinte, a representação da distopia contemporânea descreve um espaço iníquo, bárbaro e cruel que dispõe de recursos utilizados indevidamente, e assim constitui e formaliza as tendências negativas que se encontram ativas no atualmente.

3.3. Utopia e distopia no Samouco

Os conceitos anteriormente abordados juntam-se nesta fase do trabalho associadas diretamente ao estudo de caso, para salientar as perspectivas descritas de duas teorias opostas, que se complementam e auxiliam o pensamento destemido das circunstâncias reais. Esta é a fase representativa, que estabelece o princípio da premissa de união entre à imaginação e à realidade e, integra duas partes projetuais com a mesma temática, as alterações climáticas.

A primeira parte direciona-se, ao projeto Bird Port (2019), um projeto mais coletivo, aplicado para um cenário mais abrangente, transmitindo várias visões subjacentes das problemáticas do território de Alcochete na atualidade. É projeto delicado e, transporta-nos para um possível futuro distópico e, ao mesmo tempo tornar-se, numa fusão utópica pela necessidade e a preocupação de resgatar o meio ambiente que vigora neste lugar.

A segunda parte é motivada pela primeira, através de uma análise mais aprofundada do território, o projeto *Napperon*²⁵ de água e terra nas Salinas do Samouco (2020), o título do projeto vem realçar a prática das estratégias que compõem uma nova percepção das salinas numa perspetiva de unir o arco exterior que a compõe, ao dar resposta a um futuro imaginário delicado, ao invés de uma dispersão da paisagem real atual. E porquê só nas salinas? Porque as salinas contam a história deste território de Alcochete, as salinas são as marcas naturais e humanas desta paisagem e porque têm de ser estimadas e preservadas, independentemente de qualquer eventualidade.

Assim, esta segunda parte apresenta-se nos apêndices, no final deste trabalho de investigação, em formato de um registo ou um livro ilustrado.

3.3.1. Projeto *Bird Port*

Vivenciar o *Internacional Waterfront Winterschool Workshop, Waterfront Climate SOS* (2019) fez-me perceber, que nos encontramos num planeta doente, perante efeitos das mudanças climáticas e presos a questão de um futuro, a um *por vir* arriscado. Atualmente, vivemos com a preocupação de garantir um futuro que tome conta deste impacte ambiental global forçados a estabelecer novas relações entre a natureza, a ciência e a sociedade. Os protestos climáticos globais são liderados pela juventude do século XXI. A ativista ambiental sueca, Greta Thunberg é conhecida por protestar a vulnerabilidade do planeta Terra que uniu gerações ao redor do mundo sob a mensagem que “*não existe planeta B.*” “*Mudança climática é pior que lição de casa.*”, “*Mudem a política, não o clima.*”. “*O clima está a mudar, porque que nós não?*” “*Os oceanos estão a elevar-se e nós também.*”. “*Queremos o New Deal verde.*” (Luiza Dulci, 2019)²⁶

(...) devemos ter a ousadia de inventar a sociedade em que queremos viver (...) Por isso, não temo ser considerado utópico. Antes reclamo o direito de podersonhar. Sonhar as coisas impossíveis que, pelo facto de terem sido insistentemente sonhadas, se vão tornando realidade. Para sonhar, e fazer os outros sonhar, sou escritor (Pepetela, p.386)

²⁵ *Napperon* - É uma palavra francesa, com a definição no dicionário de ser um pano ou uma toalha de rede ou bordado colocado em cima de um objeto para proteger ou decorar; <https://educalingo.com/pt/dic-fr/napperon>

²⁶ Luiza Dulci, Edição 189 - <https://teoriaedebate.org.br/colunas/nao-existe-planeta-b/>

Nesta investigação apresenta-se um cenário real, um território histórico consagrado num município, que reflete a capacidade diversificada biológica entre o mar, as salinas, a terra e nós que somos uma das camadas que o constituí. Hoje, apresenta-se ameaçado pelas especulações tecnológicas, traçadas até ao final do século, por consequência dos gases libertados, já anteriormente referidos. A pressão humana sobre os habitats de zonas estuárias e costeiros da área metropolitana de Lisboa está a destruir o que existe de biodiversidade consagrada nestes *lugares*, as ações negativas registadas ao longo dos séculos estão a ser repercutidas hoje e levam a especulação das catástrofes climáticas – o aumento da temperatura com a consequência da subida do nível médio da água. A dialética entre utopia/distopia foi levada a abandonar as suas origens literárias para entrar na conceção das realidades urbanas e quotidianas (Gadano, 2017, p.200). No *Internacional Waterfront Winterschool Workshop, Waterfront Climate SOS* (2019), analisou-se os problemas da reserva natural das salinas do Samouco, através da análise de cenários do futuro do (IPCC), que realmente vão de encontro ao estudo da investigação e estes problemas baseiam-se, no aumento do nível do mar, nas inundações, nas condições climáticas extremas, na urbanização intensiva de Alcochete – pressão dos *lobbies*²⁷ turísticos, projetos de infraestruturas - o novo aeroporto do Montijo, o Ataque Turístico - SPA Resort e o Submerge, a exploração ilegal da fauna e flora e no fundo a falta de interesse político de valorização do *lugar*. Estes cenários futuros projetados para as salinas do Samouco refletem-se como a distopia, fundamentada no interesse político e económico, que prevê resultados a curto e longo prazo no ecossistema e na biodiversidade.

(...) pensar o espaço intercalar que surge entre a utopia e a distopia, ambas entendidas com correlatas de uma visão impossível com origem num desejo de mudança profunda da nossa condição presente, porque é aí, unicamente, que poderemos reclamar o real enquanto produção criativa do novo e da diferença radical ou, acima de tudo, enquanto processo criador de potências (em detrimento de possibilidades ancoradas na realidade ou exercícios de especulação).(Ventura, 2017, p.214)

A distopia vem assumir a prática negativa da sociedade, associada as alterações climáticas, ao aquecimento global, devastação ambiental, miséria alastrada e exploração crescente, (...)” (Berardi, 2017; p.237). (...) É simplesmente o lugar onde já estamos e onde é provável que passemos o resto das nossas vidas.” (Berardi, 2017;

²⁷ A palavra em manchete “*lobbie*” que tem o significado de procurar influenciar aqueles que têm o poder político e atuam no sentido de proteger os seus próprios interesses ou de uma associação que representam.

p.237). A distopia é descrita como instrumento de reflexão acerca dos “efeitos de barbárie” que nos cercam na contemporaneidade (Mattéi, 2002, p. 13), no sentido, da possibilidade de pensar criticamente acerca das atitudes *barbárie* que impulsionam o pensamento distópico. “Vivemos uma época de emergência ambiental.” (Laia, 2017; p.206)

O governo português decidiu construir um novo aeroporto para servir a região de Lisboa, que estará localizada a cerca de 42 km a leste do centro da cidade no Sul margem do rio Tejo. O novo aeroporto vai proporcionar o aumento do turismo fluvial no estuário do Tejo. (JN, JN Direto, 2019)²⁸



Figura 38: Fonte: projeto bird port, Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019

Este cenário distópico apresenta-se como possível futuro, um futuro que avalia o impacto ambiental da possível construção do aeroporto, que se baseia numa decisão persistente política a curto prazo. A construção do aeroporto destruirá completamente os ecossistemas da reserva natural, pela causa de densidade de pessoas e pelo tráfego provocando poluição. Como consequência afetará a saúde das pessoas e prejudicará a avifauna do estuário do Tejo que se revê como um ecossistema frágil.

O seguinte cenário reflete na manipulação do *habitat* das salinas do Samouco, um futuro forçado pela fundação das salinas que tem como objetivo socioeconômico de construir um SPA RESORT para uso e bem-estar das pessoas de forma a reaproveitar os espaços das salinas inativas pela consequência do turismo que transformou completamente Lisboa e Alcochete seria um novo local potencial para expansão urbana e desenvolvimento de resorts turísticos. E desta forma, as salinas de Samouco

²⁸ JN Direio- <https://www.jn.pt/local/noticias/setubal/montijo/novo-aeroporto-aumenta-turismo-fluvial-no-estuário-do-tejo-diz-autarca-10411319.html>

deixariam de ser o *habitat* principal das aves aquáticas e tornar-se-iam piscinas resgatadas pelos recursos naturais, o sal e a lama.

It also meets the management objectives derived from the inclusion of the area as an SPA for the Tagus estuary, being one of the most important breeding, wintering, and migratory passage for water birds in Portugal. (Emília, Silva et al. 2006)



Figura 39: Fonte: projeto bird port, Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019

No contexto da presente investigação, o objetivo das distopias é analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam completamente o presente na mesma medida em que ofuscam o futuro, possuindo um *fundamento normativo* de um *horizonte ético-político* que permite produzir efeitos de análise sobre o *environment*.

Proponho então substituir o termo «distopia» pela expressão “futuro provável”. Isto obriga-me a renomear também o termo “utopia”, uma tarefa bem mais complexa (Berardi, 2017, p.237). Na verdade, a palavra «utopia» tem sido utilizada como uma espécie de escape lenitivo e é nos permitido ter esperança num futuro no qual a vida será agradável, onde as pessoas viverão em paz, onde ninguém terá fome e por aí fora. (Berardi, 2017, p.238). Também, existindo a capacidade de valorizar os elementos que compõem o sistema que nela estão inseridos.

Porém paradoxalmente, neste contexto a distopia deixará de «ser a negação da utopia» para se transformar na sua própria “essência”. E esta dualidade torna-lá-a novamente apelativa para qualquer prática apostada em exprimir visões críticas sobre a situação presente e os seus possíveis desfechos (Gadano, 2017, p.201).

Vou fazer um rebranding pela palavra “distopia” para que possa perceber melhor aquilo que estamos a falar. Quando observamos as tendências, e se escutarmos os corações da maioria das pessoas, ecoando depressão e agressão, somos forçados a concluir que a distopia é um futuro mais plausível – um futuro mais provável, mais difícil de evitar. (Berardi,2017, p.237)

Atualmente a sociedade global procura desenvolver estratégias flexíveis e inovadoras, de como o individuo se deve adaptar aos cenários locais e regionais de mudanças climáticas e suas consequências sobre as novas condições de vida, o exemplo dá-se com projeto Birdport (2019).

No *Internacional Waterfront Winterschool Workshop, Waterfront Climate SOS* (2019), o objetivo da utopia inclinou-se a antecipar perante o risco global, o aumento do nível da água; a sobrevivência do território, em particular as salinas do Samouco, face as consequências das previsões do nível médio do mar na área costeira do estuário de Lisboa do IPCC entre 2020 a 2150 - a distopia.

A utopia permite criticar a sociedade que se vê distópica, com o intuito de melhorá-la. Interpretamos frequentemente a distopia como uma simples inversão polaridade utópica. Ao fazê-lo, esquecemos uma dimensão fundamental desta última, que deseja o papel central interpretada pelo indivíduo confrontado com o carácter totalitário e o absurdo do mundo em que está mergulhado no mundo do qual não pode escapar, apesar de todos os seus esforços (Picon, 2017, p. 228). Muitos agarram-se a utopia como chave para desvendar o futuro e examinar o presente (Gadano, 2017, p.201). A utopia depressa resvala para a sua imagem especular mais sombria: uma espécie de distorção, um fracasso aparentemente inevitável que desvela a crítica social que permanece na origem do conceito (Gadano, 2017, p.197).

O projeto BirdPort realizado no workshop interpreta a linha da frente, que representa um cenário adaptado as alterações de maneira flexível, inserindo-se plataformas flutuantes e elevatórias que criam a coexistência de novos habitats do meio

ambiente natural, que iriam aprimorar e conservar a biodiversidade e as rotas de migração de aves.



Figura 40: Fonte: projeto bird port Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019.

Desta forma, todos os elementos importantes para uma nova vida tornar-se-iam parte de diferentes camadas verticais - torres - da área / terra e assim, os indivíduos e as espécies aquáticas iriam habitar e a operar em várias altitudes. Este projeto coexiste num novo habitat, numa nova população, nas novas tecnologias renováveis e construções sustentáveis. É um projeto, que enaltece a imaginação de um futuro utópico pós- catastrófico resultante da distopia a longo prazo.

Ao contrario do projeto BirdPort, que enaltece a imaginação de um futuro utópico pós- catastrófico resultante da distopia a longo prazo adaptado, a elevações acentuadas com intervalos de tempo 2120/2130/2140/2145 em 3 m / 5 m / 8 m / 10 m. O foco é (...) a utopia, no sentido restrito do termo, pretende contribuir fundamentalmente para a definição dos contornos de uma sociedade melhor (Picon,2017, p.226), fundamentada pelas médias anteriores.

Finalmente, a (...) “utopia”, (...) resolvi então substituí-la pela palavra “possibilidade” (Berardi, 2017, p.238). Jameson chega a referir a encenação “de supostos sintomas de degradação” como motivo de celebração e como promessa “de um futuro utópico alternativo” (Gadano, 2017, p.199). “*Libertemos-nos do medo do futuro, concentrando o futuro como presente.*” (Ventura, 2017, p.214). Este futuro-

presente equivale à ideia de que Ernst Bloch presentia em cada utopia, a imaginação de que não existe ainda, que se revela *por vir* inacessível e impossível no limite do pensamento lógico, mas que pode nascer a condição do presente, se existir esse desejo consciente de antecipação coletiva a curto prazo (Ventura, 2017, p.214).

Deste modo, o município de Alcochete é caracterizado por uma riqueza histórica que tem origem na relação agregada ao rio Tejo. Assim sendo, a realidade associada a presente investigação surgiu-nos, quando olhamos para o município e concentramo-nos na principal consequência, o aumento consecutivo do nível médio da água poderá ter um impacto na frente ribeirinha do município.

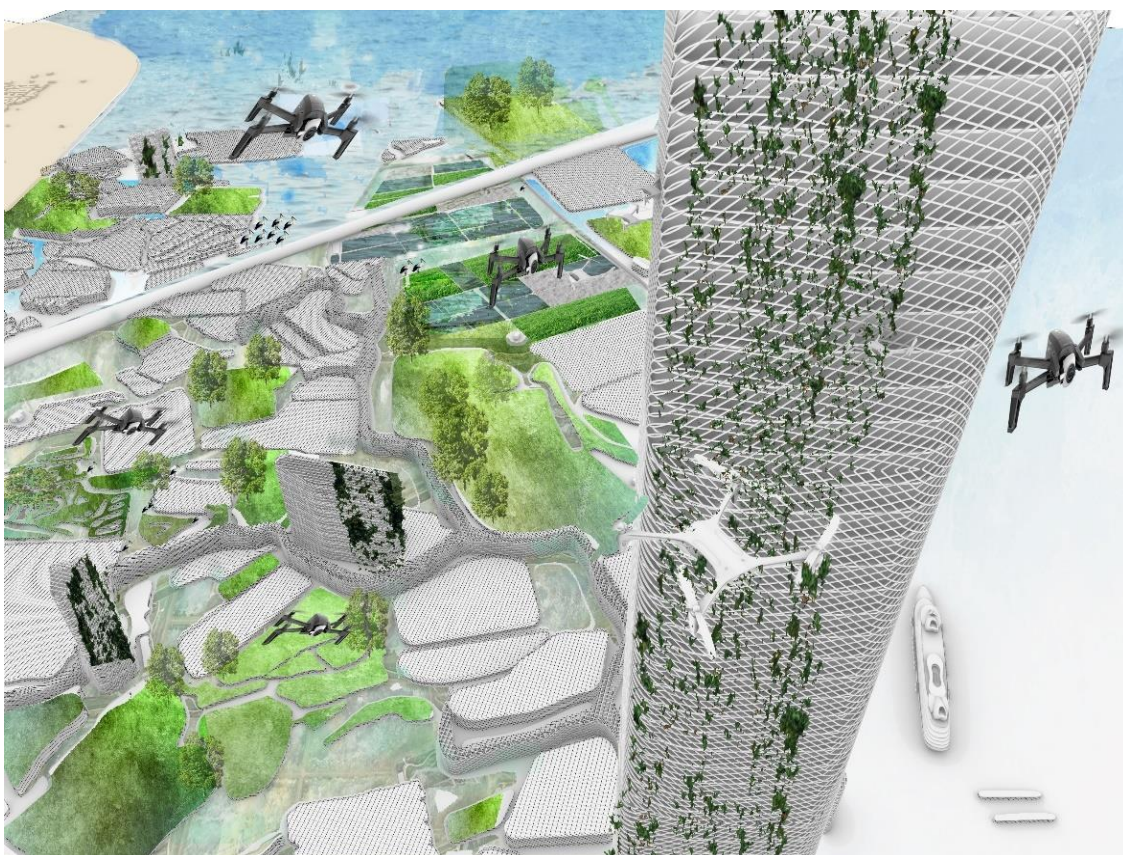


Figura 41: Fonte: projeto bird port, Internacional Waterfront Winterschool Workshop: Waterfront Climate SOS, 2019.

Principalmente associadas ao aquecimento global, as alterações climáticas são o resultado do aumento das emissões de gases com efeito de estufa. A emissão de gases não será reduzida de forma suficientemente rápida para evitar mudanças significativas na composição da nossa atmosfera. Mesmo enquanto esperamos o melhor, temos de nos preparar para eventualidades desagradáveis, e assim conscientemente perspetivar possíveis cenários que possam se apoiar dos momentos delicados e inesperados.

4. Considerações Finais

Há muitas décadas que repetimos ser a crise global do ambiente e do clima, o maior desafio existencial, que a humanidade criou para si própria, com repercussões estruturais e ontológicas até, para o futuro do planeta.

Hoje, ironicamente vivemos uma inesperada situação, a pandemia do novo COVID 19, que tem causado impactes igualmente complexos em todo o mundo, mas sobretudo nos colocaram perante a necessidade de ação imediata. Na realidade, estamos a viver uma distopia global, uma crise que constituí um cenário não esperado, mas global extremamente delicado, uma vez que, se espera a redução drástica da natalidade e a alteração de hábitos consolidados, estabelecendo, com isso, o caos social, político e financeiro. E o clima?

Já acostumados a viver num mundo onde as crises persistem, pensamos, que consequências irá ter este momento. Persistem de tal forma, que hoje o confinamento em casa, obrigatório, leva a refletir sobre o atual momento histórico e a especular sobre o futuro da humanidade. Estamos, uma vez mais, a evidenciar o significado de distopia e da utopia e sobre o seu contributo para a realidade, tendo em consideração que a utopia se refere à projeção de uma sociedade harmónica e igualitária, enquanto a distopia se refere a uma sociedade autoritária e sombria.

O presente trabalho de investigação resultou de uma pesquisa abrangente, de busca de todo um conhecimento para a compreensão do território de Alcochete, território com características muito pertinentes para a compreensão do futuro em situação de emergência climática. Alcochete é um território extenso e muito rico pela sua diversidade ambiental, compondo um cenário ímpar produzido pelo singular alinhamento das salinas, habitadas por aves aquáticas e inúmeras espécies vegetais, conjugado com uma belíssima paisagem natural, a construção humana de um sistema de construção de paisagem em larga escala, para o domínio do ambiente natural e rural. É um território natural, dominado e desenhado pelo homem. O destaque deste território resulta da sua posição geográfica que integra uma complexidade peculiar junto a reserva natural do Tejo.

Igualmente, as alterações climáticas vieram marcar a atualidade, na medida em que se tem vindo a registar uma maior variação nas últimas décadas que permite a exploração antecipada dos fortes impactos a vários níveis, principalmente nos territórios urbanos ribeirinhos. Ainda que, seja um tema atual é um acontecimento instável, que acaba por trazer várias incertezas quanto ao futuro, pois com os registos do aumento

da temperatura ao longo dos anos conclui-se, que este fenômeno tem vindo a agravar-se, mesmo que encontremos estratégias para amenizar esta emergência ambiental, na posição de defender, não pode ser evitada, pois é um problema que vai naturalmente acontecer, porque a desadequação já foi criada.

Por consequência, um dos objetivos que definimos para considerar um cenário futuro baseou-se no *porvir* de uma ideia real, reguladora para um ambiente e para um planeta melhor, adaptado às circunstâncias sensíveis que o território das Salinas do Samouco poderá enfrentar, num curto período de tempo. E, como consequência da idealização deste cenário, surgiu-nos o interesse pela palavra *ustopia*, uma mescla de utopia com distopia, concebida por Margaret Atwood²⁹, que nos diz que: a “ustopia foi uma palavra que inventei ao combinar utopia com distopia — a sociedade imaginária perfeita e o seu oposto — porque, no meu ponto de vista, cada uma contém uma visão latente uma da outra.” (Atwood, 2012, p. 66). Desta forma, a utopia e a distopia convivem, se interpelam e questionam o espaço no nosso imaginário e da nossa realidade, na medida em que, na distopia permanece uma utopia em potencial e pode ser mais contida ou até, mais óbvia.

E, portanto, se o presente já nos parece distópico é porque a utopia também está latente nele. Como disse Fátima Vieira (2010, p. 22), a utopia mostra sua imensa capacidade de sobreviver ao reinventar-se e serve para que não deixemos de caminhar em busca de um futuro possível consciente. E assim, podemos caminhar para um planeta melhor, porque é a única casa de que dispomos e é essencial preservar os recursos que nos oferece. É nesta conjugação de conceitos, que aqui apresentamos um projeto de arquitetura que busca esta essência de proteção e de preservação do bem existencial que instantaneamente nos coloca como utilizadores conscientes e racionais dos recursos disponíveis, mostrando serem a chave, quer para o desenvolvimento sustentável, quer para a diminuição de GEE emitidos para a atmosfera.

Esta não é apenas uma tarefa, mas também um desígnio de todos e de cada um individualmente, pois o desafio do aquecimento global e de todas as crises que enfartamos estão nas nossas mãos enquanto cidadãos conscientes. A proposta aqui apresentada, não se deve considerar como a única solução, nem se pode ler intenção moralista.

²⁹ Margaret Eleanor Atwood - É uma escritora canadense internacionalmente reconhecida pelos inúmeros prêmios literários importantes e membro fundador do *Writes' Trust of Canada*, uma organização não governamental que apoia o conjunto de escritores canadenses residentes nos país.

O trabalho aqui apresentado, o de investigação e a proposta arquitetónica em apêndice, não é propriamente uma solução material e física, mas um processo de pensamentos e de projeto que considera a utopia do futuro. Julgamos que com este processo conseguimos abranger o maior potencial deste lugar e esta ideia tem particular pertinência em cenários possíveis por via das alterações climáticas, uma vez que estas ainda não estão completamente compreendidas.

Bibliografia

- Alcoforado, M.J., Andrade, H., Oliveira, S., Festas, M. J.& Rosa, F. (2009) . *Alterações Climáticas e Desenvolvimento Urbano*. in: Dgtdu (ed.) *Política de Cidades - 4*. Lisboa: Europress, Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
- Agência Portuguesa do Ambiente, APA (2009). *Proposta de Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas*. Versão para Consulta Pública. Comissão para as Alterações Climáticas.
- Andresen, S. M. B. (1989). *Histórias da Terra e do Mar*. Texto Editora, Lisboa.
- Allen, A. (2003), *Environmental planning and management of the peri-urban interface: perspectives on an emerging field, Environment and Urbanization*.
- Almargem, (2018). *Salicornia ramosissima* (J.Woods). Obtido em 30 de outubro de 2019: <http://almargem.org/biodiv/especie/salicornia-ramosissima/> (pp.135 -147).
- Alves, T. (2001). *Paisagem, Em Busca do Lugar Perdido*. Finis terra (pp. 67–74).
- Antrop, M. (2004). *Landscape change and the urbanization process in Europe: Landscape and Urban Planning* 67 (pp. 9 -26).
- Atwood, M. (2012). *In other worlds: SF and the human imagination*. New York: Anchor Books.
- Andrade. (2012). <https://palavrastodaspalavras.wordpress.com/2008/10/13/distopia-poema-de-manoel-de-andrade/>. Obtido em 20 março 2020
- Berardi, F., Braidotti, R., Easterling, K., Gadanho, P., Laia, J., Picon, A., & Ventura, S. (2017). *Utopia / Dystopia*. Edited by Pedro Gadanho, with João Leia and Susana Ventura. Fundação EDP, printed in Portugal.
- Bettencourt, H. (2009). *Padrões de Ocupação do Solo/Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental: in PROTAML (Proposta de Alteração), Diagnóstico Sectorial*. Obtido em 8 de outubro de 2019: <http://consultaprotaml.inescporto.pt/plano-regional>
- Bloch, E. (2005). *O Princípio Esperança I*, Rio de Janeiro: Contraponto.

- Borrego, C., Lopes, M., Ribeiro, I., Carvalho, A. (2009). *As alterações climáticas: uma realidade transformada em desafio*. Revista Debater a Europa, Nº1 junho / dezembro (pp. 15-40).
- Booker, M. (1994). *The dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism*. Westport, Conn: Greenwood Press.
- Brown, J., Cybulsaka, I., Chaturvedi, T., Thomsen, H. (2014). *Sabkha Ecosystems: Volume IV: Cash Crop Halophyte and Biodiversity Conservation*.
- CMA. (2007). *Revisão do Plano Director Municipal de Alcochete*. Obtido em 5 e 7 de setembro de 2019: www.cm-alcochete.pt
- CMA. (2009). *Catálogo do Projeto de Regeneração da Frente Ribeirinha de Alcochete*. Obtido em 5 de setembro de 2019: www.cm-alcochete.pt
- CMA. (2012). *Alcochete - um concelho com História*. Obtido em 5 de setembro de 2019: www.cm-alcochete.pt
- Castroviejo, S., Laínz, M., López, G., Monsterrat, P., Muñoz, F., Paiva, J., & Villar, L. (31 de 01 de 1990). *Flora Iberica: Plantas Vasculares de la Peninsula Iberica e Islas Baleares*. Madrid: Instituto Bibliográfico Hispánico; Platanaceae - Plumbaginaceae.
- Chirala, V. (2013). *Acclimating to Climate Change: Filling the International Policy Void for Environmentally displaced people*. Houston Journal of International Law, Vol.35 (pp.359-395).
- Comissão Europeia. (1999). *European Spatial Development Perspective – Towards Balanced and Sustainable Development of the Territory of the European Union*. Comissão Europeia, Potsdam.
- Davy, J., Bishop G. F., Costa, B. (2001). *Salicornia L. (Salicornia pusilla J. Woods, S. ramosissima J. Woods, S. europaea L., S.obscura P. W. Ball & Tutin, S. nitens P. W. Ball & Tutin, S. fragilis P. W. Ball & Tutin and S. dolichostachya Moss)*. Journal of Ecology.

- Domingues, A. (2011a), *Da cidade ao urbano*. in: Portas, N. Domingues, A. Cabral J. Políticas Urbanas II – Transformações, Regulação e Projetos. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa (pp. 18-67).
- Domingues, A. (2011b) *Variações de Contexto e Escala de Urbanização*. in: Portas, N. Domingues, A., Cabral J., Políticas Urbanas II – Transformações, Regulação e Projetos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (pp.68-135).
- EEA. (2006). *Urban Sprawl in Europe – The ignored challenge*. Relatório n.º 10/2006.
- Fagan, B. (2007). *O Longo Verão: como o clima mudou a civilização*. Edições 70, Lisboa.
- Fadigas, L. (8 de maio 1996). *Urbanismo e Cidades Saudáveis (comunicação)*. Encontros do Hospital Miguel Bombarda, Lisboa.
- Fromm, E., Erich, P. (1961). 1984 São Paulo: Companhia das Letras 2009
- Gant, Robert L., Robinson, Guy M., Fazal, Shahab. (2011). *Land-use change in the edgelands: Policies and pressures in London's rural-urban fringe*, *Land Use Policy* 28, (pp. 266-279).
- Glenn, E. P., Brown, J. J., O'Leary, J. W. (1998). *Irrigating crops with seawater*. Scientific American: August (pp. 76-81).
- Guimarães, F.J. (2006). *Cidade Portuária, o porto e as suas constantes mutações*. Parque Expo, Lisboa.
- Hilário, L. (2013) *Teoria crítica e literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade*. Anuário de Literatura, Florianópolis, Vol. 18, n.2 (pp. 201-2015). Obtido em 24 de novembro de 2019: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>.
- Hupel, M., Lecointre, C., Meudec, A., Pooupart, Nathalie, Gall. E., *Ar - Comparison of photoprotective responses to UV radiation in the brown seaweed Pelvetia canaliculata and the marine angiosperm Salicornia ramosissima*. Journal of Experimental Marine Biology and Ecology. ISSN
- laquinta, D. L., Drescher, A.W. (2000). *Defining the peri-urban: rural-urban linkages and institutional connections*. Land Reform (pp. 8-26).

- ISCA, Vera M. S., Seca, Ana M. L., Pinto, Diana C. G. A., Silva, H., Silva, A. M. S. (2014). *Lipophilic profile of the edible halophyte Salicornia ramosissima*. Food Chemistry. ISSN 18737072 (pp.330–336).
- IPCC. (2007). *Climate Change 2007: Synthesis Report*. Intergovernmental Panel on Climate Change. Obtido em 14 de outubro de 2019: http://www.ipcc.ch/publications_and_data/publications_and_data_reports.htm.
- Jongman, Rob H.G. (1995). *Nature conservation planning in Europe: developing ecological networks*. Landscape and Urban Planning 32 (pp. 169-183).
- Jacoby, R. (2001). *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Record.
- Korcelli, Piotr, Korcelli-Olejniczak, Ewa, Kozubek, & Elzbieta. (2008). *Typologies of European Urban-Rural Regions: A Review and Assessment*. Geographia Polonica 81, Institute of Geography and Spatial Organization, Polish Academy of Sciences (pp. 25-42).
- Kopp, R. (2011). *Quando o futuro morreu? Mídia e sociedade na literatura distópica de Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury*. Santa Cruz do Sul: Edunisc (pp.319).
- Kumar, K. (1987). *Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*. Oxford & New York: Basil Blackwell.
- Lardon, S., Galli, M., Marraccini, E., Bonari, E. (2010). *Peri-urbanisation and peri-urban agriculture: issues and proposals*. Galli.
- La Lettre des Marais Atlantiques. (2008). *Le Marais Insolite*. Journée mondiale des Zones Humides 16, France.
- Leach, N. (2006). *Camouflage*. Cambridge: MIT Press.
- Lévy, P. (1997). *L'Intelligence Collective*. La Découverte, Paris.
- Lima, C. (2008). *Dialéctica da Utopia*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Lowy, M. (2005b). *Franz Kafka, sonhador insubmisso*. Rio de Janeiro: Azougue editorial.
- Lopes, M., Cavaleiro, C., Ramos, F. (2017). *Sodium Reduction in Bread: A Role for Glasswort (Salicornia ramosissima J. Woods)*. Comprehensive Reviews in Food Science and Food Safety.
- Lynch, K. (1960). *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press.

- Marec, B. (25 de maio de 2016). *Salicornia Herbacea ou Salicorne*. Hydrasalinol-Fichebotanique-Fr-1. Pancratium Maritimum ou Lys de mer. Codif. Technologie Naturelle, França.
- Mattéi, J. F. (2002). *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. Editora UNESP, São Paulo.
- MAOTDR. (2009). *Proposta de Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas em Portugal*. Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional.
- More, T. (1985). *A Utopia*. Guimarães Editores, Lisboa.
- Moylan, T. (2002). *Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia*. Boulder: Westview Press.
- Magalhães, M. R. (1996). *Morfologia Da Paisagem*. Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.
- Magalhães, M.R. (2007). *Paisagem: Perspectiva da Arquitectura Paisagista*. Philosophica 29 (pp.103 – 113).
- Norberg-Schulz, C. (março- abril 1968). *A Paisagem e a Obra Do Homem*. Arquitectura, (pp.52-58).
- Norberg-Shulz, C. (1991). *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburgh: Ed. Rizzoli.
- Palomo, S. (2003), *La Planificación Verde en las Ciudades*. Gustavo Gili, Barcelona.
- Pessoa. F. *O Guardador de Rebanhos*: In Poemas de Alberto Caeiro. Obtido a 8 de dezembro, 2019: <http://arquivopessoa.net/textos/3555>
- Prigogine, I. (2001). *Ciência, Razão e Paixão*. in: Carvalho, Edgard de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição (Orgs.), Eduerpa, Belém.
- Quintana, M. (2007). *Nova Antologia Poética*. Editora Globo, 12ª edição. Obtido em 14 de novembro de 2019: <https://www.pikdo.online/media/B3azi38HDmL>
- Ravetz, J., Loibl, W. (2011). *The dynamics of the peri-urban: global change and regional response*. in: Piorr, A., Ravetz, J. e Tosics, I. (ed.), *Periurbanisation in Europe: Towards a European Policy to Sustain Urban-Rural Futures*, University of Copenhagen/Academic Books Life Sciences (pp. 30-41).

- Raposo, M. F. J., Morais, R. M. S. C., Morais, A. M. M. B. (2009). *Salicornia ramosissima*. International Journal of Postharvest Technology and Innovation, Controlled atmosphere storage for preservation 1 (pp. 394 – 404).
- Rei, A. (1995). *Poesia Alcotejana*. Edição: Câmara Municipal de Alcochete.
- Ribeiro, O. (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico / Orlando Ribeiro*. Coimbra Editora, Coimbra.
- Ricoeur, P. (1991). *Ideologia e Utopia*. Edições 70, Lisboa.
- Riot-Sarcey, M., Bouchet, T., Picon, A. (2009). *Dicionário das Utopias*, Edições Texto & Grafia, Lisboa.
- Steinberg, J. (2003). *La Périurbanisation en France (1998-2002)*. *GeoInova* 7 (pp. 75-86).
- Shpigel, M., Ben-Ezra, D., Shauli, L., Hauli, L., Sagi, M., Ventura, Y., Samocha, T., Lee, J. J. (2013) *Constructed wetland with Salicornia as a biofilter for mariculture effluents*. *Aquaculture*. ISSN 00448486 (pp. 412–413).
- Santos, F. D., Forbes, Moita. (2001). *Mudança Climática em Portugal, Cenários, Impactos e Medidas de Adaptação – SIAM*. Editora Gradiva, Lisboa.
- Santos, F. D, Miranda, P. (2006). *Alterações Climáticas em Portugal: Cenários, Impactos e Medidas de Adaptação*. Projeto SIAM II. Editora Gradiva, Lisboa.
- Tavares, A.O., Pato, R.L., Magalhães, M.C. (2012). *Spatial and temporal land use change and occupation over the last half century in a peri-urban area*. *Geography* 34 (pp. 432-444).
- Telles, G. R. (janeiro/fevereiro de 2004). *Pessoas e Lugares*. *Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER*. (II Série | nº 16) (pp. 4-5).
- UTAD, J. B. (30 de maio de 2018). *Jardim Botânico UTAD | Ficha técnica Salicornia ramosissima*. Obtido em 14 de dezembro de 2019: https://jb.utad.pt/especie/Salicornia_ramosissima
- Veiga, J. F. (2005) *Território e Desenvolvimento Local*. Celta, Oeiras.
- Ventura, Y., Wuddineh, W. A., Myrzabayeva, M., Khozin-Goldberg, I., Shipgel, M., Samocha, T. M., & Sagi, M. (2011a). *Effect of seawater concentration on the*

productivity and nutritional value of annual Salicornia and perennial Sarcocornia halophytes as leafy vegetables crops. Scientia Horticulturae 128 (pp. 189-196).

Ventura, Y., Wuddineh, W. A., Shipgel, M., Samocha, T. M., Klim, B. C., Cohen, S., Shemer, Z., Santos, R., & Sagi, M. (2011b). *Effects of day length on flowering and yield production of Salicornia and Sarcocornia species.* Scientia Horticulturae 130 (pp. 510-516).

Vejre, H., Abildtrup, J., Andersen, E., Anderson, Peter, S., Brandt, J., Busck, A., Dalgaard, T., Hasler, B., Huusom, H., Kristensen, L. S., Kristensen, S.P., Praestholm S. (2007a). *Multifunctional agriculture and multifunctional landscapes – land use as an interface.* in: Mander, Ü., Wiggering, H., Helming, K. (ed.), *Multifunctional Land Use – Meeting Future Demands for Landscape Goods and Services.* Springer Berlin(pp. 93-104).

Vieira, F. (2010). *The concept of utopia.* In: The Cambridge Companion to Utopian literature. Ed: CLAEYS, Gregory. Cambridge: Cambridge University Press (pp. 3 - 27).

Wilczkiewicz, M. (2012) "Green Space as a Method of Revitalization on Post-Industrial Urban Places Following the New York's Parks (the High Line and Brooklyn Bridge Park)." *Technical Transaction. Architecture* 109/19/6A: 223-33.

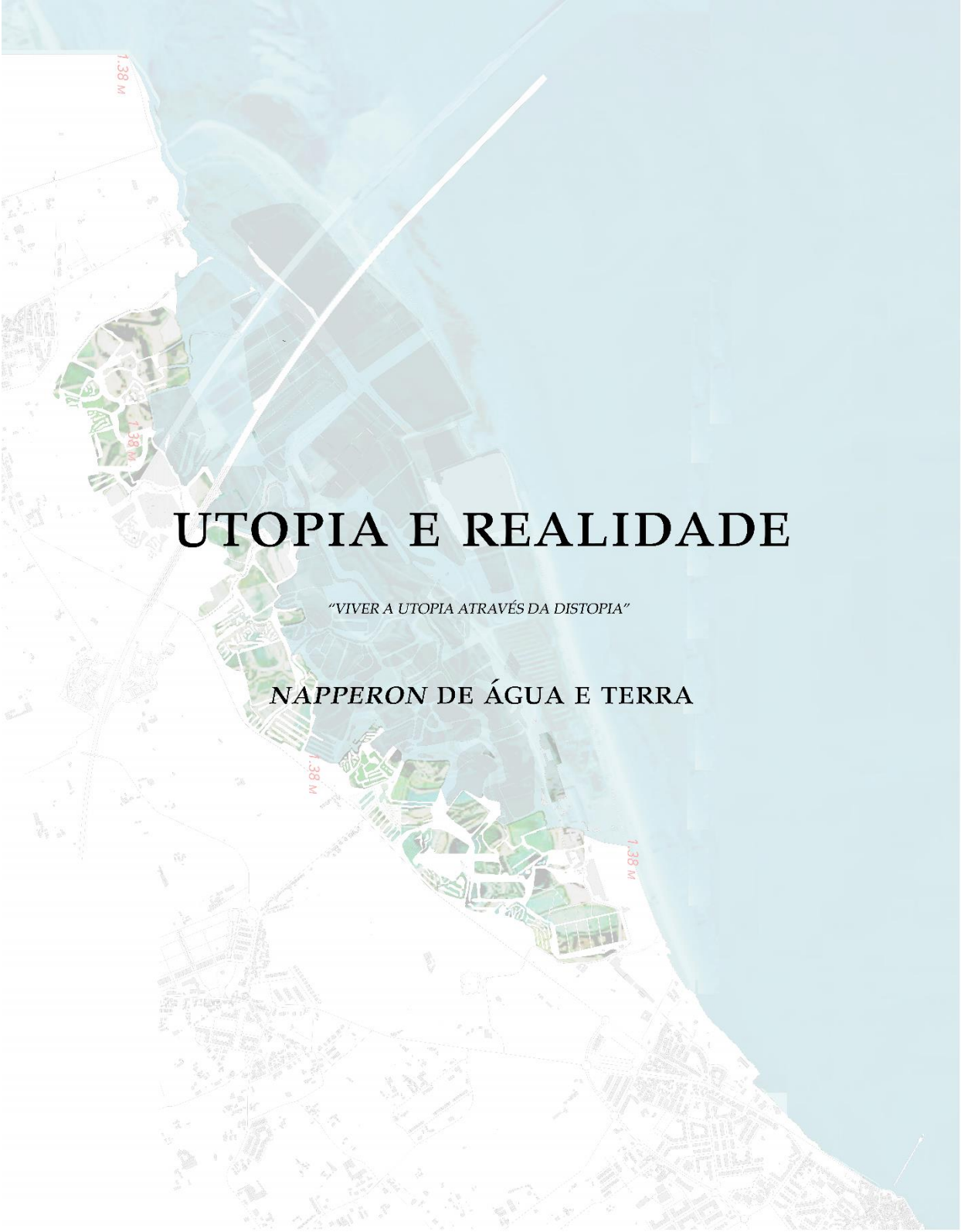
Yesen, N. P. (2008). *Chapter 23: Halophyte uses for the twenty- first century.* Ecophysiology of High Salinity Tolerant Plants. Science + Business Media B.V, USA (pp.367-396).

Zasada, I. (2011). *Multifunctional peri-urban agriculture - A review of societal demands and the provision of goods and services by farming.* Land Use Policy 28 (pp. 639-648).

Zasada, I., Fertner, C., Piorr, A., Nielsen, T. S. (2011). *Peri-urbanization and multifunctional adaptation of agriculture around Copenhagen.* Geografisk Tidsskrift, Danish Journal of Geography 111 (pp. 59-72).

Zizek. (2012). *Vivendo no fim dos tempos.* São Paulo: Boitempo.

Apêndices



UTOPIA E REALIDADE

"VIVER A UTOPIA ATRAVÉS DA DISTOPIA"

NAPPERON DE ÁGUA E TERRA

ÍNDICE

A Resposta

A distinção distópica

A *ustopia*

Napperon: O mecanismo

Napperon: Os elementos

Napperon: Os caminhos elevados

Os momentos de contemplação: A linha entre a água e a terra

A linha entre a água e a terra

A exploração de cenários

O Projeto

Napperon e o nó da interpretação

Napperon e o sistema interior

Napperon: A fauna e flora

Napperon: A fauna e flora

Napperon: A fauna e flora- A estrutura

Napperon: A fauna e flora- O material - Corte A'

Napperon: A fauna e flora- O espacial - Corte B'

Napperon: A fauna e flora- O relacional - Corte C'

Napperon da levitação

A Percepção

A paisagem *napperon*

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

I

I.I

I.II

I.III

I.IV

I.V

I.VI

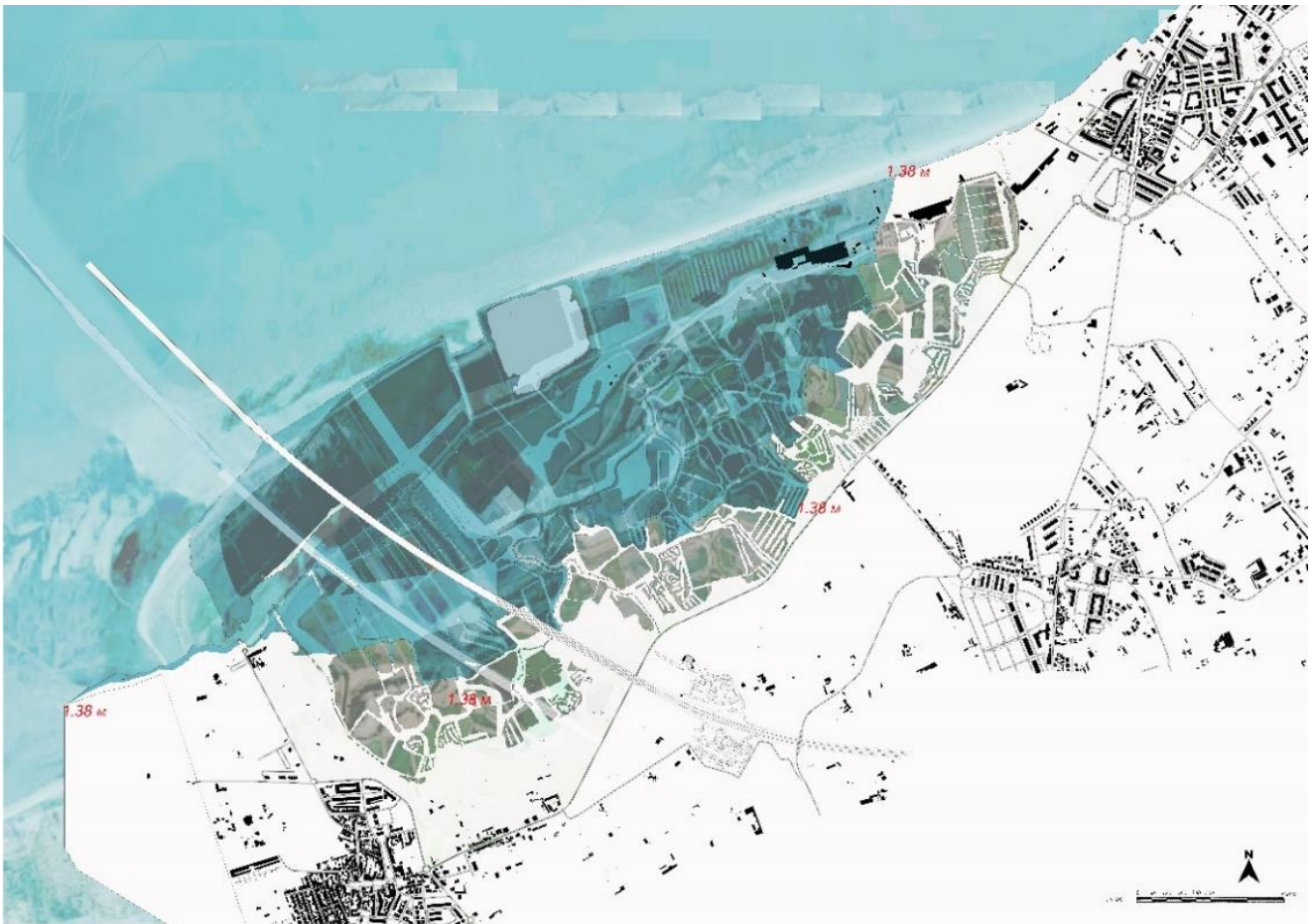
I.VII

I.VIII

I.IX- XIII

II

II.I- X



I. A distinção distópica

"[...] Como será o planeta do amanhã?

Um mar sem arquipélagos?

Um oceano de migrantes?

Uma praia de naufrágios?

Falo de uma temperatura cruel,

De paisagens derretidas,

de uma frota de icebergs navegando os sete mares [...]." (Andrade, 2012)

Segundo os levantamentos das médias anteriores existem, três cenários mais assentes (0,50; 0,90 e 1,38), visto que o mais provável de escolher seria, o de 0,90m, pois teoricamente, reflete o cenário recomendado e o mais aconselhável para o desenvolvimento de uma proposta de projeto arquitetónico. Mas, uma vez que, o cenário 1,38m apresenta a média do pior cenário, ou seja, uma distopia mais impactante recai, para uma perspectiva no limiar da catástrofe e, ronda a ideia da superação do cenário mais complexo, inesperado e improvável que nos estimula ainda mais a idealizar um novo delineamento para as salinas. Além disso, o cenário extremo de (3m) inserido no levantamento, segundo as diversas fontes, tornar-se-ia improvável perante tantos números mais alcançáveis e efetivamente mais altos ou até mais baixos.



II. A ustopia

“Para uma mudança mais profunda e completa, talvez seja necessário considerar o mecanismo através do qual mudamos ou que nos inspira a mudar.” (Eaterling, 2017, p.232)

A configuração do território destaca-se pela nova linha de água, a nova frente ribeirinha. Esta mudança é profunda e promove a transformação do mecanismo do sistema de circulação da água para a distribuição dos vários tanques, visto que, maior parte se encontra à margem do rio Tejo fora do ciclo interior de Alcochete, submersos. Devido à sua imagem e a importância essencial é proteger esta área, com estratégias de defender e adaptar, porque da morfologia deste território é propícia à entrada da água.

A partir desta ocupação da maré no circuito das salinas, o sistema de comportas e portas atual que apoia a entrada da água para alimentar os tanques é sensivelmente destruído, e ao mesmo tempo irá ser recuperado nesta nova abordagem distópica, de forma a ajudar a restaurar o delineamento dos tanques que resistiram a subida da água e, conseqüentemente iram ser monitorados para garantir a proteção da envolvente quando a maré oscilar.

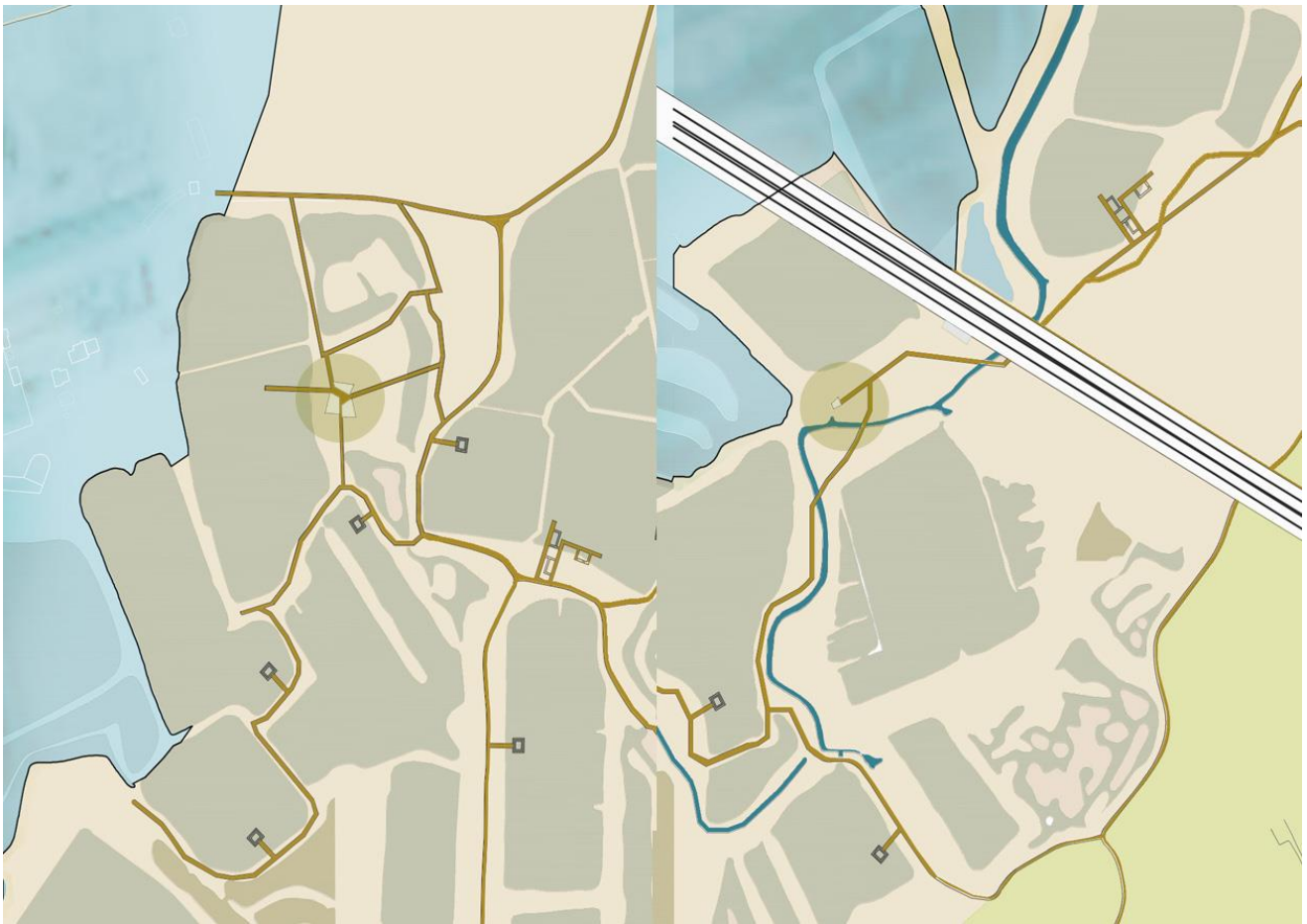


III. Napperon: O mecanismo

*“Ainda assim,
a distopia consubstancia uma filosofia moral que é,
em última análise,
otimista.” (Gadano, 2017, p.200)*

*De acordo com o seu étimo, «utopia» é um lugar que não existe, mas que gostaríamos de criar (Berardi, 2017, p.237). Neste caso, estamos perante um território, um lugar que existe e idealizá-lo com a possibilidade utópica é uma forma de desenvolver e exaltá-lo pelo seu valor. E conceito *ustopico* vem unir este cenário futuro catastrófico com a fantasia de um lugar melhor.*

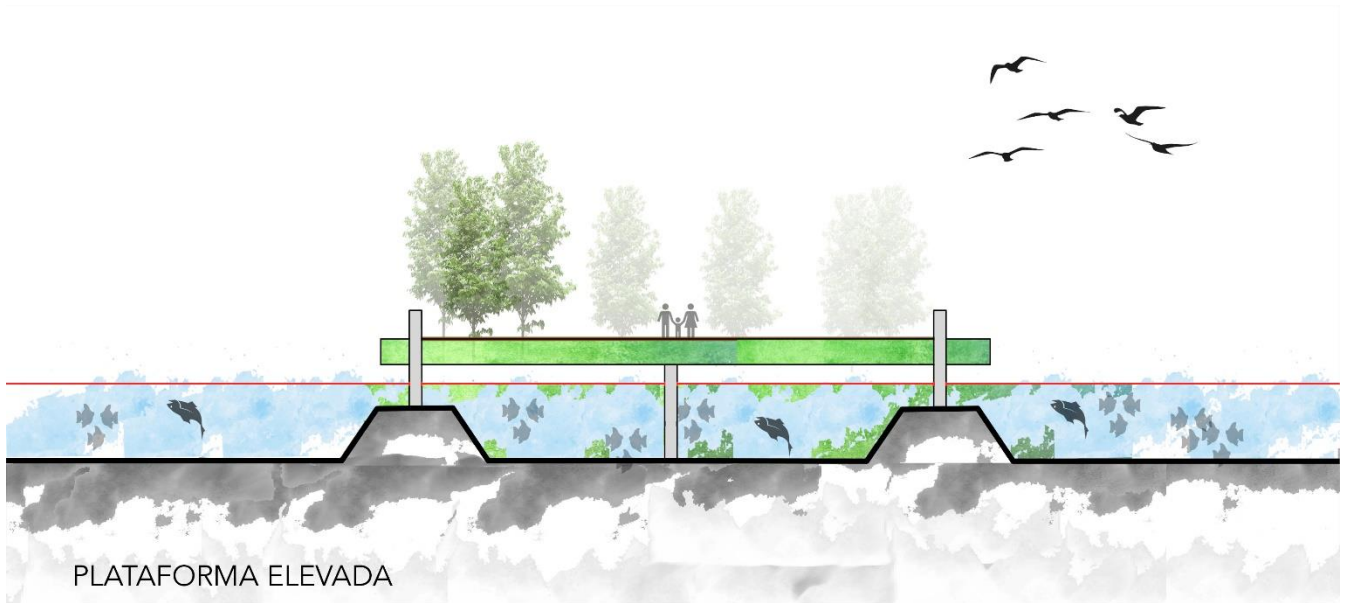
A proposta baseou-se em pontear os elementos que permaneceram e na inserção de interesses contemporâneos. O plano principal focou-se no traçado elevado orgânico ao longo das Salinas do Samouco, seguido de plataformas e de momentos fixos de contemplação virados para os tanques, este mecanismo oferece uma maior dinâmica de circulação por toda a extensão das salinas. O segundo plano passa a dar vida à elementos arquitetónicos, que se agregam a este conjunto paisagístico para completarem o mecanismo do lugar, no sentido de sustentarem a importância do modelo de utilização regular do indivíduo.



IV. Napperon: Os elementos

*“Não faltaram pontos de encontro,
ou mesmo de convergência, entre a utopia e arquitetura
desde o início da era industrial.
O pensamento e as preocupações arquitetônicas reuniram-se,
frequentemente, por exemplo,
à volta do projeto de reconciliar a importância crescente dos indivíduos [...] com a construção de ideias e ações coletivas.” (Picon, 2017, p.227)*

Os caminhos foram já anteriormente descritos pelo traçado elevado orgânico mostram-se mais vistosos neste desenho e destacam-se como principal elemento estrutural da percepção do espaço. Os caminhos trazem sentido ao ambiente e passam a ser as linhas guia para todos que se movem, por outro lado, transmitem a sensação de segurança que possibilita uma intensa exploração de toda a complexidade do território e desta forma, as ramificações do circuito marcam a ligação dos novos elementos arquitetônicos destacados. A realidade aqui pertence à arquitetura, aos elementos arquitetônicos desenhados e como, o indivíduo irá se apropriar do ambiente após a “construção” da paisagem idílica rica da natureza.



V. Napperon: Os caminhos elevados, fonte: projeto Bird Port

“São canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move”. (Lynch, 1960, p. 47)

A escolha da elevação dos caminhos derivou da experiência de circulação pelos campos existentes, a dificuldade de viver o espaço, de chegar a pontos interessantes foi extremamente complicado, porque o pavimento natural (a terra) não suficientemente seguro e estável para andar e explorar à vontade as diversas zonas. Neste caso, a ideia de elevar plataformas passa por uma experiência real adaptada a nova paisagem cénica do futuro das salinas. Por sua vez, esta nova dinâmica vem ajudar para a preservação do solo, aproveitando manter as características de origem.



VI. Os momentos de contemplação: a linha entre água e terra

Entramos no momento em que se consegue visualizar o espaço através das ilustrações desenhadas com os momentos criados ao longo dos percursos que o tornaram mais dinâmico e apelativo. Aos caminhos vêm juntar-se as plataformas fixas e flutuantes, como marcas da relação entre o (solo) e água, pretende-se com as plataformas uma adaptação à nova realidade causada pela subida do nível da água, para defenderem a área do complexo das Salinas Samouco da subida e da descida das marés. Deste modo, será possível com a adaptação das plataformas flutuantes e fixas, tal como os percursos a acompanhar e os sistemas de comportas e portas, um efeito de proteção da ondulação para tanques resistentes.

Quanto ao uso das plataformas é variado, mas todas serviram para proporcionar momentos únicos de contemplação da paisagem e vão permitir que o indivíduo tenha uma vivência diferente, livre da que se tem atualmente. Outras têm vários pontos de reflexão, acompanhadas com vegetação com zonas de lazer que apoiam atividades desportivas ligadas a água.



VII. A linha entre a água e a terra

Estamos perante o segundo momento da idealização da estratégia do novo cenário para a preservação das salinas. O objetivo destaca-se pela constante defesa de todo o património existente e todas as espécies de plantas que completam a paisagem natural, juntamente com as diversas espécies de aves e da salicornia. A salicornia é uma planta resistente ao vai e vem da maré, cresce de forma natural através do contacto entre a água salgada e a terra e promove a excelência da permanência do sal. A estratégia aqui de se manter viva a salicornia, através da criação de um canal verde entre à margem do rio e o conjunto de tanques, esta perspetiva vem enaltecer a qualidade vegetal futura do espaço, pela capacidade de completar a atividade agrícola, desta maneira o canal apoia-se dos percursos, acompanhado dos momentos de contemplação para suscitar e dar mais vida ao espaço, permitindo o alcance e o uso da salicornia.

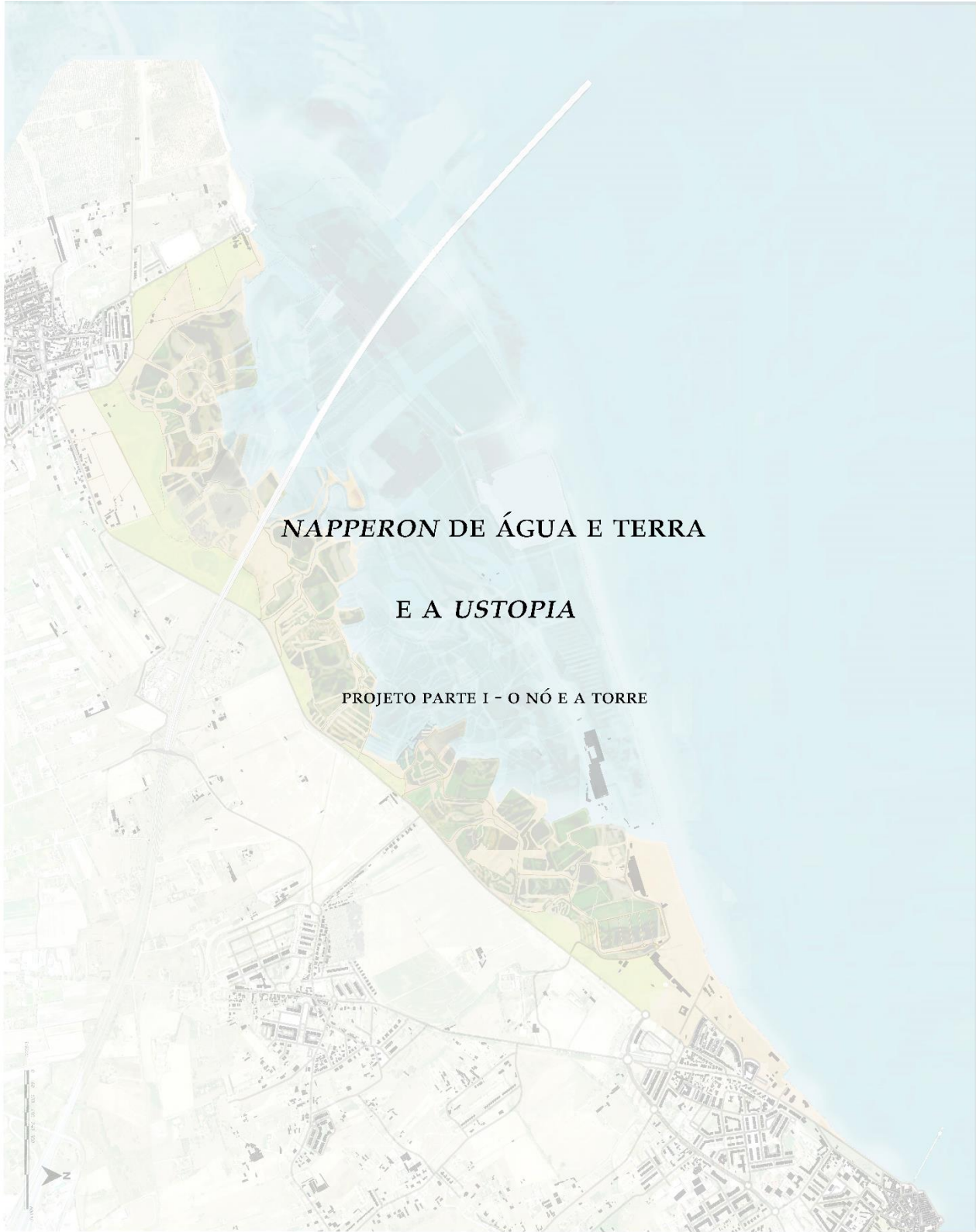


VIII. A exploração de cenários

Numa terceira fase da nova abordagem, o objetivo direciona-se para a exploração de cenários com diversos usos próprios e permanentes para um maior reaproveitamento dos espaços existentes. Nesta nova dinâmica imaginária com base no estudo real, o conceito aqui é a inclusão ativa de todas as pequenas e grandes áreas que pertencem aos espaços naturais já configurados no plano diretor de Alcochete.

Em destaque (azul) estão os espaços rurais, estes têm o objetivo de serem preservados para o novo cenário pela estrutura de produção agrícola, que permite à exploração agrícola e ajudará no desenvolvimento ecológico territorial. Esta estratégia sustentável irá permitir um desenvolvimento de produtos orgânicos para o sustento de toda a sociedade que se irá encontrar nesse futuro. Deste modo, o reaproveitamento das pequenas e grandes áreas servirão para dar continuidade a história rural do lugar: a agricultura juntamente com salicultura.

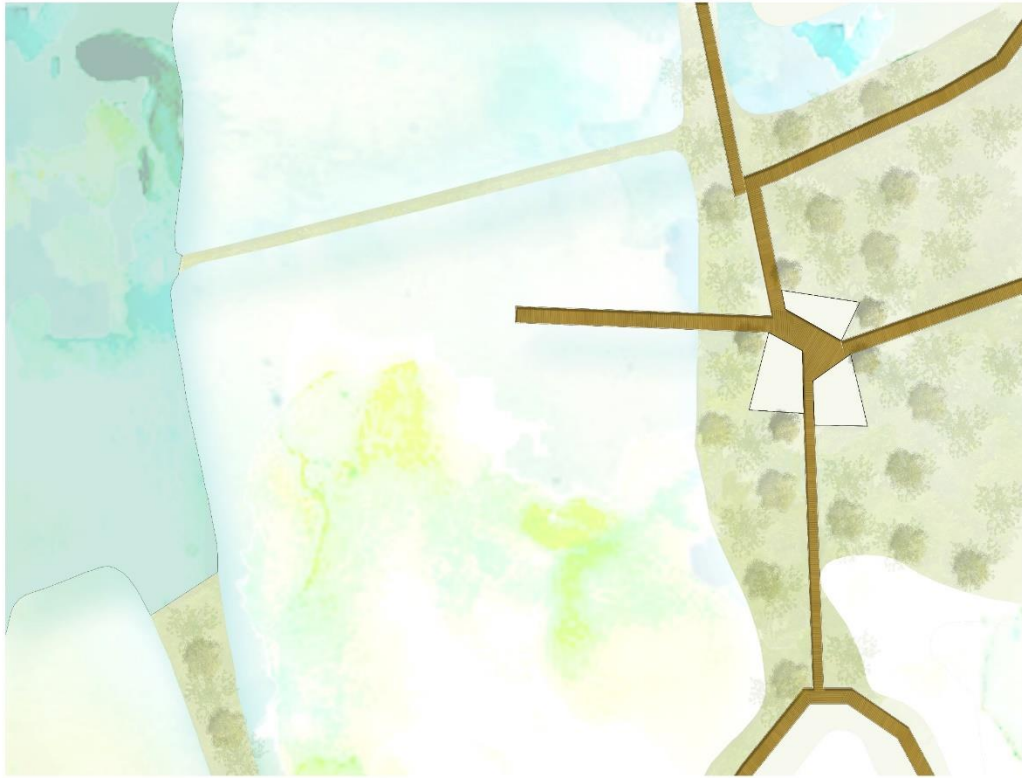
Por outro lado, a seguinte estratégia em destaque (verde) segue novamente com a presença da água, o indivíduo terá mais contato com a elevação do rio utilizando-a, como forma de lazer para passeios, jogos e desportos. E o desejo de manter estas características aliciará ainda mais o aproveitamento do novo espaço.



NAPPERON DE ÁGUA E TERRA

E A USTOPIA

PROJETO PARTE I - O NÓ E A TORRE



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO



ESCALA GRÁFICA 1:500

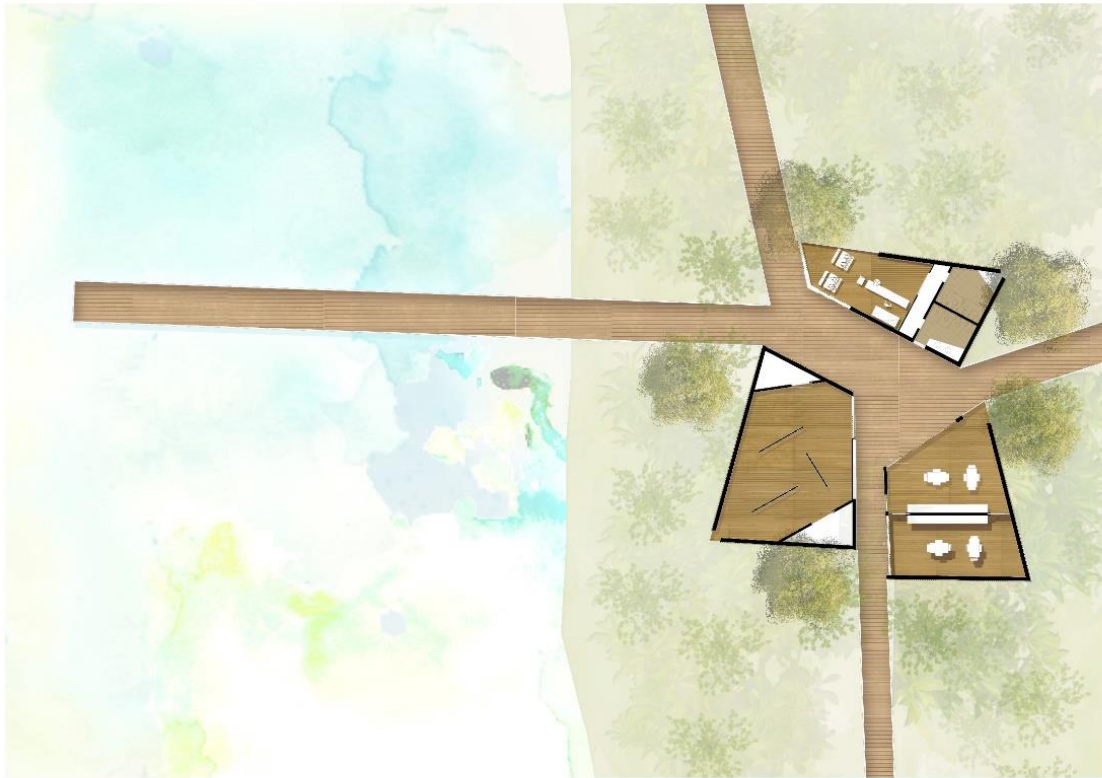
I.I. Napperon e o nó da interpretação

*“A arquitetura moderna procurou,
tal como a utopia,
restaurar o contacto do homem com a natureza,
e fê-lo à custa de um desvio através da tecnologia.” (Picon, 2017, p.227)*

No âmbito da realidade existe a arquitetura, o indivíduo e a natureza. E a utopia, permite dar continuidade através do desejo de conjugarmos esses elementos de maneira livre e imaginária.

Estamos perante um outro momento da reabilitação do projeto *napperon*, o nó da interpretação, o nó da exploração da fauna e da flora e do conhecimento, onde as formas do equipamento se unem aos percursos e estruturam o ambiente. O equipamento foi pensado de modo a criar uma dinâmica, influenciada nas formas dispersas dos tanques, juntamente com as formas irregulares para contrastar com a organicidade já existente. Pode afirmar-se que o equipamento personifica elementos distintos: terra firme e a água.

O equipamento está localizado numa área-chave, está numa zona de fácil acesso, onde a estrutura existente “manteve-se”, onde o solo é mais resistente e onde as diversas aves também se concentram mais junto ao rio.



PLANTA DO PISO TÉRREO
 PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUÇO
 ESCALA GRÁFICA 1:100

I.II. Napperon e o sistema interior


“[...] a arquitetura desenvolve-se na interseção da organização da matéria e das formas e subjetividade que este trabalho de ordenação pressupõe.” (Picon, 2017, p.227)

O centro de interpretação da fauna e da flora das Salinas do Samouco é composto por três volumes que possuem características distintas derivadas dos espaços que abrigam, o mesmo é acompanhado pelas plataformas e por um momento central com acesso aos vários volumes.

O volume que se encontra à esquerda é dedicado a uma sala de exposição avantajada com 73m², com a função de expor todo o tipo de conhecimento do conceito das salinas desde as características da salicórnica à ave-fauna. O volume que se encontra à direita, com 54m² destina-se a dois tipos de salas: a sala de investigação e a sala de multimédia. Estas serão salas muito específicas de análise e de pesquisa para os elementos naturais que o ecossistema oferece. O último volume, com 50m² dedica-se ao lazer, compondo uma área de bar com uma vista privilegiada sobre a nova ribeirinha do Tejo, apoiada com sanitários para toda a estrutura.



ALÇADO POSTERIOR
PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO



ESCALA GRÁFICA 1:100

I.III. Napperon: A fauna e flora

*“A arquitetura fala-nos
ao mesmo tempo do que faz sentido
coletivamente singular da experiência
da matéria e do espaço.” (Picon, 2017, p.229)*

A imagem do edifício vem contrastar com a paisagem natural do ambiente ao criar um impacto visual pela sua materialidade - os materiais aqui escolhidos, a madeira, pretende enaltecer o edifício de uma forma tradicional e sustentável. A junção do vidro, busca a vertente mais contemporânea e futura dos novos espaços, esta união dos materiais focou-se na procura de harmonia de um edifício que refletisse a história de um material de valor antigo e que, por mais que o tempo passe a ideia de manter e continuarmos a imaginar, a madeira como uma solução construtiva irá sempre ser válida para manter o nosso planeta saudável, fora de riscos desnecessários.

Este conjunto arquitetónico é uma nova imagem de um edifício elementar no futuro, um espaço que possa reviver a memória constitutiva do passado no *porvir*.



ALÇADO FRONTAL PERSPÉTICO
 PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO
 ESCALA GRÁFICA 1:100

I.IV. Napperon: A fauna e flora

*“Pois, o organizar o mundo material,
 a arquitetura fala-nos do ser humano,
 de nós, em particular, que a olhamos
 e que nos estruturamos, em parte,
 através do contacto com ela.” (Picon, 2017, p.227)*

Na proposta a configuração do conjunto arquitetónico, a organização estrutural percebe-se através do alçado perspético. A estrutura organizacional no desenho identifica vários elementos que criam o cenário do edifício, em destaque, as coberturas inclinadas, os grandes vãos, a plataforma de assentamento do conjunto, a vegetação inferior que envolve o cenário e a água dos tanques representada formam uma visão particular do espaço.

As coberturas inclinadas reforçam a dinâmica dos volumes entre si, protegendo-os essencialmente dos fenómenos climáticos, como a precipitação e o aumento das temperaturas. Já as fachadas quase cegas, abrem vãos amplos e, pontualmente de canto caracterizam-se, pelo corte da arquitetura tradicional e apresentam-se como heterogéneos, refletindo a correlação com a ideia da utopia.



PLANTA ESTRUTURAL DO PILARES
 PROJETO - CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO




I.V. Napperon: A fauna e flora – A estrutura

Estamos perante o momento em que as camadas configuram todo o conjunto paisagístico, desde o solo natural das salinas ao edificado, numa estrutura de plataformas elevadas marcadas com pilares que suportam todo um painel cénico do edificado. A relação do conjunto edificado com o solo instável das salinas é dada, através desta ação continua dos elementos estruturais, para além de apoiarem o edifício em manchete apoiam toda agregação do sistema *napperon* em busca da segurança e de novas perspetivas visuais.



CORTE TRANSVERSAL
PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOLUÇO



ESCALA GRÁFICA 1:100

I.VI. Napperon: A fauna e flora – O material – Corte A´

A horizontalidade da paisagem e conjunto edificado faz-nos descrever um dos elementos com mais destaque no projeto, a madeira. Um material de origem natural vegetal que possui uma importância no setor da construção ao apresentar uma grande potencialidade na redução de impactos ambientais, oferece-nos a versatilidade das funções construtivas, a diversidade e propriedades de conforto. Perante o conceito da sustentabilidade, a madeira encontra o equilíbrio entre o consumo de recursos naturais estabelecendo um ritmo próprio e eficiente e renovável.



CORTE LONGITUDINAL PERSPÉTICO

PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOLICO



I.VII. Napperon: A fauna e flora – O espacial – Corte B'

O espaço, cenário paisagístico controlado congrega, o elemento arquitetónico ao transmitir sensações, que se manifestam pela elevação que transporta o momento de emersão através das plataformas, numa idealização do despontar do conjunto estrutural através da vegetação e da água dos tanques que circundam. Na possibilidade da fusão entre as relações dadas ao ambiente, o espaço interior recebe a característica de um interior aberto que acompanha o panorama exterior, suscitando impressões, um vínculo com o exterior e interações visuais. O interior é exterior e o exterior é interior, marcando assim, um momento diferenciado nesta paisagem aparentemente infinita.



CORTE LONGITUDINAL PERSPÉTICO
PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO



ESCALA GRÁFICA 1:100

I.VIII. Napperon: A fauna e flora- O relacional - Corte C'

As relações são sucessivas e acabam por não sofrer um fim, pois a paisagem transporta-nos para um firmamento singular, apenas por mergulhar através do olhar.

Aqui, mais uma vez, o indivíduo tem um papel fundamental na questão relacional por estabelecer o painel cénico visual e físico através dos sentidos. Reflete-se sobre a dualidade, em que o visual é dado no interior para o exterior do espaço e o físico, quando perante a paisagem nos movimentamos e usufruímos. Ambas se dão mediante o posicionamento imaginário nesta perspetiva, ao jogar com a vertente do ambiente imenso e com a particularidade dos vãos amplos do edifício, proporcionando a abertura do horizonte.



I.IX Napperon: A fauna e flora

"[...] devemos ter a ousadia de inventar a sociedade em que queremos viver [...] Por isso, não temo ser considerado utópico. Antes reclamo o direito de poder sonhar. Sonhar as coisas impossíveis que, pelo facto de terem sido insistentemente sonhadas, se vão tornando realidade. Para sonhar, e fazer os outros sonhar, sou escritor." (Pepetela, p.386)



A TORRE - PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
PROJETO: CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO

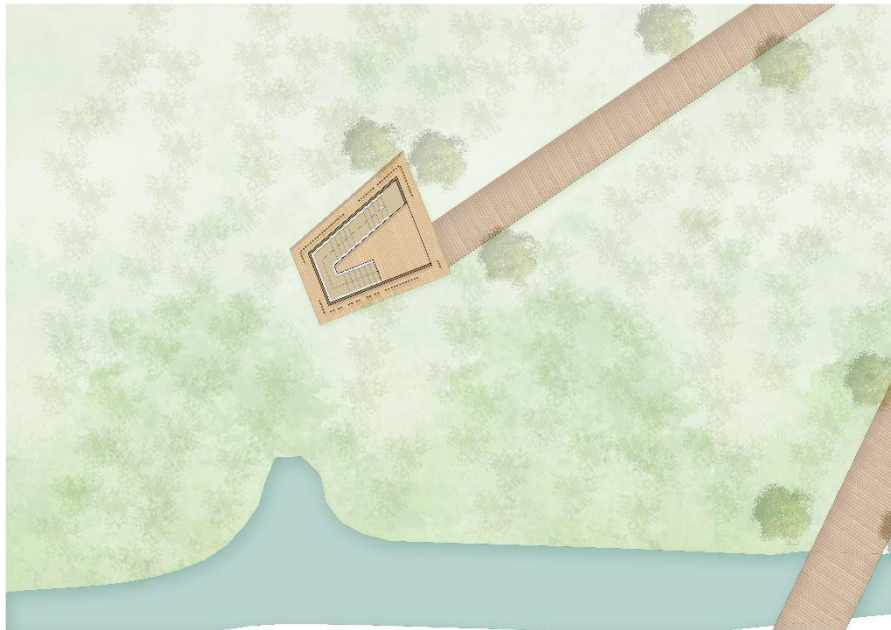


I.X. Napperon da levitação

*“[...] as utopias arquitetónicas são esses «castelos no ar»,
formas sublimes que expressam
os desejos de perfeição de uma sociedade
num determinado momento histórico [...]”(Ventura, 2017, p.217-218)*

O segundo elemento arquitetónico aqui proposto, a levitação, é a torre. Este elemento vem trazer mais um momento de contemplação e de lazer ao espaço e completar o cenário com a função direcionada, de ser um observatório das diversas aves que iram perdurar no ecossistema.

De uma configuração arquitetónica simples, o polígono de intervenção e acompanhado pelos percursos existentes, inserido no meio dos tanques e no meio da vegetação. A implantação da torre foi pensada na aproximação da nova linha ribeirinha e na aproximação das linhas de água existentes, estabelecendo uma maior relação com o rio, neste caso com a água para proporcionar memórias azuis da paisagem.



A TORRE - PLANTA PISO TÉRREO
PROJETO: CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO

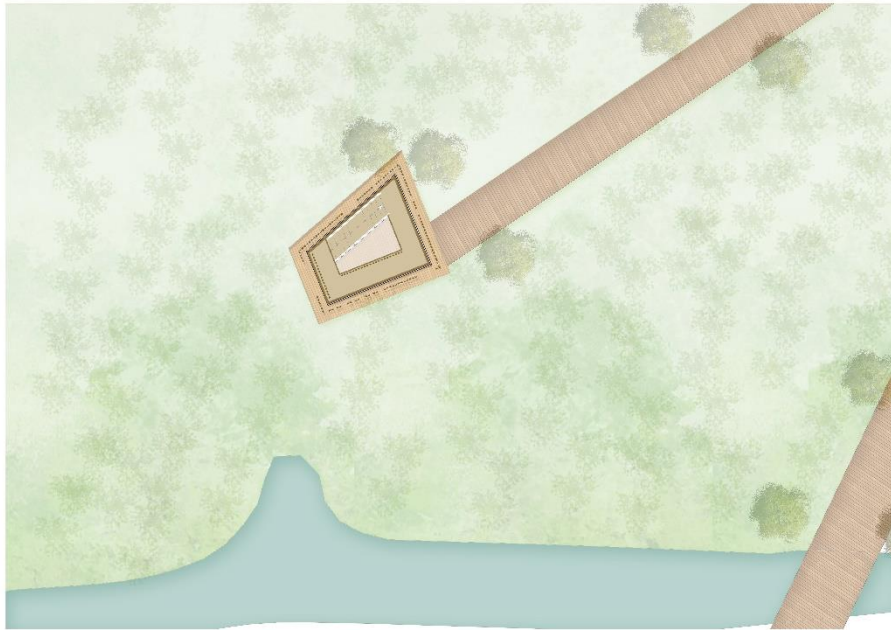
1:100

I.XI. Napperon da levitação

“[...]O pensamento e as preocupações arquitetónicas reuniram-se, frequentemente, por exemplo, à volta do projeto de reconciliar a importância crescente dos indivíduos [...]” (Picon,2017 p.227)

Estamos perante o primeiro piso da torre de levitação, com uma área de implantação de 30m², o conceito do material permanece nesta fase do projeto, de forma harmónica para todo um novo sistema sustentável projetado numa *layer* superior.

O primeiro piso é elementar, pela composição interior do elemento arquitetónico é possível visualizar toda a matéria que constrói o cenário da mesma. É caracterizado como um elemento simples e com um uso específico, sendo compostos por uma caixa de escadas que envolvem o piso e refletem o único acesso para os outros pisos da infraestrutura. O desenho da configuração do conjunto de escadas é diferente por acompanhar a forma, mas comum por ter sido baseado nas características reais de um design de escadas. E desta maneira, o pensamento da realidade da matéria une-se com o desejo da imaginação.



A TORRE - PLANTA PISO 3

PROJETO: CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO



I.XII. *Napperon da levitação*

*"[...]Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa. [...]" (Caeiro, 1925)*

A torre é composta por três pisos, na qual a planta do terceiro apresenta um desenho diferente dos anteriores. Este piso é diferenciado, porque existe um patamar de circulação e permite ao indivíduo um momento de contemplação mais longo, de forma aproveitar o espaço de maneira mais repousada, desfrutando das diversas perspetivas. Aqui, o fundamental é observar todo um conjunto de elementos que compõem a paisagem do ambiente e estabelecer um contacto de grandeza com as aves migratórias. É simplesmente apreciar.



A TORRE - ALÇADO FRONTAL PERSPÉTICO

PROJETO : CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA DAS SALINAS DO SAMOUCO



I.XIII. Napperon da levitação

“Levando a proposta utópica suficientemente longe, esta poderá regozijar com o duplo prazer de ser tão perfeita quanto impossível.” (Eaterling, 2017, p.231)

Neste momento visualizamos a fisionomia da torre, com a mesma linguagem suportada pela estrutura continua dos pilares, um elemento que extravasa a realidade por estar inserido num meio natural e representar a proposta utópica . O alçado frontal perspético permite-nos constatar a relação entre os pisos, permite-nos observar o método da configuração e o enquadramento do material usado no cenário.

A estratégia estabelecida refletiu a importância da função do material, as ripas de madeira, que revestem a estrutura com espaçamentos curtos, de maneira a existir conexão com o exterior. Além desta relação ininterrupta os vãos no piso de contemplação proporcionam uma maior interação com o meio. Os vãos, aqui representados têm paralela função, pois trazem a estética do alçado, como também servem de pontos de observação.



I.XIV. Napperon da levitação

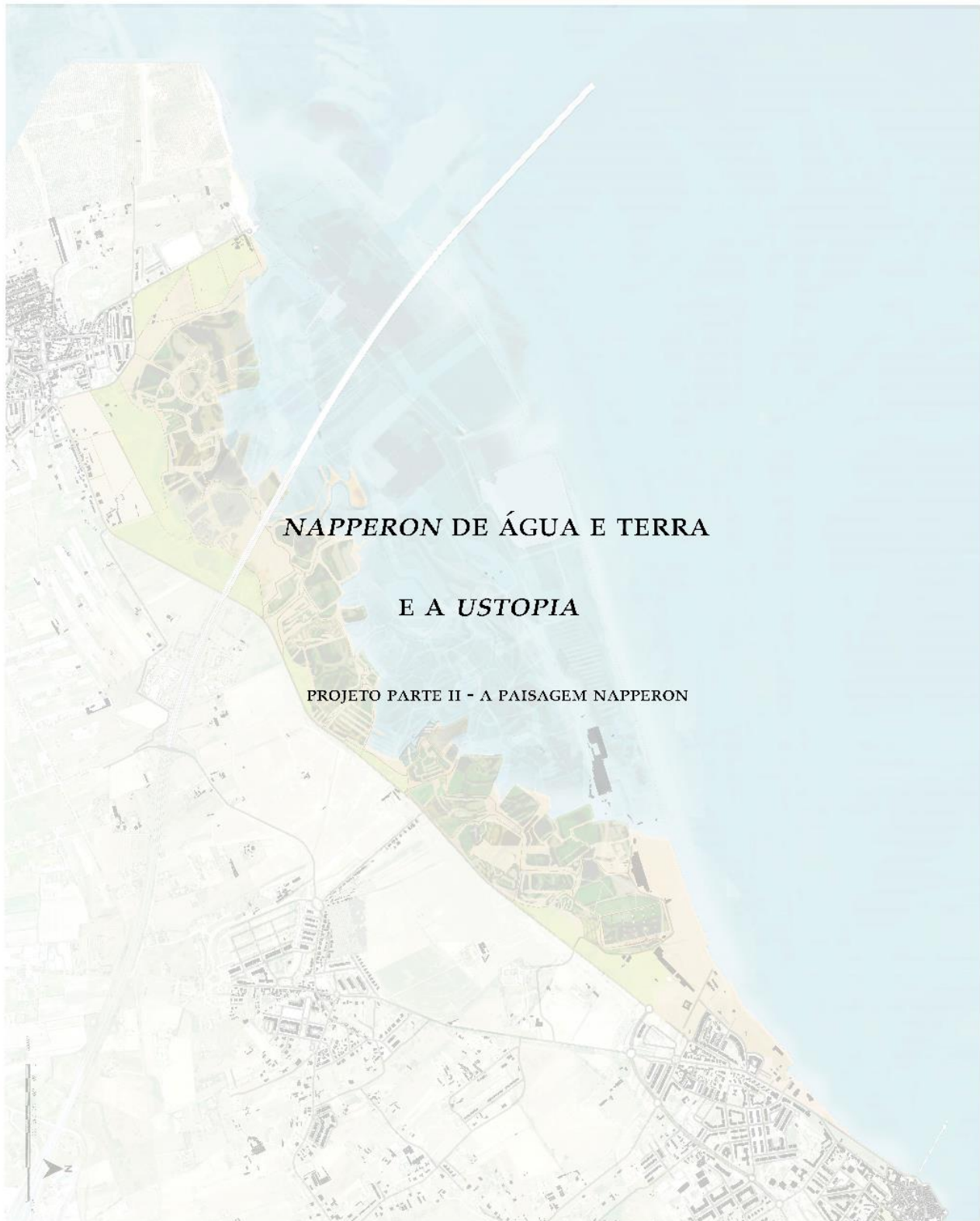
A espantosa realidade das coisas [...]. (Caeiro, 1925)

O interior da torre mostra-nos a realidade dos elementos que a compõem. Em destaque revela-se o funcionamento estrutural do conjunto de escadas, o único acesso desenhado para os vários pisos. Em segundo lugar destacam-se das ripas de madeira na vertical que penetram nas lajes de cada piso, de maneira a compor a estrutura que sustenta a segurança de circulação do espaço. Por último, propomos, a sensação visual do cenário, pela harmonia de tons refletidos em relação ao material escolhido.



I.XV. Napperon da levitação

“A utopia é necessária como fonte de esperança, tentativa de correção e abertura de sentidos, que evita o conformismo perante as vicissitudes da realidade presente ou como realidade sem alternativa.” (Ricoeur, 1991, p;51,421)



NAPPERON DE ÁGUA E TERRA

E A USTOPIA

PROJETO PARTE II - A PAISAGEM NAPPERON





II.I. A paisagem napperon

A paisagem *napperon* vem completar todo um ambiente novo e para já imaginário das Salinas do Samouco. Vem concretizar toda uma história que anteriormente foi descrita e, especificamente focar nos momentos do sistema envolvente.

Este cenário foi idealizado para caracterizar o desenvolvimento das plataformas ao longo dos novos percursos pelo seu tipo de uso diferenciado, de modo a se fundirem com a paisagem natural, com a sua vegetação mais saliente e vigorosa.

A vida é a natureza e, a arquitetura é a relação dada à natureza com o indivíduo que se apropria do espaço onde ela mesma persiste. E com base nesta premissa, o importante no mundo real e no mundo que se chama imaginário pela mensagem cénica é transparecer a combinação dos dois mundos numa só perspetiva. E todo o ambiente reflete a essência dos dois mundos devido ao pensamento organizado do sistema.



II.II. A paisagem napperon

*“[...]Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ... [...] (Caeiro,1925)*

O verde cobre o cenário e funde-se com a cor da água, que por sua vez reflete o ambiente vegetal ao redor. O céu transmite a harmonia dos vários tons que emanam a possibilidade *ustópica*. Os novos espaços suscitam momentos de lazer, as pequenas intervenções transformam o meio num *napperon* vivo e dinâmico. A paisagem renasce, com os diversos elementos que a compõe e floresce através da interação do indivíduo com as aves, permitindo uma visão idílica e real da nova abordagem. O cenário futuro avalia-se como um sistema independente que une relações.

Em destaque da realidade, do acontecimento distópico da subida da água, os tanques das salinas aparecem mais cheios de água, considerando a ideia que é possível viver a distopia através da utopia. Esta adaptação realça a idealização de como é que o indivíduo poderá vivenciar o espaço reabilitado de forma harmónica e cuidadosa.



II.III. A paisagem napperon

No momento em que a paisagem é tudo, o cenário é um diagnóstico de uma organização humana do território. Num ambiente caloroso e fantasioso em que a natureza se funde, surge a capacidade utópica de trazer novas formas de explorar o espaço distópico, com a presença de várias atividades de lazer e de plataformas pedonais. Esta busca de naturalidade composta por elementos construtivos e de relações humanas refletem a *ustopia* de um lugar seguro e real pelas características visuais e dinâmicas que apresenta. Este cenário é mais um reflexo de que a presença humana e pode ser vista de forma positiva ao invés de forma negativa num conjunto natural equilibrado.



II.IV. *A paisagem napperon*

Perante a aproximação de um do tanque da nova linha estrutural ribeirinha, a água destaca-se como fonte de sustento do mecanismo criado. A água refletirá sempre a base da mudança da paisagem e o estímulo para salvaguardar a permanência deste ecossistema diversificado. Na paisagem *napperon*, entre a distopia e a utopia, entre o sonho e a realidade os flamingos *Phoenicopterus roseus* caracterizam o passado, presente e futuro do espaço, pois são os que representam este ambiente. E a perspectiva aqui a refletir é que estes perdurem e sejam sempre o impulso para dar vida ao cenário natural intenso idealizado.



II.V. A paisagem *napperon*

A água invade o espaço de forma subtil, transmitindo a distopia do cenário ao relacionar-se com os pequenos campos que formam a vegetação linear das salinas. Neste momento, a água é o elemento com mais destaque na paisagem, através dela a relação entre o indivíduo e a natureza é realizada de forma especial, suscitando sensações reais e ao mesmo tempo utópicas. A paisagem *napperon* é assim construída com pequenos retratos reprodutores do novo espaço idealizado.